

ALTEIRA

CR\$ 8,00

JULHO • 1956
Segunda Quinzena

Giuseppe Penone

15 DE JULHO

NOVA! MARAVILHOSA FÓRMULA DA **POND'S**
AMACIA E EMBELEZA AS MÃOS!

Penetrante loção suavizadora

- *Faz desaparecer a vermelhidão*
- *Reduz as calosidades*
- *Abranda as cutículas partidas*
- *Clareia e amacia as mãos*

Agente suavizador instantâneo — penetra realmente na pele!

Esta é uma nova e revolucionária loção — *Angel Skin* da **Pond's**! — uma criação científica notável, destinada a promover a saúde natural da pele... e a suavizar as mãos sulcadas. *Angel Skin* não atua somente na superfície; penetra profundamente, atingindo até a última camada do tecido, onde as asperezas, o ressecamento e a vermelhidão têm as suas origens.

Angel Skin não deixa resíduos pegajosos!

Você aplica *Angel Skin*... e o sentirá desaparecer, instantaneamente absorvido pela cutis. *Angel Skin* reage contra a ação alcalina dos sabões e detergentes; neutraliza os seus efeitos prejudiciais e auxilia a pele na função de renovar sua "Camada Protetora". Logo após a aplicação de *Angel Skin*, as mãos doloridas e vermelhas se tornam suaves... voltam à cor natural.

Adquira, hoje mesmo, esta perfumada loção para as mãos! E veja, em sua própria pele, os maravilhosos resultados!



Mãos irritadas pelos sabões — *Angel Skin* reage contra a ação alcalina dos sabões e detergentes: neutraliza os seus efeitos e combate a irritação.



Braços e cotovelos ásperos e ressecados — *Angel Skin* restaura a cutis. Dissolve as asperezas dos braços e cotovelos.



Cutículas partidas — *Angel Skin* amacia as cutículas. Eis porque você deve usá-lo antes de fazer as unhas.



Angel Skin

da **POND'S**

Use Angel Skin! Você terá uma pele angelical!

bela tonalidade para seus cabelos

INALTERÁVEL MESMO QUANDO LAVADOS... EM APENAS ALGUNS MINUTOS !



DIRETAMENTE
DO FRASCO

A solução colorante
é aplicada
diretamente do
frasco no cabelo



LHE
OS DEDOS!

é necessária
as mãos ou
para se
um colorido uniforme.



Em poucos minutos, ROUX COLOR SHAMPOO
dá vida nova e brilho rejuvenescedor ao seu
cabelo, numa tonalidade uniforme... vibrante...
atraente! Use ROUX COLOR SHAMPOO
conforme as indicações — é tão fácil, tão
rápido... maravilhosamente natural e durável!

Escolha a sua tonalidade entre as 17 cores,
desde o louro pálido até o preto azulado.

ROUX

COLOR SHAMPOO

Distribuidor Niasi S.A.

1 minuto com KOLYNOS lhe dá



essa **proteção** extra
contra as cáries

essa **sensação** extra
de **frescor**

Hoje, mais e melhor do que nunca, o Creme Dental KOLYNOS protege os seus dentes contra as cáries, graças à sua exclusiva espuma de Ação Anti-Enzimática! A milagrosa substância Anti-Enzimática penetra até onde a escova não pode alcançar e atua como escudo protetor em torno de cada um dos dentes. E o sabor de KOLYNOS é único, é delicioso! Cada vez que V. escova os dentes, permanece em sua boca essa sensação extra, agradável, de limpeza e de frescor... seu hálito fica puro e saudável. Para proteção sem igual e frescor sem par, basta 1 MINUTO com KOLYNOS, três vezes ao dia.

...gracias à
exclusiva espuma
de Ação
Anti-Enzimática



— agora também em tamanhos GIGANTE e FAMÍLIA

2-R

Cartas à Redação

Continuação da pag. 8

Como não conheço o enderêço do Sr. Corain e tendo em vista o estado lastimável de minha esposa, queria pedir a V. Sas. ou ao Sr. de Lucca que pedissem àquele inventor a remessa, por reembolso, de uma quantidade de «Carboncelox», para o meu enderêço.

G. B. G. — CARASINHO — RS

LI, na revista ALTEROSA, uma reportagem de Domingos de Lucca Junior, na qual aquele jornalista assume a defesa, pela Imprensa, da autenticidade das curas de câncer obtidas por meio do «Carboncelox», descoberta de Sebastião Corain, como também do seu emprêgo, para alívio de milhares de infelizes, após experiências mais concludentes, por parte das autoridades competentes.

Por ocasião dos experimentos realizados pelo Serviço Nacional do Câncer, escrevi um artigo no «Diário Paulista», de Marília, no qual, baseando-me no poder absorvente do carvão, estabeleci claramente, como causa possível daquelas curas já comprovadas extra-oficialmente, o efeito daquela absorvência.

Não quero dizer — nem acredito — que haja sabotagem por parte da ciência oficial; o que deve haver, e o que com toda certeza está havendo, é uma falta de uniformidade no fabrico do «Carboncelox» — daí dar resultados espetaculares nalguns casos e falhar, até certo ponto, em outros.

Anexo o «Diário Paulista» de 30 de janeiro de 1955, no qual publiquei o meu artigo «O Carvão no Tratamento do Câncer», e, se assim procedo é porque julgo que as idéias aí contidas irão auxiliar a demonstração de um fato que, com o avanço do atomismo, será fatalmente comprovado dentro de poucos anos.

Aproveito a oportunidade para augurar ao seu distinto colaborador, Sr. Domingos de Lucca Junior, os meus melhores votos pelo êxito de sua campanha, em cujo sucesso antevejo o alívio de muitos infelizes.

DORIVAL MALHEIROS — MARÍLIA — SP

A propósito da autenticidade dos resultados obtidos pelo sr. Sebastião Corain, nada temos a acrescentar, além do que já foi dito pelo nosso colaborador (e com sua inteira responsabilidade). Agradecemos o artigo enviado pelo sr. Dorival Malheiros, que por se tratar de matéria de fundo muito científico, não ficaria bem colocada nas páginas de ALTEROSA. Além do mais, julgamos que o assunto, pelo menos por ora, está encerrado. Só nos cumpre agora, para atender ao leitor G.B.G., publicar o enderêço do sr. Domingos de Lucca Junior (Alameda Barão de Limeira, 425 — Empresa «Folha da Manhã» — São Paulo — SP), que é quem poderá pô-lo em contato com o sr. Corain.

A Opinião dos Leitores

NAO posso deixar de levar ao conhecimento de V. Sas. que não aprecio muito a seção «Cinema», porquanto a mesma costuma apresentar notícias velhas, na seção «Fatos e Boatos». Aliás, há muito venho notando isso, mas sempre evitei escrever-lhes, porque o fato não diminui o alto valor da revista. Agora, porém, deparei com uma notícia que me fez escrever à V. Sas. E' sobre o filme «O Cisne», estrelado por Grace Kelly. Lá na seção dizem que, apesar de seu casamento, esta artista não parece que irá deixar o cinema, «pois já tem programadas» essa película e uma outra. Entretanto, se não me falha a memória, o filme foi existindo (Conclui na pag. 107)



até pelo telefone, você pode ganhar mais dinheiro fazendo assinaturas de ALTEROSA



SE você dispõe de duas ou três horas por dia, porque não aproveitar essa folga para ganhar mais dinheiro, reforçando o seu orçamento com mais alguns milhares de cruzeiros por mês?

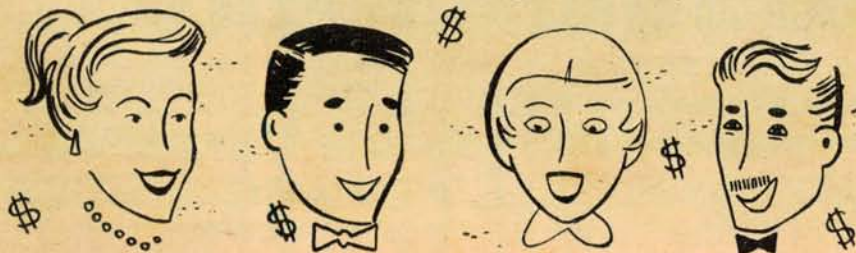
A verdade é que muita gente vive em aperturas financeiras simplesmente por falta de iniciativa, por não saber aproveitar melhor o seu tempo. Quer você seja um aposentado, uma dona de casa, ou uma pessoa em pleno exercício de qualquer atividade profissional, há sempre um meio — se tem boa vontade — de realizar um trabalho extra, que lhe seja proveitoso!

Fazer assinaturas de ALTEROSA, por exemplo, é um trabalho que você pode realizar facilmente, aproveitando umas poucas horas disponíveis, pela manhã, à tarde, ou mesmo à noite. Em certas cidades, existem donas de casa que estão obtendo substancial auxílio para o orçamento doméstico, fazendo assinaturas desta revista... pelo telefone! Enquanto as panelas fervem sobre o fogão, essas ativas senhoras estão auxiliando seus maridos, usando o telefone de seus lares para uma útil e proveitosa atividade que lhes rende bons cruzeiros por dia!

E muitas centenas de pessoas — funcionários, bancários, dentistas, médicos, farmacêuticos, datilógrafas, normalistas, universitários, professoras, secretárias, corretores, viajantes, lojistas, etc. — estão ganhando muito dinheiro, com assinaturas desta revista, melhorando a sua receita mensal com um trabalho fácil, suave e rendoso!

Aproveite a oportunidade que lhe oferecemos, tornando-se representante de ALTEROSA em sua cidade. Envie o cupom deste anúncio, devidamente preenchido, com letra bem legível, para: SOC. EDITORA ALTEROSA LTDA., Caixa Postal 279, Belo Horizonte, MG. Desde que as suas referências sejam julgadas aceitáveis, prontamente lhe remeteremos o material de serviço e as instruções necessárias.

Lembre-se: não existem dificuldades financeiras para quem sabe aproveitar bem o seu tempo, fazendo assinaturas de ALTEROSA



aqui está

a sua

oportunidade!

FICHA DE INSCRIÇÃO PARA REPRESENTANTE DE "ALTEROSA"

Candidato-me ao cargo de representante de ALTEROSA em minha cidade, para o que peço as necessárias instruções:

NOME _____

IDADE _____ ESTADO CIVIL _____ PROFISSÃO _____

RESIDÊNCIA: _____

CIDADE _____ ESTADO _____

FONTES DE REFERÊNCIA

Indique 3 pessoas ou firmas idôneas, com os respectivos endereços em sua cidade)



faça uma
viagem
de ouro...



Vôe a Goiânia no **Garimpeiro**

4 vezes por semana, o "Garimpeiro" da Real liga Belo Horizonte a Goiânia em voo direto! Trata-se de um voo especial - criado para o maior conforto e prazer de suas viagens. Você voará em confortáveis Douglas DC-3 e terá ainda 25% de desconto*! A bordo, o impecável serviço da Real. Escolha o "Garimpeiro" e fará uma viagem de ouro.

O "Garimpeiro"
serve estas cidades:

Anápolis	Goiânia
Belo Horizonte	Rio de Janeiro

*Desconto aprovado pelo D.A.C. sobre as tarifas dos luxuosos Super-Convair 340

REAL-AEROVÍAS

10 anos
de real serviço
ao Brasil



Passagens: Rua Espírito Santo, 647 - loja - Edif. Acaiaca - Tel. 2-6158
Av. Afonso Pena, 342 - Tel. 4-4088

Encomendas e cargas: Av. Paraná, 60 - Tel. 4-4410

JAN 37.080

ALTEROSA

PARA A FAMÍLIA DO BRASIL

ANO XVIII • Nº 238

CR\$ 8,00 EM TODO O PAÍS

CAPA

Mala Powers, num Kodachrome da RKO.

Na capa da nossa edição da primeira quinzena deste mês saiu a fotografia da estrela Julie Adams (Universal-International) e não de Ava Gardner, como por engano foi publicado.

CONTOS E NOVELAS

Os Retratos de Afrânio	22
A Demora do Noivo	34
Vozes na Treva	44
Um Homem Com Duas Espôsas ..	56

ARTIGOS E REPORTAGENS

O Brasil Receberá Bandeirantes de Todo Mundo	18
Miss Brasil 1956	26
IV Jogos Universitários Paulistas ..	42
O Tibet Abre as Portas Para a Civilização	50
Fui Cozinheiro de Goering	70
Os Casamentos têm de Tudo	94
Continuidade	116

PARA A MULHER E O LAR

Bazar Feminino	62
Modas — A partir da página	74
Arte Culinária	84
Para o Seu Lar	86

SEÇÕES PERMANENTES

Concurso de Contos	24
Panorama do Mundo — A partir da página	2
Cartas à Redação	8
Sociedade	10
Quitandinha	12
Páginas da História	14
Fuga	16
Passatempo	36
Arte de Viver	37
Problemas de Todo Mundo	38
Tapête Mágico	40
Esparsos	48
Dentro da Vida	54
Bom Tom	59
Cantigas	64
O Crime Não Compensa	66
Teste	69
Nossas Crianças	82
Cinema — A partir da página	88
Rádio, TV e Discos	98
Caixa de Segredos	100
Brotinhos & Balzaqueanas	102
A Voz do Brasil	111
Colaboração de Leitores	112

TIRAGEM 54.000 EXPLS.



Oração por um Mundo Melhor

A NOSSA Terra é nada mais que uma pequena estrela dentro do grande universo. Ainda assim, se nós o desejarmos, podemos fazer dela um planeta livre dos vexames da guerra, das conturbações da fome e do medo, indiviso pelas insensatas distinções de raça, de cor e de teorias.

Outorguemo-nos a fraternidade, não somente para o dia que passa, mas por todos os anos da vida. Mas que seja uma fraternidade não somente de palavras, mas de atos e ideais. Somos, todos nós, filhos da Terra. Convençamo-nos, pois, desta verdade tão simples. Se os nossos irmãos estão oprimidos, estaremos nós oprimidos também. Se eles têm fome, nós também a temos. Se a liberdade deles lhe é tomada, a nossa liberdade não está em segurança.

Outorguemo-nos uma fé comum, uma fé em que o homem deverá conhecer o pão e a paz; em que o homem deverá conhecer a justiça e o direito, a liberdade e a segurança, e oportunidades iguais e ocasiões iguais de fazer o melhor de si mesmo, não somente nos seus próprios domínios, mas através de todo o mundo.

E, nesta fé, marchemos na direção do mundo puro que as nossas mãos podem construir. —
Stephen Vincent Benet



TANTAS PEDRAS, QUANTAS CABEÇAS



O povo de Visciano carregando pedras.

A aldeia de Visciano fica no alto das Colinas Sanitas, no sul da Itália. Produz cerejas e avelãs e, entre as safras, os seus habitantes são vítimas das brincadeiras dos moradores de Nola que está situada lá em baixo, na planície. Os moradores de Nola acham que a gente das colinas é lerda e, quando vêem alguém que fala devagar, perguntam: «Você vem de Visciano?»

Parece que o povo de Visciano não liga para essas coisas. Mas o prefeito da cidadezinha acabou se amolando com o caso, e instou com as autoridades de Roma para arranjam um meio de transporte moderno para Nola, em substituição ao transporte em lombo de burro. Arranjaram um ônibus avariado para fazer uma viagem diária. O povo de Visciano achou que era uma temeridade viajar no veículo e continuou fiel ao transporte feito no dorso de equinos.

O prefeito ficou ainda mais amolado. Procurou o vigário local, e queixou-se «O que adianta a gente esforçar-se por Visciano?». Don Arturo, o vigário, resolveu agir à sua própria maneira. Ele sabia que os habitantes de certa região dos Alpes tinha atraído a juventude protestante da América e Europa para construir um campo de veraneio naquelas montanhas. Recorreu à emulação, e perguntou a seu rebanho: «Será que todo mundo vai poder falar que os protestantes fazem coisas melhores de que as suas? Será que poderão dizer que vocês jamais construiram coisa alguma? Será que teremos construções nos Alpes mas não no ponto do Monte Vergine onde a Virgem Maria apareceu, em 1597, para salvar Visciano da fome e da peste? Quando São Francisco estava construindo o seu Mosteiro em La Verna prometeu: (Quem me der uma pedra, terá uma pedra por recompensa. Quem me der duas pedras, terá duas pedras por recompensa. Quem me der três pe-

A LEI DÊLE ERA MATAR



Tinajero, «O Falcão»

NAS mãos de Ramón («O Falcão») Tinajero, a lei era uma coisa dura e sumária. Ele era o chefe de polícia da aldeia de Jerécuaro, Estado de Guanajuato, México. Quando o acusado de um crime qualquer deixava de apresentar-se 24 horas após a citação, estava ditando a sua própria condenação à morte. O semi-analfabeto chefe de polícia partia em perseguição do retardatário e, mal o havia encontrado, executava-o sumariamente.

Sua violenta carreira durou três anos. No princípio, os parentes das vítimas, sempre que podiam disparavam tôdas as suas armas contra ele. Era inútil: ele sempre levava a melhor nos tiroteios. Atribuíam-lhe 63 mortos, (inclusive os assassinatos de 16 de seus próprios policiais) e chegava a 62 o número de pessoas que tinham sido mortas por ordens dêle. Faz quatro meses, a cidadezinha estava virtualmente em armas contra o

«Falcão», e ele não teve alternativa senão fugir. Foi para a Cidade do México, e dedicou-se a um trabalho mais pacífico: criar galinhas.

A tranquilidade foi interrompida quando ele viu um tipo que tinha razão de temer. Era Juan Pineda, de 32 anos, e que tinha dois irmãos relacionados entre as vítimas do «Falcão». A noite estava muito calma e a rua deserta quando o «Falcão» ficou de tocaia e alvejou Pineda com um arma automática. Sua pontaria já não era a mesma e, Pineda, embora atingido por três balas, sobreviveu e o denunciou à polícia.

O «Falcão» foi preso imediatamente, e confessou calmamente os seus crimes, mas insistiu que os praticara «em legítima defesa ou em defesa da justiça». Com isso não concordaram as autoridades de Guanajuato que reclamaram a presença dêle como acusado de 48 homicídios di-

(Conclui na pag. 111)

dras, terá todas as bênçãos). Se cada um de vocês levar uma pedra até o topo da colina, construiremos, lá, um abrigo para as crianças abandonadas no mesmo ponto onde a Santa Virgem deixou que a sua estampa fosse encontrada para o bem de Visciano».

O povo compreendeu o que o padre queria. Todo mundo começou a carregar pedra, colina acima, levando-se quase sempre na cabeça. No dia Primeiro de Maio até os comunistas entraram numa procissão que estava carregando pedras em honra da Virgem Maria. Até o povo de Nola admirou o trabalho da gente de Visciano, e colaborava de vez em quando com materiais para construir o orfanato que abrigará 200 crianças, de três a sete anos.

No fim de maio último, Don Arturo deu o basta. Disse que já contava com todas as pedras necessárias, e que o orfanato já estava em construção. A gente de Visciano ficou satisfeita, e o prefeito também ficou. Para ele a cidadezinha estava se reabilitando, e declarou, louvando a Don Arturo: «Se outras pessoas usassem a cabeça deste jeito, o mundo faria muito mais coisas, e haveria muito menos conversinhas».

Agora Visciano é um lugar reabilitado no conceito de muita gente. O povo de Nola já não pode chamar de moleirões os habitantes das colinas. É verdade que a obra encetada por Don Arturo tinha se inspirado em organizações que tinha visto no Piemonte, quando visitou as famosas e filantrópicas instituições criadas pelo Venerável Dom Bosco, e destinadas a crianças sem teto nem agasalho. Despertou os brios da gente de Visciano, fazendo-lhe ver que era tida e havida por submissa demais, sem expediente nem capacidade de realizar fosse o que fosse. E o fato é que todo mundo lucrou com a coisa. Visciano vai ter um orfanato, o prefeito agora tem mais confiança nos seus municípios, e até os comunistas tiveram um gesto de solidariedade. Foi completa a vitória de Don Arturo.



VACINAÇÃO EM ISFAHAN — Há pouco tempo, os nômades de remotas regiões do Irã defrontaram-se inesperadamente com alguma coisa pela qual não esperavam: médicos vacinadores encarregados de imunizá-los contra a varíola. O fato ocorreu na província de Isfahan, onde a varíola tem provocado, anualmente, epidemias fatais. A princípio, os nômades estranharam as medidas governamentais que lhes enviavam médicos encarregados de zelar por sua saúde. Sem embargo, submeteram-se à medida profiláctica que deu excelentes resultados pois a epidemia periódica não se manifestou este ano. A foto mostra o instante em que estava sendo vacinada uma criança nômade.

Flagrantes

EM EDIMBURGO, ESCÓCIA, a Sociedade Bíblica Nacional mencionou um erro ocorrido na tradução do Padre Nosso, feita na República da Libéria, onde a frase "Não nos deixeis cair em tentação" foi traduzida para "Não nos agarreis quando nós pecarmos".

EM WESTPORT, ESTADOS UNIDOS, Walter Buckner foi preso por ter ficado de pé na sua motocicleta e ter atravessado nessa posição um dos locais de tráfego mais difícil da cidade, explicou para o inspetor que o deteve: "Senti vontade de empreguiçar-me, mas não queria parar e perder tempo com isso".

NO RIO DE JANEIRO, o lavador de janelas Alves de Souza foi preso por exercício ilegal da medicina, deu a seguinte explicação: "Roubei tão grande quantidade de medicamentos nos hospitais onde trabalhei que, a fim de evitar que eles ficassem perdidos, tive de abrir um consultório médico para vendê-los a meus clientes".

EM NOTTINGHAM, INGLATERRA, a Sra. Mary Bettson freqüentou um cinema local durante 45 anos, três vezes por semana, foi cortejada no mesmo lugar por dois pretendentes à sua mão, casou-se com um e outro em épocas diferentes, há pouco recebeu uma proposta para aceitar as duas poltronas como uma "recordação sentimental", declinou da oferta, alegando: "De tanto usarmos essas poltronas, meu marido e eu tornamo-las imprestáveis".

EM BUTTE, ESTADOS UNIDOS, uma mulher telefonou ao posto policial da cidade, anunciou com voz aflita que o seu marido e um cãozinho dela estavam desaparecidos, acrescentou: "Não estou preocupada com o meu marido, mas com o cachorro. Ele está sob tratamento médico".

EM TRENTO, ITÁLIA, a Sra. Speranza Antonelli ficou furiosa quando soube que o seu marido, um operário, fora despedido do trabalho, deu-lhe uma porretada com que o fez perder os sentidos, pensou as coisas melhor, sentou o porrete na cabeça do capataz dele, deixou-o sem sentidos também.

EM MACEIÓ (AL) o prefeito Abelardo Pontes Lima, reagindo contra mandato de segurança concedido pelo juiz Faustino Miranda a favor de comerciantes contrários à majoração de impostos, ordenou à Cia. de Força e Luz do Nordeste do Brasil o corte de toda iluminação pública paga pelos cofres municipais, anunciou a paralização dos serviços de coleta de lixo, a suspensão do auxílio municipal ao Corpo de Bombeiros, o fechamento do Pronto Socorro, e a interrupção de todos os serviços públicos em andamento.

EM VANCOUVER, CANADA, Gordon Everts foi preso por tentativa de homicídio na pessoa do seu sobrinho, desabafou-se com os policiais, dizendo: "Eu segurei-o e minha esposa golpeou-o com um machado. Foi a primeira vez que ela se comportou como mulher — e não como rato — quando solicitada a fazer alguma coisa para mim".

EM BIELEFELD, ALEMANHA, o motorista Georg Plaut foi multado em cerca de quatro mil cruzeiros sob acusação de "usar linguagem insultuosa para os outros motoristas", o que era feito com um letreiro luminoso que ele havia instalado na janela traseira de seu carro, e que ficava acendendo e apagando a palavra PORCO.



Comandante Crabb, o homem-rã.

CHAMAVAM-LHE o homem-rã. O nome completo era Comandante Lionel Kenneth («Buster») Crabb. Aparelhado com equipagem de mergulhador era capaz de intimoratar proezas no fundo do mar.

Foi assim que serviu à sua pátria, a Inglaterra, durante a última guerra. Em 1942 quando os mergulhadores italianos minavam os cascos das belonaves inglesas ancoradas ao largo de Gibraltar, Buster Crabb entregava-se ao perigosíssimo trabalho de remover as minas fatais. Terminada a guerra, estava condecorado por heroísmo, e voltou à vida de civil.

O mundo voltaria a falar d'ele. No dia 17 de abril passado ele hospedou-se num hotel da cidade inglesa de Portsmouth. No outro dia, o cruzador russo Ordzhonikidze entrou no porto daquela cidade levando os estadistas soviéticos Khrushchev e Bulganin para uma visita à Grã-Bretanha. Durante este dia, o comandante esteve ausente do hotel. No dia imediato apareceu, e terminou sua estada ali. Desde então, até a data em que esta nota foi redigida ninguém mais o viu.

Dias depois, era o próprio Almirantado inglês quem anunciava que o Comandante Crabb estava desaparecido, possivelmente afogado. Acrescentou apenas que o homem-rã Crabb fora convocado para uma missão especial, relacionada «com experiências

com certos equipamentos submarinos».

Por sua vez, os russos anunciaram que uma sentinela do cruzador tinha visto o homem-rã aparecer na superfície das águas no porto de Portsmouth. um adido naval soviético acrescentou que, dadas as circunstâncias, eles não haviam tomado providência alguma a respeito do incidente. Sem embargo, sabia-se que após o ancoramento do cruzador os russos tinham colocado ao largo um contingente dos seus próprios homens-rãs.

Entrou-se no período das especulações. Teria o homem-rã defrontado com os seus similares soviéticos, e perecido às mãos destes? Teria sido raptado e levado para a Rússia? Se o tivessem matado, onde estaria o seu cadáver? Por que o Almirantado deixara passar dez dias antes de fazer menção sobre o caso? Estaria o homem-rã fazendo espionagem sobre o cruzador e belonaves soviéticas fundeados no porto?

Os parlamentares ingleses entraram de rijo no assunto, querendo saber de todas as respostas. Foi um tempo feio para o primeiro ministro Anthony Eden.

UMA BOA «COLA»

É FEITA COM «CHULETA»



Na Europa como aqui a cola é um fato.

SEM embargo do que dizem os catões caboclos, a «cola» não é uma instituição puramente brasileira. Ela existe na Espanha também, e o que é melhor, (ou pior) com arte. Foi o que José Antônio Suárez, uma espécie de líder das atividades culturais estudantis da Universidade de Barcelona, procurou demonstrar em abril passado. Suárez é um tipo galhofeiro e, para demonstrar que a «cola» bem sucedida requer engenho, organizou uma exposição pública de «chuletas». A palavra espanhola «chuleta» quer dizer literalmente costeletas, mas na gíria universitária significa anotações para «cola». e, por extensão, qualquer maneira de «colar».

Os figurões da Universidade de Barcelona opuseram-se à idéia de Suárez, mas o rapaz não cedeu. Em primeiro lugar assegurou a devolução das «chuletas» de todos os «artistas» participantes da mostra, e garantiu que todos ficariam protegidos pelo anonimato. A exposição foi dividida em partes clássica e moderna, e foi aberta com 25 espécimes. A ela compareceram grande número de estudantes e vintenas de professores, que foram prêsas das mais contraditórias emoções. Suárez achou a parte moderna um tanto «fraquinha», e explicou: «Uma chuleta respeitável deve revelar a personalidade do estu-

Tentou sair do assunto com evasivas, mas acrescentou sibilantemente: «Acho necessário, face às circunstâncias especiais deste caso, esclarecer que os acontecimentos verificados tiveram lugar sem autorização ou conhecimento dos ministros de Sua Majestade. Serão tomadas as medidas disciplinares que o caso requer».

Os russos tinham a sua versão da história. Alguns marinheiros tinham visto o homem-rã com aparelhagem de mergulhador, flutuando entre dois «destroyers» soviéticos, às 7,30 da manhã. Tinha ficado na superfície um ou dois minutos, e mergulhado em seguida. O almirante russo apresentou queixa ao comandante da base naval de Portsmouth, mas o reclamado negou, peremptoriamente, a possibilidade de haver um homem-rã inglês na área.

Com base nesses fatos essenciais Moscou tinha enviado uma nota de protesto à chancelaria inglesa, denunciando o que chamou de «espionagem vergonhosa». A resposta inglesa foi embaraçada e concisa: «O Comandante Crabb estava realizando experiências de mergulho, e, como é de supor, perdeu sua vida durante elas. Sua presença junto dos «destroyers» teve lugar sem permissão de qualquer espécie, e o Governo de Sua Majestade apresenta suas desculpas pelo incidente». Essas palavras eram mais esclarecedoras, mas o que aconteceu ao homem-rã continua sendo um mistério.



A LEI CONTRA O PROFETA — Esta foto foi batida exatamente quando um policial de Oakland, Estados Unidos, passava as algemas em torno dos pulsos de Francis Pencovic, um barbudo indivíduo que se proclamou chefe de desconhecida seita religiosa, adotando, a propósito, o nome indiano de «Krishna Venta». Pencovic afirma que, pelos ditames de sua fé, é obrigado a renunciar a todos os bens terrenos. Mesmo assim, um tribunal americano o condenou a pagar uma mesada substancial à sua ex-espósa e, como se recusasse a fazê-lo, acabou na cadeia.

dante, e ser um produto da mão de obra espanhola».

A parte clássica foi um sucesso, e prolongou para um mês a duração da mostra. Algumas das «colas» em manuscrito foram anexadas, pelos «artistas» a objetos de quinquilharia e artigos de calçar, usualmente colados sobre o peito do pé de meias e sapatos. O primeiro prêmio da exposição foi dado a uma «cola» manuscrita que deslizava sobre minúsculos cilindros, ficando toda a engrenagem escondida dentro de uma caixa de fósforos com orifícios que permitiam insuspeitada leitura. O segundo prêmio foi atribuído a uma tira de papel translúcido, com pouco mais de 6 cm2, que trazia resumos completos de três matérias, cada um escrito com uma tira de cor diferente. O terceiro prêmio coube a um pedaço de cristal de rocha aparentemente inofensivo. Toda a aparência dizia que era um simples peso de papéis mas, quando observado de um ângulo especial, ele mostrava, grandemente ampliada, uma série de fórmulas químicas.

E não se diga que os professores foram unânimes em condenar as «chuletas». Alguns fizeram exatamente o contrário. O Dr. José Maria Pi y Suñer, deão da escola de direito da Universidade de Barcelona, declarou que uma boa «chuleta» denuncia um estudante alerta que pas-

(Conclui na pag. 113)



DEPOIS DE U NU, U BA SWE — Após as eleições realizadas em abril passado, o «premier» U Nu, da Birmânia, deixou o seu posto, a fim de reorganizar politicamente a Liga Anti-Fascista, daquele país. Foi substituído por seu amigo U Ba Swe, cognominado «O grande tigre», por ter nascido numa segunda-feira, «o dia do tigre» em sua terra, e por ser um indivíduo

de gênio forte. Durante a última guerra, U Ba Swe chefiou um movimento de resistência aos japoneses enquanto fazia de conta que estava cooperando com eles. Ao ser investido no cargo, U Ba Swe, que aparece na foto acima, declarou que não modificará a política neutralista de U Nu, e que a mudança verificada na chefia do governo «é apenas uma troca de personalidades».



TRÊS meses após ingressado na New York, New Haven and Hartford Railroad, uma estrada de ferro norte-americana, o guarda-freios Ray Cahill foi controlar o tráfego paralelamente a uma via férrea que atravessa pelo meio uma das mais movimentadas estradas públicas de New Haven. De repente, um caminhão desviou-se de sua pista e atirou o guarda-freios contra um vagão, causando-lhe graves ferimentos.

Cahill acionou a companhia empregadora, alegando que não tinha recebido instruções adequadas antes de ser destacado para fazer trabalho arriscado. O desastre ocorreu em junho de 1953, e o julgamento da ação evoluiu

O NIZAM ESTÁ FICANDO POBRE



O Príncipe de Berar

NINGUÉM sabe exatamente a quanto monta a fortuna do Nizam de Hyderabad, o fabuloso miliardário oriental atualmente com 72 anos. Dizem que, recentemente, um bando de ratos roeu oito milhões de dólares (ao câmbio de 35 equivale a 280 milhões de cruzeiros) guardados nas bolorentas arcas do palácio do Nizam, tornando discutível o valor daquela espécie. Afirmam outros que o Nizam demitiu inesperadamente um homem que tinha contratado para contar e avaliar as jóias contidas em suas arcas. Deu o bilhete azul quando ficou sabendo que o homem ia gastar um ano para fazer o trabalho, e comentou: «Ora, o meu empregado ia ganhar um salário fabuloso».

É por essas e por outras que muita gente acha que o Nizam é o homem mais rico do mundo. O que muita gente não sabe é que as coisas mudaram muito na Índia. Passaram os tempos quando o Nizam era o senhor absoluto de Hyderabad, vestia brocados com incrustações e importava bandas de jazz da Inglaterra. Como chefe autocrático do estado de Hyderabad ele é sujeito ao governo indiano, e tem a

seu dispor apenas um selo de um milhão de dólares líquidos, cuja metade corresponde exatamente a suas despesas. Foi por isso que o Nizam mandou guardar sua frota de Cadillacs e outros automóveis caros, e agora, viaja apenas num fordinho 34, remodelado. Passou também a planejar pessoalmente o cardápio diário de seus dependentes domésticos que são 3 espósas, 42 concubinas, 33 filhos, 40 netos e, calculadamente, 3.400 criados.

O filho mais velho do Nizam tem 49 anos e chama-se Azam Jah, Príncipe de Berar. Tem uma vida diferente. Sua espósa reside muito longe, em Londres, e ele passa o tempo jogando polo, estudando as «barbadas» da próxima corrida de cavalos, etc., e à noite vai nadar numa piscina em companhia das cinquenta companheiras do seu harém. Para outros uma mesada mensal de dez mil dólares (350 mil cruzeiros, câmbio de 35) não daria para saldar todas as despesas de tão faustoso viver. Para o Azam era café pequeno. Ele apenas examinava as contas e garantia aos credores que um dia seria Nizam.

Quando ficou patente, no ano passado, que a saúde do velho Nizam estava em grande forma, os credores e banqueiros de apostas do Príncipe começaram a exigir o pagamento das dívidas con-

(Conclui na pag. 111)

a passo de lesma nos tribunais, enquanto o acidentado e sua família (espósa e três filhos) eram mantidos por uma instituição social. Finalmente, em junho último a Suprema Corte dos Estados Unidos deu ganho de causa a Cahill, e em janeiro indeferiu, unânimemente, uma apelação com que a ferrovia pedia nova audiência para o caso. Aparentemente, estava firmada uma decisão final para a pendência. Cahill, agora com 24 anos, estava inválido para sempre. A estrada de ferro foi obrigada a pagar-lhe uma indenização superior a 96.000 dólares.

Cerca de 30.000 dólares foram destinados ao pagamento de advogado, quarenta mil saldaram outras contas — de hospitais, médicos, etc. — e com o resto Cahill comprou um automóvel e um lote de terreno onde começou a construir uma casa que

devia ficar em 14.000 dólares. Ele reservou certa quantia para acorrer às despesas durante três anos, tempo necessário para estudar e tornar-se professor de matemática.

Quando Cahill e sua família ainda estavam pagando contas e fazendo planos, a ferrovia bateu de novo às portas da Suprema Corte. Os advogados de New Haven lançaram mão de um direito poucas vezes usado, e pediram a revogação do julgamento anterior. Na segunda quinzena de maio último a corte anulou suas decisões anteriores, e devolveu o caso à corte de apelação para esclarecer se o juiz de instrução tinha acolhido irregularmente provas de acidentes anteriores no lugar onde Cahill fôra acidentado.

A decisão da egrégia corte tornou-se um assunto nacional. Muitos dos juristas da nação fi-

caram chocados com ela. Eminentemente advogados discordaram do ato, e houve citações de jurisprudência antiga para ilustrar pontos de vista sobre o caso. Mais importante do que tudo era o lado humano e pessoal da questão. De uma hora para outra, o inválido Cahill sentiu que a decisão da justiça podia ser fatal a seus planos. Quando soube do resultado do julgamento exclamou como um autômato: «Oh, meu Deus, quer dizer que vão tirar-me tudo?» Um empregado do Departamento de Relações Públicas da estrada de ferro fez, na mesma época, uma declaração que pode responder em parte, à pergunta. Disse: «A companhia não tem interesse em dificultar a vida de Cahill. Tenho para mim que não vamos tomar a casa dele». Sem embargo, o desfecho deste caso comovente e pessoal só no futuro poderá ser conhecido.

AGORA ÊLE TEM MILHÕES DE FIÉIS



Gautama, o Buddha

A segunda quinzena de maio passado foi o tempo de comemorar a morte de Buddha, ocorrida há 2.500 anos. As festividades contaram com os preparativos de milhões de bu-

distas do sueste da Ásia, e foram um inesquecível tributo à memória do fundador de uma religião que, provavelmente, é adotada por um quinto da população mundial.

Na Birmânia, o governo do «premier» budista U Nu previa a efetivação de várias medidas importantes em comemoração da efeméride. Todas as sentenças de prisão seriam reduzidas de seis meses a dois anos, e todas as condenações à morte, mudadas para 20 anos de cadeia. Os animais e pássaros destinados à morte deviam ser soltos, e 100.000 birmaneses planejavam uma peregrinação à Rangoon onde estava marcada a ordenação de 2.500 sacerdotes budistas.

Em Colombo, Ceilão, os preparativos não foram menores. Os operários trabalharam febrilmente para montar gigantesco motor a óleo capaz de fornecer energia elétrica extra para os cordões de lâmpadas que engalanavam quase todas as casas da cidade. Cerca de 50 caminhões foram transformados em carros alegóricos, com cenas da vida de Buddha, e formando uma caravana iluminada cujo roteiro devia abranger toda a ilha. Em Kandy, lugar onde existe um templo que guarda o dente de Buddha, tinha sido programada distribuição de alimentos e roupas a milhares de mendigos, e um desfile de elefantes que devia atravessar a cidade, levando o dente dentro do seu escrínio.

As comemorações previstas para a Índia incluíam o lançamento, em Nova Delhi, da pedra fundamental de um monumento budista, em ato a ser presidido pelo primeiro ministro Nehru que, aliás, é agnóstico. Sem embargo, as principais comemorações estavam marcadas para quatro lugares sagrados: Lumbini, onde Buddha nasceu; Bodhi Gaya, onde conseguiu o esclarecimento; Sarnath, onde fez o seu primeiro sermão; Kushinara, onde morreu.

Buddha era príncipe, filho de um rajá. Seu nome original era Gautama, e do pai recebeu palácios, escravos, odaliscas, e todas as espécies de belezas e prazeres. Certo dia, Gautama saiu a passeio

(Conclui na pag. 113)

Vida nova para seus olhos



Precisando de óculos, visite a ÓTICA MINAS GERAIS, aparelhada com os mais modernos instrumentos óticos e pessoal especializado, o que representa perfeição para seus olhos.

ÓTICA MINAS GERAIS

Rua Carijós, 456 - Fone 4-3137
Belo Horizonte

Aviam-se receitas. Atende pelo Reembolso Postal

Impressos de classe

Papéis p/ correspondência
Catálogos e Folhetos
Rótulos e Cartazes
Cartões Comerciais
Jornais e Revistas

Off-Set - Tipografia - Clichês

Preços razoáveis - Entregas rápidas

SOC. EDITORA ALTEROSA LTDA.

Av. Afonso Pena, 941 - 4º andar
End. Telefônico: ALTEROSA
Fone: 2-0632 - Caixa Postal 219
Belo Horizonte

EXPEDIENTE: DAS 11.30 AS 18 HORAS

*Departamento de Arte, para
lay-outs, desenhos e montagens*

CARTAS À REDAÇÃO

Maior Incentivo Financeiro

SUGIRO seja aumentado, pelo menos para 2 mil cruzeiros, o prêmio do Concurso de Contos patrocinado pela «Minas-Brasil». Não que os concorrentes estejam visando apenas a remuneração, mas um nível mais alto de retribuição ao seu esforço só poderá incentivá-los. Há cinco ou seis anos, mil cruzeiros eram um grande prêmio, financeiramente falando. Hoje, com essa quantia, não adquirimos a quarta parte do que comprávamos então.

ALTINO BONDESAN — SÃO JOSE' DOS CAMPOS — SP

A sua sugestão está sendo encaminhada àquela patrocinadora.

Fotos das Candidatas a «Miss Brasil»

DESEJO organizar uma coleção de fotografias de todas as representantes estaduais que concorreram ao título de «Miss Brasil», abrangendo os três últimos certames. Como talvez nessa Capital exista alguma firma do ramo fotográfico que as possua e tenha para venda, venho solicitar-lhes a fineza de me comunicarem o endereço da mesma. Mesmo que não lhes seja possível localizar tal firma, ficaria grato se publicassem trechos desta minha carta, pois é possível que algum leitor me possa atender.

CARLOS JOSE' NOGUEIRA DA GAMA
RUA GABRIEL CARNEIRO, 163 — CONCEIÇÃO DO RIO VERDE — MG

Não conhecemos firma do ramo que possa atender à sua pretensão, mas publicamos o seu endereço, para que lhe sejam transmitidas eventuais informações a esse propósito.

«Sebastião Corain, um Homem Só»

ENDO a reportagem «Sebastião Corain, um Homem Só» (ALTEROSA Nº 235), do Sr. Domingos de Lucca Junior, fiquei muito interessado, pois, há quatro anos, minha esposa foi operada de um câncer e, há um ano e meio, foi novamente operada, quase no mesmo lugar, do mesmo mal, de ambas as vezes por especialistas de Porto Alegre, tendo gasto um dinheirão. O resultado é que agora ela está vivendo a poder de analgésicos, para diminuir as dores insuportáveis, apesar de existir um remédio que poderia acabar com essas dores, como afirma o Sr. Corain. Remédio que ainda não pôde ser empregado em larga escala por se tratar de invento de um «charlatão», conforme dizem os não charlatões, que até hoje não foram capazes de encontrar um remédio eficiente para esse mal.

Como não posso suspeitar da seriedade de ALTEROSA nem do Sr. de Lucca, mas também como não é possível acreditar que as autoridades sanitárias brasileiras não queiram experimentar um remédio só por não ser descoberto de um elemento da classe médica, faço um apelo àquele repórter, no sentido de tomar a iniciativa de fundar uma liga ou sociedade, com o fim de possibilitar a oficialização do emprêgo do «Carboncelox»; assim, o Sr. Sebastião Corain não será mais «um homem só».

(Continua na pag. B)

*Evite que manchas, sardas
e espinhas enfeiem o seu rosto!*

*Para mantê-lo sempre
atraente é indispensável
uma limpeza profunda
e tonificante de sua
pele com a reconhecida
ação medicinal do*

Leite de Colonia

Como corrigir as imperfeições do seu rosto? Antes de tudo é necessário você realizar uma limpeza profunda e revigorante dos poros. Não importa que produtos venha aplicando em seu rosto... sua pele necessita do Leite de Colonia. Sim... não há nada que se compare ao Leite de Colonia para uma limpeza efetiva a profunda de sua cutis. Adotando o reativante Leite de Colonia, você ficará encantada com a nova beleza que surgirá em sua cutis... sem o dissabor da flacidez prematura. Sua beleza não pode esperar mais! Comece a usar agora Leite de Colonia para ter a pele sempre aveludada, livre de imperfeições!



*Insista com
Leite de Colonia*

*É o mais simples
cuidado de beleza!*

*Embeba algodão
em Leite de Colonia
e use-o, em suaves
fricções, sobre seu
rosto bem molhado
de água. Assim,
toda pele aceita bem
Leite de Colonia.*

-preparado pelo médico Dr. A. Studt



ARILZE CAMPOS, eleita «Miss Elegante Bangu» de Belo Horizonte, desfilou com muita categoria na grande festa do Iate. A sua escolha foi bem merecida.



ANA LÚCIA TAMM fez um sucesso espetacular no desfile Bangu do Iate, e recebeu Menção Honrosa. Dizem que não foi escolhida por causa de sua pouca idade.

SOCIEDADE

WILSON FRADE

Fotos de Mário Morsani



NUM JANTAR NO IATE, a Srta. Marta Borges Chaves (Miss Belo Horizonte), o colunista, a estrêla He-loísa Helena, a Sra. Hélio Chaves e o Sr. Sérvulo Tavares.



NA RECEPÇÃO que o governador do Estado e Sra. Bias Fortes ofereceram aos diplomatas que visitaram Belo Horizonte, a primeira dama do Estado com o casal Milton Barcelos.



Maria da Glória Drummond (hoje mais bonita do que nunca) já foi Miss Minas Gerais e disputará, pelo Clube Naval do Rio, o título de Miss Elegante Bangu.

O DESFILE BANGU realizado no Iate, no qual se escolheu a Srta. Arilze Campos como a mais elegante belorizontina, poderia ter obtido mais sucesso, não fôra a atitude do Sr. Ribeiro Martins, querer fazer a festa sozinho, sem a colaboração dos belorizontinos. Quando ele chegou do Rio, mandou proceder a algumas modificações no sistema de distribuição das mesas, o que agastou a muitas pessoas. A primeira dama do Estado, por exemplo, ficou muito mal situada. E foi a principal «patro-nesse» da festa. A escolha de Arilze foi merecida. Ela desfilou com muita categoria. A festa foi em benefício da Fundação Benjamin Guimarães.

ESTIVE quatro dias no Rio, com um programa social apertado. Na primeira noite, fui cumprimentar a bonita Sra. Ney Gonçalves, que fez anos e ofereceu uma elegante recepção em seu lindo apartamento da Avenida Rui Barbosa. Depois, participei do aniversário da encantadora Laila, filha da minha amiga Heloisa Helena, que comemorou as suas velinhas com uma festa e tanto. O presidente do IAPI e Sra. José Raimundo Soares ofereceram-me um jantar e participei ainda de um almôço no apartamento do meu amigo Jacinto de Thormes. Éramos quatro pessoas: este cronista, Jacinto, Gilda e Sérgio Almeida. Natalino, de luvas brancas e tudo, serviu os bons pratos de Gilda e Jacinto.

Arilze Campos é a «Miss Elegante Bangu» de 56 — Heloisa Helena, Jacinto de Thormes e as luvas brancas do Natalino — «Noite do Agasalho», no Arco do Triunfo — Cocteau em Belo Horizonte.

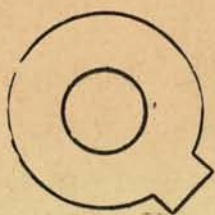
SOBRE A FESTA de Quitandinha, sai uma reportagem neste número. Muita gente, muita confusão e escolha, acertada da gaúcha Maria José. Na verdade, o gabarito este ano esteve baixo.

NÓ ARCO DO TRIUNFO, teve lugar uma elegante reunião em benefício da Campanha do Agasalho, patrocinada pela Sra. Francisco Tamm Bias Fortes. A «nata» esteve presente e anotei: Sra. Governador Bias Fortes; Sr. Paulo Pinheiro Chagas; deputado Bias Fortes Filho; Srta. Antonieta Bias Fortes; Sr. e Sra. Osvaldo Borges da Costa; Sr. e Sra. Alair Couto; Sr. e Sra. Guilherme Meireles; Sr. e Sra. Mauro Guerra; Sr. e Sra. Celso Renato de Lima; Sr. e Sra. Marcos Guimarães; Sr. e Sra. Rolando Botelho; Sr. e Sra. Brutus Cortez; Sr. e Sra. João Romeiro; Sr. e Sra. Max Dardot; Sr. e Sra. Amadeu Ferraz; Sra. Avany Almeida.

NO APARTAMENTO carioca do governador Bias Fortes, teve lugar uma elegante recepção para festejar o aniversário da Srta. Antonieta Bias Fortes. Foi uma noite de muitos políticos mineiros e cariocas. Serviço de «buffet» da Colombo e bom bate-papo pela madrugada.

O TEATRO EXPERIMENTAL encenou, no auditório do Izabela Hendrix, a peça «A Voz Humana», de Jean Cocteau, traduzida por Laís Correia de Araujo.

DOIS COLUNISTAS belorizontinos viraram internacionais: Sérgio Almeida que está na Europa, e Odin Andrade, que está nos Estados Unidos. * Rossana Toledo está fazendo um sucesso formidável no «Arco do Triunfo». E' uma das melhores cantoras de nossas madrugadas. * No Iate Clube, teve lugar a sua tradicional festa de São João. Mas o frio estava a 1 grau, o que atrapalhou um pouco o seu sucesso. * A Sra. Lúcia Freitas Castro Frade festejou o seu aniversário com um elegante «Souper» em sua residência. * Encontrei a Srta. Marly Passos muito eufórica. A sua tartaruga, que andava desaparecida, surgiu, em pleno inverno, nos jardins de sua residência. * No santuário de Lourdes, Elza Marina Maletta e Wilde Lima Pinheiro receberam as bênçãos nupciais. * Heloisa Helena, que conquistou Belo Horizonte com o seu interessante programa «Torneio de Mímica», seguiu para os Estados Unidos, onde permanecerá 4 meses, fazendo um curso de televisão. Que volte breve.



Quitandinha



NÃO FAZ DIFERENÇA



SACHA Guitry, o teatrólogo e ator francês, considerava seu avô a própria encarnação do perfeito cavaleiro. Um dia, Guitry e o avô saíram a passeio pelas ruas, onde encontraram um cego que usava no peito o seguinte letreiro: «Cego».

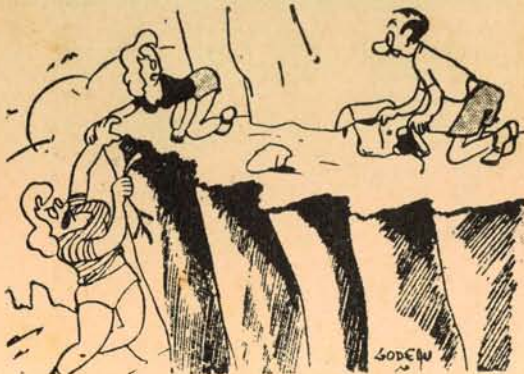
O avô deu uma moeda ao neto, que a depôs no pires de esmolas do pedinte. Logo após, o ancião voltou-se para o menino, censurando-o por não ter saudado o esmolér, tirando o chapéu.

— A cortesia é muito importante para os meus favorecidos do que nós — explicou o velho Guitry.

— Isso não faz diferença, vovô. — respondeu o menino — O homem é cego.

— Bem — tornou o ancião — mas pode também ser um falso mendigo, não é ?

a grande ocasião



— Papai, procure fazer alguma coisa!

— Um momento, estou procurando o novo filme.

Pingos de História

O CONDE DE TOLSTOI

EIS a história do conde de Tolstoi, o famoso escritor cuja simplicidade é conhecida no mundo inteiro. O fundador de sua família, contemporânea de Pedro, o Grande, era simples guarda das portas interiores do palácio imperial. Uma vez achava-se no seu posto, quando dele se aproximou um fidalgo desejando falar ao imperador. O guarda respondeu que era impossível, por ordem expressa do soberano.

— Mas eu sou príncipe ! — respondeu, furioso, o nobre.

— Embora, alteza, sinto muito, mas não posso introduzi-lo.

Semelhantes palavras na boca de um plebeu não eram para ser toleradas por um príncipe, e este cortou com a chibata o rosto do insolente.

— Pode bater, alteza — disse ele imperturbável — mas ainda assim não o deixarei passar.

Ouvindo a disputa, o imperador apareceu e, indagando o que houvera, soube-o, em palavras ásperas, pelo fidalgo.

Quando este acabou a narrativa, Pedro voltou-se para o guarda.

— Foste castigado por êsse, cavaleiro, Tolstoi, pelo fato de obedeceres as minhas ordens. Agora, empunha o meu bastão e castiga-o também.

— Saiba vossa majestade — disse orgulhosamente o príncipe — que este homem não passa de um simples soldado !

— Pois, faço-o capitão — replicou o soberano.

— Mas eu sou oficial da Côrte !

— Neste caso, elevo-o a coronel da minha guarda.

— Porém, minha categoria é a de general !

— Então, faço-o também general, e assim estará tudo certo.

O nobre recebeu as bastonadas, sem mais replicar, e o avô de Tolstoi, no dia seguinte, com o decreto que o promovia a general, o título de conde.

COSTUMES

VELHA duquesa, ouvindo falar do acolhimento que várias damas da alta aristocracia parisiense dispensavam a certos escritores famosos como Dumas, Eugénio Sue, Marquet, etc. em suas recepções mundanas, disse, decepcionada, persegando-se :

— Cruzes ! E' lamentável que essas senhoras esqueçam assim sua qualidade e seu nascimento ! No meu tempo as damas de categoria também recebiam literatos e escritores, nas suas antecâmaras, nos seus «boudoirs», mas em seus salões... nunca !

Comédias da vida



UM repórter principiante recebeu ordens superiores de limitar-se estritamente aos fatos essenciais nos textos que redigia. O rapaz cumpriu a ordem e sua próxima reportagem foi um modelo de concisão: «João da Silva enfiou a cabeça no poço do elevador para ver se o carro estava descendo. Estava. Entêrrô amanhã».

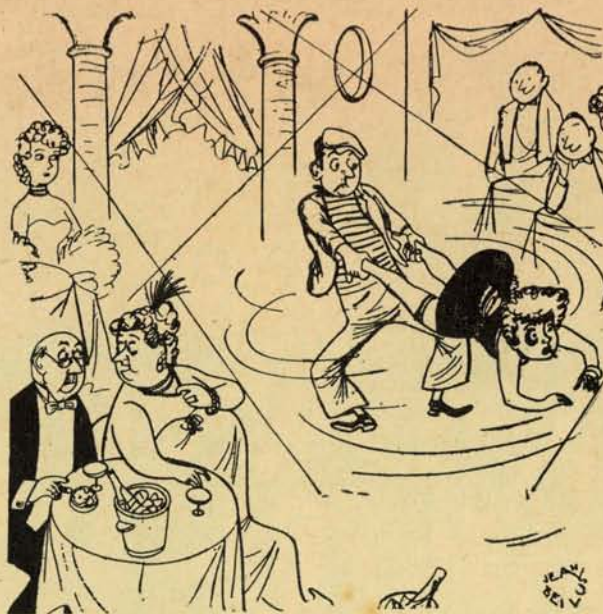


DURANTE uma aula de medicina psicossomática, ministrada numa universidade por um psiquiatra certo estudante perguntou: — Mestre, o senhor já nos deu muitos fatos sobre a pessoa anormal e o seu comportamento, mas não terá alguma coisa para nos contar acerca do homem normal? — Não — respondeu o psiquiatra — mas posso afiançar-lhe que quando encontrarmos uma pessoa normal nós a curaremos imediatamente.



UMA senhora que, evidentemente, já contava algumas dezenas de janeiros, sofreu um desmaio na rua e, imediatamente, foi conduzida ao hospital mais próximo. Após ser medicada, ela voltou a si, e o médico que a atendeu começou a anotar o caso no livro de registros do hospital. Depois de fazer algumas perguntas inconseqüentes, ele indagou da mulher qual era a sua idade. A interpelada refletiu um pouco e, depois, respondeu baixinho: — Eu tenho vinte e cinco anos.

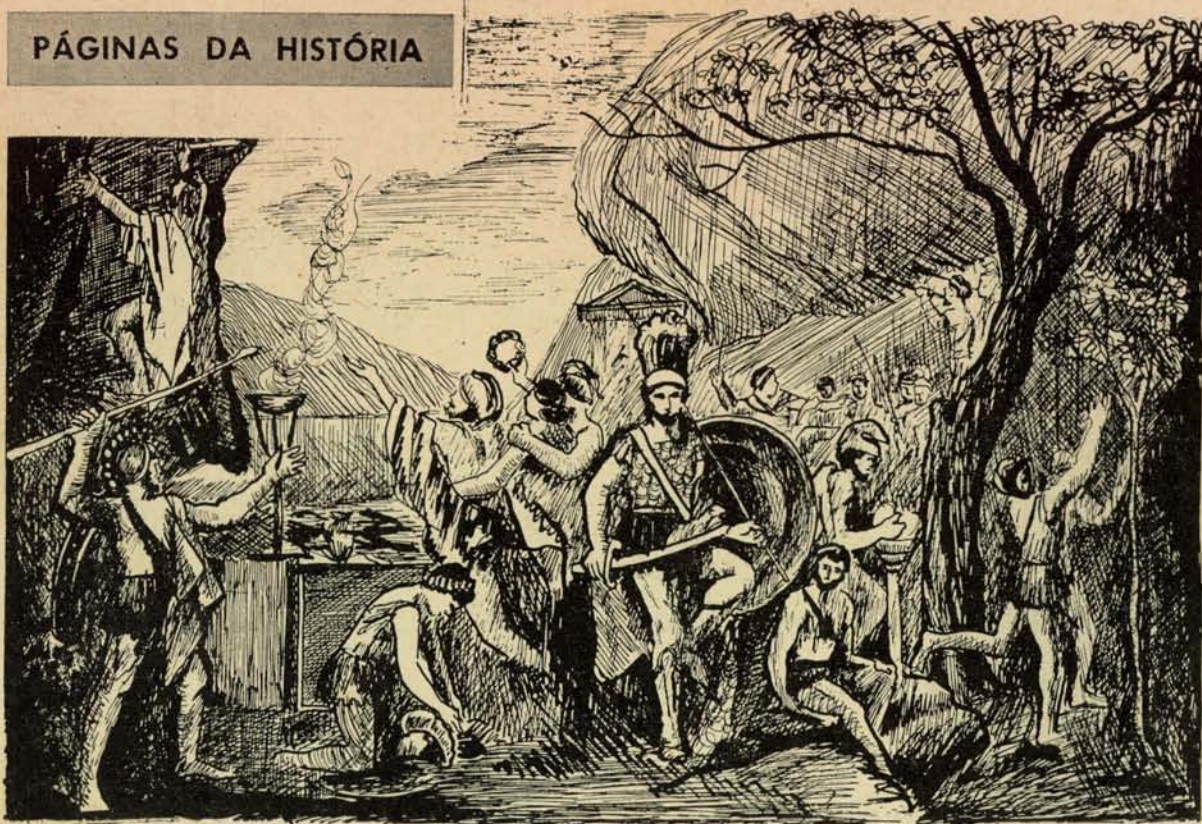
O médico não disse uma só palavra; limitou-se a escrever no livro de registros: «A paciente perdeu a memória».



— Só quero ver se aquele tipo virá convidar-me para a próxima dança.



— Paizinho, que é que quer dizer aquilo: 1.327 A.V.J.C.?
— Com certeza é o número da placa do automóvel que o atropelou.



Leônidas nas Termópilas

RESUMO DA PARTE ANTERIOR: — Em 480 antes de Cristo, Xerxes, Rei da Pérsia, movimentou seus exércitos — a maior força de terra e mar até então vista — com o objetivo de, atravessando o território que hoje constitui a Turquia, invadir a Grécia e, subjugada esta, dominar o restante da Europa. Depois de cruzado o Helesponto, as tropas de medas e persas e de povos submetidos tiveram o seu primeiro combate com os gregos na passagem das Termópilas, estrada cavada num acentuado

declive em meio às rochas. Ai os gregos, tendo à frente os espartanos e sob o comando de Leônidas, empregaram recursos admiráveis de estratégia e de tática, pelo que Xerxes começou a perceber que, embora superior em número e em armas suas tropas não conseguiriam abrir passagem senão ao preço do aniquilamento total. A luta foi um verdadeiro massacre, em que a tropa de elite de Xerxes — Os Imortais — provou o sabor da derrota. Nesta parte prossegue a narrativa, absolutamente histórica da batalha, quando os gregos vão pôr em prática planos verdadeiramente heróicos em defesa da civilização helênica e ocidental.



Etiope

CAPÍTULO II

O CAMINHO da montanha era muito mais difícil do que Os Imortais tinham podido imaginar. Estavam batendo caminho montanha acima por mais de oito horas, através das florestas de carvalho que cobriam esse lado da montanha, e, embora o alvorecer não devesse tardar, ainda não haviam chegado ao cimo.

Efialtes e Haidarnes com uns poucos homens armados iam à frente da expedição, enquanto que as demais colunas suavam a uma centena de metros atrás, na escalada. O grego súbitamente estacou.

— Que é isso? perguntou Haidarnes em seu grego barbarizado.

— Ouvi qualquer coisa à nossa frente, parece. Quereis manter vossas tropas em completo silêncio, por um minuto, enquanto escutamos?

A ordem para completo silêncio foi mandada para trás. Enquanto Os Imortais davam graças pelo momentâneo descanso, o confuso ruído de passos, de tinir de armaduras e de respiração forçada gradualmente foi cessando.

Na frente, os guias ouviam cuidadosamente.

— Tem razão — disse Haidarnes em voz baixa — há homens armados na nossa frente. Que é que quer dizer isso, ó grego?

Um acontecimento histórico numa narrativa fluente e autêntica

A EPOPÉIA DAS TERMÓPILAS



Líbio

— Deve ser um piquete guardando a passagem, respondeu Efialtes mantendo baixo o tom da voz. Estão justamente no cimo, sômente a uns duzentos metros.

— São muitos, segundo crê?

— Várias centenas, no mínimo. Mas não serão nenhum obstáculo. Combaterão durante pouco tempo, porém assim que virem que desejais abrir passagem, êles se afastarão.

— Espero que estejais certo, disse Haidarnes. Para vossa própria salvação.

E deu suas ordens rapidamente. Tantos homens quanto possível deveriam mover-se sob a proteção das trevas até um ponto próximo das posições gregas e esperar ali em silêncio.

Houve muitas vozes confusas e sons de correrias e, enquanto os gregos esperavam, seus nervos estavam tensos pelas horas de escuta do regimento que subia a montanha durante a noite, a fim de enfrentá-los. Haidarnes olhava fixa e ferozmente para as posições dêles, enquanto seus homens permaneciam quietos e silenciosos, esperando a palavra de ordem.

Haidarnes franziu o sobrecenho. Podia apenas divisar os gregos. O homem à sua frente seria capaz de vê-los bem melhor. Virou a cabeça para trás, encheu o peito e berrou a ordem. Seu berro estacato correu ao longo da montanha e diluiu-se no súbito ruído dos persas, que, à frente, levantavam-se. Uma bordada de flexas foi arremessada nas linhas gregas e o resto dos regimentos por trás dêle bateram pés e lançaram seu grito de guerra.

A salva de flexas e o trovejante barulho das vozes que vinham dos regimentos, em formação cerrada montanha abaixo, tanto quanto podiam ver, fizeram estalar os ner-

vos dos fócios. As filas da frente fizeram meia volta e tentaram abrir caminho através das filas de trás, até que toda a força ficou em confusão. Ainda as flexas choviam impiedosamente sobre êles, quando a pressão da frente produziu a ruptura e os fócios já estavam em fuga montanha abaixo, pelo outro lado deixando vinte ou trinta feridos pelas flexas persas ou esmagados nos golpes do encontro. Os Imortais fizeram carga para cima, a fim de ocupar os cimos do caminho e lançaram constantes flexadas sobre os gregos em retirada.

Estava ainda escuro quando Leônidas e seus oficiais reuniram-se para ver Megístias auscultar os presságios. A bruxoleante luz da fogueira do acampamento refletia-se fracamente em suas armaduras e capacetes, enquanto permaneciam em círculo em torno dêle. Megístias havia sacrificado um carneiro e estava ajoelhado diante de seus restos, estripando-o com perícia.

Leônidas tinha pouca fé no que Megístias estava fazendo, mas era do regulamento e os homens estavam na expectativa disso. Problemas de trazer suprimentos, de evacuar os seriamente feridos, de quanto demorariam a chegar os reforços, não estavam sendo, em sua maneira de pensar, equacionados pelo que Megístias via nas entranhas de um carneiro.

Decorreu grande tempo antes que Megístias limpasse as mãos (molhadas de sangue) na relva e sentasse pensativamente sobre os calcanhares.

— Bem — disse Leônidas — como são os presságios?

— Maus, respondeu Megístias. De fato, nunca os vi piores. Nenhum de nós ficará vivo nesta passagem lá pelo fim da noite.

Houve um murmúrio de decepção entre os oficiais gregos, que Leônidas prontamente fez cessar.

— Isto será ótimo para uma narrativa, disse. Nós ainda não fomos utilizados como material de escrita. Dê uma nova olhadela nesses despojos, Megístias.

Antes que o indignado profeta pudesse responder houve um brado além da muralha, onde os téspios estavam de sentinela na expectativa de um ataque pela madrugada. Leônidas deixou o círculo e foi depressa para a frente, a fim de investigar.

— Demófilo? disse êle reconhecendo o capitão téspio na fraca claridade. Que há?

— Temos um prisioneiro, Leônidas. Diz êle que é desertor dos persas.

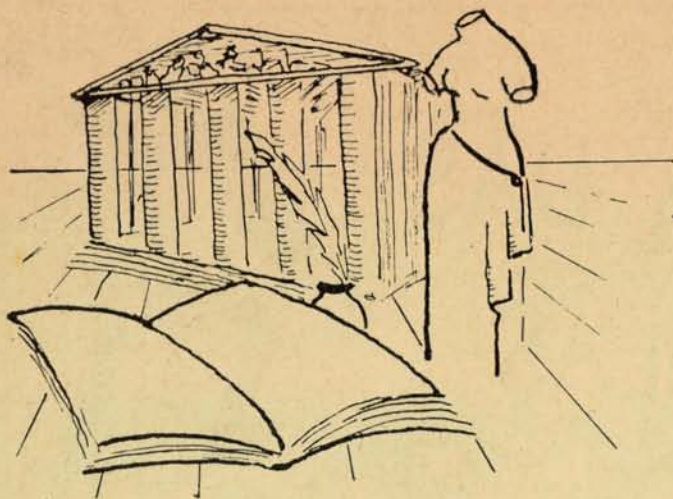
— Conduzi-o aqui, onde posamos vê-lo.

O prisioneiro foi conduzido sob escolta até à luz da fogueira. Estava vestido e armado tal como os próprios gregos. Era um jônio — membro de uma tribo grega que havia imigrado em passado distante para território tradicionalmente persa. Embora os jônios fossem virtualmente súditos persas, eram notoriamente cheios de prevenções contra a Pérsia, inclinados a se rebelarem à menor provocação e vergados sômente pela força das armas.

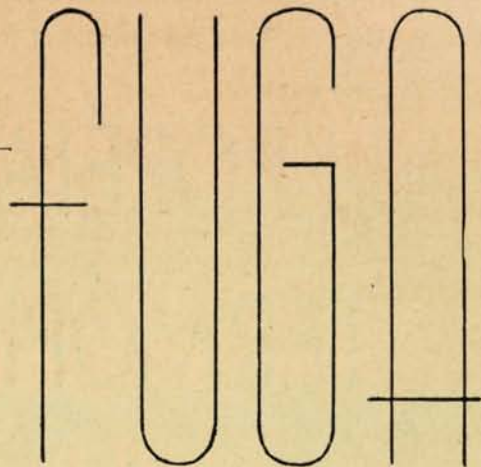
— Estais deixando o navio em perigo? perguntou Leônidas fixando com curiosidade o homem.

— Eu sômente estou com essa malta porque fui conscrito, disse o jônio. O mesmo se dá com todos nós. Deixaríamos Xerxes ao primeiro sinal, se tivéssemos oportunidade. Vim aqui dar-vos um aviso. Essa corja de persas chamados Os Imortais foram alhures, duran-

(Continua na pag. 25)



LEONOR TELLES



«A arte é maternidade no homem...»

A ARTE é tudo — todo o resto é nada. Só um livro é capaz de fazer a imortalidade de um povo. Leônidas ou Péricles não bastariam para que a velha Grécia ainda vivesse, nova e radiosa, nos nossos espíritos: foi-lhe preciso ter Aristófanes e Ésquilo. Tudo é efêmero e ôco nas sociedades — sobre tudo o que nelas mais nos deslumbra. (Eça de Queiroz).

☆

DOS ensaios de Emerson — Shakespeare está tão fora da categoria dos autores eminentes como está fora da multidão. Ele é inconcebivelmente sábio; os outros, não. Um bom leitor, de certa maneira, pode penetrar no cérebro de Platão e pensar através do pensamento dele; mas não o pode fazer com Shakespeare. Estamos ainda fora desse recinto. Por sua faculdade de execução, por sua força de criação, Shakespeare é único. Ninguém pode imaginar melhor.

☆

A ARTE é a mais profunda dentre as revelações da imortalidade. (Charles Morgan).

☆

D E Vigil — Queríamos algo que nos permitisse extrair da terra os frutos que desejássemos. Viver sob o solo tão abrigados quanto numa caverna. Poder desafiar o frio do inverno sem ficarmos gelados e os sóis do verão sem que nossa pele ficasse tostada. Desejávamos empregar as energias para diminuir nossas privações e aumentar nossos gozos.

O Senhor deu-lhes trabalho.

Voltaram, novamente, à sua presença e disseram: — Tudo quanto nos deste vale muito, mas, às vezes, adoecemos, e tu, ó Senhor, que tudo sabes, mostranos o que possa purificar nosso sangue, o que possa curar nossas chagas e o que possa, dentro do possível, preservar-nos do mal. Alguma coisa que se encontre ao alcance do sábio e do ignorante, do opulento e do mendigo — alguma coisa que não se acabe nunca.

— Muito pedis, disse o Senhor num sorriso. Mas, quem tanto pede deve sofrer muito. E, levantando a mão, mostrou-lhes o sol.

Pela terceira vez voltaram, e outra vez suplicaram: — Muito gratos, Pai, nos confessamos. Mas, já que tudo podes, concede-nos a graça que permita comunicar-nos a emoção; que multiplique e prolongue cada vida com as vibrações das outras vidas. Assim, poderá o mesmo ser viver séculos em segundos e imenso número de vidas em uma só existência.

De novo sorriu o Senhor. As almas encerradas no mundo tentavam correr os ferrolhos da prisão. Presentiam o mistério da eternidade. E, então, o Senhor deu-lhes a Arte.

☆

O ARTISTA deve amar a vida e ensinar-nos o que é belo. Sem ele, o duvidaríamos. (Anatole France).

☆

D E Teixeira de Pascoaes — O valor não está na criatura, senão em seu trabalho. O que há de belo numa estátua não é ela mesma: é o esforço do artista, que em seus relevos transparece como um palpar de vida no mármore, como um grito aprisionado no silêncio.

☆

A BELEZA é qualquer coisa de raro, de maravilhoso, que através do tormento de sua alma o artista extrai do caos universal. E quando ela é criada, nem todos são capazes de percebê-la. (S. Maugham).

☆

D E Charles Morgan — Creio que o gênio reside nesse poder de morrer. No amor ou na poesia — como quiser — mas morrer.

☆

D O diário de Isadora Duncan — A arte é maior do que a vida.

☆

O VERDADEIRO valor de um homem se mede pelo bem que ele faz no mundo. — Desconhecido.

**“Agora o nosso lar
está completo!**

temos uma SINGER!”

E se não é esse o seu caso, se você ainda não tem uma Singer, lembre-se de que a experiência de milhões, em mais de um século, pelo mundo inteiro, a aconselha a *também* preferir uma Singer.

Máquina de costura perfeita, a Singer é de leve manuseio, rigorosa precisão, trabalho impecável. E como você pode economizar, fazendo os seus vestidos, vestindo os seus filhos!

Não faça experiências dispendiosas. Prefira a máquina garantida por mais de cem anos de bons serviços.

Visite ainda hoje a mais próxima loja Singer e verá como é fácil adquirir a máquina de costura aprovada há mais de um século, por milhões de donas-de-casa e de profissionais.



À VISTA OU
EM PRESTAÇÕES MÓDICAS

Lojas ou Representantes autorizados Singer
em todo o país.



SINGER SEWING MACHINE COMPANY

— O NOME GARANTE O PRODUTO



Amido puro, isento do contacto da mão humana, "MAIZENA" é realmente um alimento completo, de inigualável valor dietético e imediata assimilação.

PAPINHAS, SOPAS E MINGAUS, preparados com "MAIZENA", estimulam o apetite da criança.

Também na arte culinária são inúmeras suas aplicações: Conheça-as!

POSSUA **GRATIS** O SEU EXEMPLAR IMPRESSO E COM SUGESTIVAS ILUSTRAÇÕES, CONTENDO RECEITAS ECONOMICAS E SABOROSAS.



AMIDO DE MILHO "MAIZENA" 59
Caixa Postal 8006 - São Paulo

GRATIS! Peça enviar-me o livro Sugestões "MAIZENA"

NOME
RUA
CIDADE
ESTADO



Sra. Ethel Rusk Dermandy

O que será a 16ª Conferência da Associação Mundial de Bandeirantes, a realizar-se no Rio em 1957.

A ASSOCIAÇÃO Mundial de Bandeirantes vai realizar, no Rio de Janeiro, em julho de 1957, mais uma Conferência Internacional, com a presença de pelo menos 35 delegações estrangeiras.

A Sra. Ethel Rusk Dermandy, que transmitiu à imprensa esta informação, é Diretora Assistente do Bureau Mundial da Associação Internacional de Bandeirantes, e veio ao Brasil para entrar em contato com as dirigentes brasileiras do movimento, no sentido de preparar o conclave.

— Esta será a 16ª Conferência Mundial — disse a Sra. Dermandy — e a primeira a se realizar na América Latina. O Brasil foi escolhido para sede por ser, dentre os países desta parte do Continente, o mais antigo membro da Associação.

Acrescentou a Sra. Dermandy que a Conferência marcará o ponto culminante dos festejos que assinalarão o centenário de nascimento de Baden Powell, fundador do bandeirantismo. Para dar maior expressão ao conclave, é quase certo o comparecimento da viúva Baden Powell, Diretora do Bureau Mundial, que será alvo de homenagens especiais.

O Brasil receberá Bandeirantes de todo o mundo

A Conferência durará dez dias e, durante esse período, serão fixadas novas linhas de ação do movimento. Atualmente, há perto de quatro milhões de bandeirantes no mundo, sendo que somente nos Estados Unidos há cerca de dois milhões e meio.

O plano da Associação Mundial é aumentar esse número. Na América Latina, segundo informa a Sra. Dermady, nos últimos dez anos o bandeirantismo se desenvolveu de forma apreciável, graças ao trabalho realizado pelas suas líderes.

— O bandeirantismo não tem côr política — informa ela — pois sua finalidade é unificar as jovens de todo o mundo, para que reine a compreensão e a paz. A bandeirante se auxilia mutuamente e põe o seu entusiasmo a serviço dos movimentos que se destinam a beneficiar a comunidade a que pertence. Por outro lado, o bandeirantismo, estimula o senso de responsabilidade e prepara os seus membros para desempenhar com exatidão os seus misteres profissionais.

Explicando o sentido básico do movimento, diz a Sra. Dermady:

— Baden Powell foi um valoroso soldado que aprendeu a odiar a guerra. Na sua concepção, porém, os conflitos entre os povos só poderiam ser evitados se houvesse um movimento geral de compreensão, partindo das crianças e dos jovens. Assim, no futuro, as possibilidades de guerra seriam consideravelmente menores. Nossa finalidade, por isso, é promover o entendimento entre a juventude de todas as nações, para que, livres de ódios e discriminações, os povos possam trabalhar e produzir, de acôrdo com as exigências da humanidade.



A Conferência Mundial das Bandeirantes, entre outras vantagens para o Brasil, contribuirá para propaganda do país no exterior. Centenas de moças e senhoras terão oportunidade de conhecer a nossa terra e os nossos recantos turísticos, atraídas pela curiosidade de visitar uma nação jovem. Serão distri-

608 mulheres exigentes criaram as qualidades do Talco PALMOLIVE!

Perfuma...
Refresca...
Protege...
Desodoriza...



Use TALCO PALMOLIVE nas axilas para maior conforto e higiene.



Use TALCO PALMOLIVE depois de barbear-se para suavizar a pele.



Use TALCO PALMOLIVE após o banho do bebê e sempre que trocar as fraldas.



Use TALCO PALMOLIVE nos pés. Reconforta e refresca.



*Tão fino
e suave
que flutua
no ar!*

Sim, 608 mulheres exigentes, fazendo experiências em suas próprias casas, determinaram as qualidades do maravilhoso TALCO PALMOLIVE.

1. Qualidade Super-fina para amaciar e proteger a pele das crianças.
2. Um perfume suave... mas que perdura durante horas.
3. É desodorante... Evita o cheiro da transpiração.

TP-19

**É o
"TEMPÊRO"
que dá
gôsto...**



**A Sra. - que prefere o melhor para
sua família - peça sempre**

ÓLEO TEMPÊRO:

**- mais saudável e mais puro que as
gorduras animais.**

Nas saladas e maioneses, nos assados e frituras - na mesa ou na cozinha - o Óleo Tempêro, altamente refinado, contribui para o sabor inigualável dos mais diferentes pratos.

**ÓLEO
TEMPÊRO**

**- gostoso, sa-
dável e rico em
propriedades
alimentícias.**



**CIA. CURVELANA
AGRO-INDUSTRIAL**

Av. Afonso Pena, 867,
sala 2222 - 22.º andar
Tel: 4-5905 - Ed. Acaiaca
Belo Horizonte

FÁBRICA EM CURVELO - MINAS GERAIS

UMA INDÚSTRIA CEM POR CENTO MINEIRA

buidos folhetos e cartazes ilustrados sobre o Brasil, com grande antecedência, nos países onde é conhecido o movimento das Bandeirantes.

Informou a Sra. Dermandy que o Brasil já tem experiência dessas Conferências Internacionais, pois promoveu, juntamente com os Estados Unidos e o Canadá, o grande conclave realizado em 1948 nos Estados Unidos.

Tomando providências relacionadas com a Conferência, a Sra. Dermandy visitou a Sra. Anne Logan, da Seção Cultural da Embaixada norte-americana, em companhia das Sras. Aracy Muniz Freire e Maria Luiza de Vasconcelos. — (USIS).

* * *

Problemas de Todo Mundo

Conclusão da pag. 39

narcóticos. Isso é um desmentido à crença popular que, no terreno das doenças mentais, exagera os malefícios dos entorpecentes. Não obstante, é preciso lembrar que a toxicomania produz desequilíbrios tanto morais como mentais.

O toxicômano não é um indivíduo feliz. Ele sente-se compelido a obter os narcóticos por meios ilegais e a preços extorsivos. Paulatinamente, o seu organismo exige doses cada vez maiores a fim de satisfazer a sua crescente tolerância. O corpo torna-se tão escravizado pelos tóxicos que o viciado será capaz de tudo a fim de obtê-los.

O toxicômano é suscetível de enredar-se em todas as tramas e atos criminosos com o fito de conseguir recursos financeiros para adquirir entorpecentes. Procura também esconder o seu vício dos amigos e da família, e acaba tornando-se mentiroso e indigno de confiança. Provoca situações vexatórias, cujas circunstâncias fariam a personalidade mais sólida perder o auto-respeito. O viciado passa a viver nesse ambiente de degradação moral que é o fator preponderante de sua decomposição mental, mais nocivo à personalidade do que os efeitos dos narcóticos.

Como é sabido, os toxicômanos são os mentirosos mais convincentes deste mundo. São de uma lábia incomparável. Mesmo quando se internam num hospital, a fim de se tratarem, tomam providências no sentido de continuar recebendo, ininterruptamente, as doses de narcóticos. A publicação a que nos reportamos antes conta um caso típico ocorrido com o servente de um hospital. Era suspeito de toxicomania e, certa vez, alguém o viu abrir um armário de narcóticos, tirar várias cápsulas de morfina, preparar uma solução numa colher, aquecê-la e, em seguida, injetá-la no seu próprio músculo. O servente foi chamado a contas, e, informado de que fôra apanhado em flagrante, respondeu com firmeza que jamais tinha usado narcótico em sua vida, e acrescentou que os seus denunciadores eram uns grandes mentirosos.

A tendência atual é para fazer com que as autoridades policiais considerem os toxicômanos doentes físicos e mentais: mentais, devido à decomposição da personalidade; e físicos, por serem dependentes dos narcóticos.

* * *

A felicidade consiste em atividade; é como a água em fluxo contínuo e não como uma poça estagnada.
— J. M. Good.

Viaje nos trens

"VERA CRUZ" e "SANTA CRUZ"



CARROS DE AÇO INOXIDÁVEL
COM AMORTECEDORES
HIDRÁULICOS
MODERNÍSSIMAS CABINES E
CARROS RESTAURANTES
COM AR CONDICIONADO



PREÇOS DE PASSAGENS E HORÁRIOS:

VERA CRUZ

IDA E VOLTA CR\$ 614,00
IDA CR\$ 341,00

BELO HORIZONTE

SAÍDA: 19,50 — CHEGADA: 11,00

RIO DE JANEIRO

SAÍDA: 20,10 — CHEGADA: 10,15

SANTA CRUZ

IDA E VOLTA CR\$ 539,00
IDA CR\$ 299,00

SÃO PAULO

SAÍDA: 22,40 — CHEGADA: 8,25

RIO DE JANEIRO

SAÍDA: 22,30 — CHEGADA: 8,20



Os Retratos de Afrânio

LUIZA BRAULIO SANTOS

Ilust. de Euclides L. Santos

Para quem aprecia "antiguidades", talvez
seja bom conhecer uma D. Ciprina.

AMIGO leitor que viaja, que faz estações de água e veraneio, que se hospeda em hotéis, acautele-se.

Acautele-se contra a figura principal dêste mal alinhavado relato.

Seu nome é Ciprina. Ela, como você, viaja muito. É turista. É "habituê" de todos os centros balneários. Conhece tôdas as estações de águas, histórias e lendas de seus remanescentes. Já percorreu todos os estados do Brasil e suas principais cidades.

Quando aconselho acautelar-se contra dona Ciprina, não quero dizer que seja ela má criatura. Não é. Não creio que seja. Por informação segura do Conselheiro Acácio, posso mesmo garantir ser ela de excelente reputação — é honesta, trabalhadora e não sofre de nenhuma moléstia contagiosa.

Exagêro? Fôrça de expressão? Fantasia? Não leitor amigo. Conselho. Puro conselho. Conselho que o amigo não é obrigado a acatar, mas que acho de bom alvitre deixar aqui. Acate-o, pois, se quiser.

Ela não é como a Chica-Boa, nem tem como Maria Rosa, uma cicatriz.

Pudera! Também não se trata de nenhum personagem carnavalesco. Possivelmente, excelente espécime para um acurado estudo psicológico. Isto sim.

É uma figurazinha apagada, insignificante. Um feixe de ossos, sessenta anos num corpo mirrado, seco, raquítico. Por isso mesmo, leitor amigo, acautele-se, é um tipo pouco identificável como vê. Veste-se sóbriamente de preto e, faça frio ou calor, sol ou chuva, traz sempre jogado nos ombros um xale de cor neutra.

A primeira vista parece tímida, desconfiada. Não o é. É viva, inteligente, loquaz.

Viúva, proprietária, professora aposentada, recebe largos proventos e ainda uma pensão como única sobrevivente de um ancestral ilustre, herói da guerra do Paraguai.

São êstes os dados que possuo, mas, se o leitor se interessa em co-

nhecê-la melhor venha comigo.

Eu entrava no período convalescente de uma pertinaz enfermidade que me retivera ao leito por três longos meses.

— Um mês de repouso, boa alimentação e o clima que lhe aconselho são o bastante para solidificar sua cura, restituindo-lhe o antigo vigor — dissera o doutor André, entregando-me a carta de apresentação para seu colega do interior, na pequena estação balneária que era minha meta.

E numa bela manhã ensolarada eu desembarquei do trenzinho que me transportara numa longa viagem sem atrativos, mas normal e sem contratempos.

Talvez por que andasse tão perto de deixar "esta por uma melhor", a vida se me apresentava encantadora, animando-me um grande e eufórico desejo de cura, o que era, no conceito médico, "meio caminho andado".

De início, achei difícil enfrentar aquela turma esfusante que invadia o hotel, naquele período carnavalesco, mas criei ânimo ao dar conta que, tôda aquela mocidade barulhenta que ali se misturava, após breves dias, voltaria aos seus penates — eram professoras e funcionários em curto descanso de quatro dias. Paciência pois.

As noites, era vaga a possibilidade de conseguir isolar-se naquele meio, sem parecer sofisticada, superior ou metida, por isto aquele cantinho oculto, quase ignorado, oferecido pelo ângulo do edifício entre verdes e copados tufo de palmeiras, a varanda em penumbra era o meu oásis.

Avistava-se dali, em tôda a plenitude, o céu infinito crivado de estrelas. Lá em baixo, as luzes faiscavam nas ruas distantes, espaçadas e assimétricas. Embora a noite sem viração fôsse morna e abafada, havia no ar parado, como uma carícia envolvente, o perfume agradável e penetrante das magnólias floridas.



Povoava a solidão o soturno coaxar dos sapos nos lagos do parque silencioso e a estridência dos grilos ocultos nas ervas rasteiras e nos gramados do jardim deserto.

Que tranqüilidade repousante quedar-se escondida naquele canto esquecido da varanda sem luz!

Estirei as pernas, ajeitando-as sobre uma velha cadeira de vime. Cruzei as mãos sob a cabeça e, recostada no espaldar relaxei o corpo, fechando os olhos, quando um passinho leve, miúdo e apressado se deteve à minha frente.

Abri os olhos.

Era aquela senhora idosa que chegara há dias, acompanhada do filho, um homenzinho beirando pelos quarenta. Em tudo eram idênticos, em tudo se pareciam. Eram ambos de pequena estatura, enfezadinhos e raquiticos. Pareciam tímidos, contrafeitos, desconfiados. Engano. Era feio. Ela mesma se apresentou, na primeira in-

vestida. Não perdeu oportunidade.

Seu nome era Ciprina. Um filho único, que a acompanhava — Afrânio. Simpatizara comigo à primeira vista. Afinidade de espírito. Estava contente em ser minha vizinha de quarto e de mesa no refeitório. Coincidência, não? — arrematara.

— Muito agradável e sensível para mim — respondi agradecida.

Pois era ela. Era dona Ciprina, como sempre de preto e tendo aos ombros o xale de côr neutra, e que andava à minha procura.

— Posso lhe ser útil? — perguntei.

— Se não a aborrece acompanhar-me ao quarto...

— Pois não — disse apressando-me. Atravessamos a varanda, o salão, e ganhamos o corredor. Ela ia na frente no seu passinho leve, miúdo e apressado.

Seu quarto, como o meu e os demais, era padronizado, simples e modesto.

— Entre e assente-se. Quero mostrar-lhe algo. Ajudei-a a transportar para cima da cama uma das três malas superpostas sobre o armário. Confesso, minha curiosidade era grande. Estava intrigada, aflita mesmo, para saber o que ia sair de tudo aquilo. Cheguei a romancear os fatos que se iam suceder e dramatizando, pensei em mistérios e mais mistérios.

Pouco esperei.

— Vou mostrar-lhe os retratos de Afrânio. Sim, senhora! Uma coleção de retratos — disse abrindo a mala.

Estremeci. Havia ali dentro uma quantidade alucinante de retratos.

De todos os tipos, de todos os tamanhos, para todos os gostos. Amarrados uns, esparsos outros.

— Primeiro vamos ver os mais antigos. Vamos ver... este... aqui... é... este mesmo. É o Afrânio com cinco anos de idade! Veja que amorzinho de criança!

Era um postal mostrando um menino enfezadinho, triste e desajeitado. Vestia um marinheiro azul.

— Muito interessante — disse, quando ela, afoita, já colocava por cima do primeiro o segundo postal.

— Aqui é o Afrânio no dia de sua primeira comunhão, quando fazia sete anos.

Lá estava o mesmo menino tristonho, de pescoço fino e orelhas cabanas, compenetrado e sisudo. Segurava com a mão direita uma vela comprida, enquanto o braço esquerdo, engalanado com um laçarote de pontas caídas, descansava nas costas de uma cadeira de palhinha.

A fotografia seguinte já vinha substituindo a anterior com enternecida explicação:

— “Elezinho” no dia que recebeu o diploma escolar. Estava meio magrinho. Tinha tido sarampo. Mas não está mal. Veja!

É. “Elezinho” estava mais magricelo do que nunca, os olhos



Concurso de Contos patrocinado pela Companhia de Seguros «Minas-Brasil»

N O sentido de proporcionar incentivo aos valores novos de nossas letras, a **Companhia de Seguros «Minas-Brasil»** patrocina o «Concurso Permanente de Contos» desta revista, nas seguintes bases:

1º) — O original deve ser datilografado em uma só face do papel, em espaço nº 2, com o máximo de 8 e o mínimo de 3 laudas em formato ofício.

2º) — Motivo e ambiente nacionais.

3º) — Observância dos princípios morais que norteiam os costumes da família brasileira.

4º) — Argumento isento de tragédias fortes ou mistérios tenebrosos, fixando de preferência as emoções do ambiente de família, do lar e os dramas de fundo moral sadio e honesto.

5º) — Os trabalhos devem ser inéditos e, uma vez premiados, terão os seus direitos autorais reservados por ALTEROSA.

6º) — É permitido ao concorrente assinar o trabalho com pseudônimo. Neste caso, deverá mencionar também o seu nome e endereço completos para a remessa eventual do prêmio que lhe couber.

7º) — Os dois melhores trabalhos recebidos em cada mês, serão divulgados nas páginas de ALTEROSA e contemplado, cada um, com o prêmio de mil cruzeiros.

8º) — Os trabalhos considerados publicáveis, embora não reúnam qualidades suficientes para que sejam premiados, receberão menção honrosa e poderão ser eventualmente divulgados se o permitir o espaço da revista.

Os prêmios deste Concurso são enviados pela **Companhia de Seguros «Minas-Brasil»**, diretamente aos autores premiados, sessenta dias após a publicação.

Não se devolvem originais, ainda que não aproveitados, nem se manterá correspondência sobre o destino dos mesmos. A revista noticiará, mensalmente, o resultado do julgamento, relacionando os trabalhos aprovados.

maiores e maior o seu ar de tristeza. Segurava, mostrando, um caduado. Era o diploma.

— Veja aqui que galanteza! A primeira calcinha comprida! Meu Deus! Como o tempo passa! Parece que foi ontem! Estava com uniforme do Ginásio São Damião. Era tão estudioso, sabe? O melhor da classe!

“O melhor da classe” se fez fotografar uniformizado, subindo uma escadaria, sobraçando livros.

— Agora é o Afrânio fardado, quando serviu no Exército. Ah! como ficava bem de farda! Parecia um tenente! Que garbo! Que elegância.

Será possível? — pensei. Aquê-le “espiro de Adão”, soldado? Foi julgado capaz? Aquela “mígalha de gente” serviu no Exército? Era de se ver. Pois serviu. Lá estava fardado em posição de sentido, fazendo continência para a objetiva.

— Tudo muito interessante, muito curioso... mas a senhora vai dar licença... Preciso ir chegando...

— Não senhora. Nada de licença. Que pressa é esta? Está com o pai na força? Ou é sangria desatada?

— Mas... dona Ciprina é preciso. Eu gostaria de ficar, mas estou sob regime... não posso deitar-me tarde.

— Qual regime qual nada! Bobagem! Conversa de médicos. Lêro-lêro! Médicos! Uns pilantras é o que são! Fie-se nêles! Fie-se e vai ver a “rocinha”, a “cêra” que vão fazer de sua doença! Olhe mais este retrato. Depois que deixou a farda o Afrânio cismou de ser ferroviário. Veja aqui, êle agente da estação de Soledade.

Era aquêle um retrato memorável.

Estaçãozinha típica do interior, a composição formada, o maquinista debruçado na janela da locomotiva, o foguista na porta, o graxeiro com uma bucha de estôpa, lustrando o “tênder” e em pé, na plataforma o nosso herói, de uniforme e bonê, empunhando, com ênfase, uma bandeira branca.

— É músico também. Toca saxofone. Fundou o “Conjunto Musical Euterpe”. Veja aqui, êle é o do centro. Os outros são os demais componentes do conjunto artístico.

Era um grupo de homens envergando uniformes escuros. Os do primeiro plano assentados, os outros em pé. O diretor do “Euterpe” no centro, assentado, descansava carinhosamente as mãos no

instrumento pousado sobre os joelhos.

— Agora vamos ver uma foto histórica. Marcou um grande acontecimento na vida do Afrânio. Êle no dia em que tirou duzentos contos na loteria. Olha que interessante! A gente vê direitinho o número do bilhete! Não é engraçado?

Era engraçado, concordei. O sujeitoinho segurava com as duas mãos o bilhete aberto sobre o peito. Um largo sorriso (o primeiro retratado) iluminava-lhe a fisionomia.

— Interessantíssimo, formidável, espetacular! — disse, levantando-me. — Mas agora... com sua licença... Com a maior boa vontade possível, não posso ficar mais um minuto. Veja, meia-noite!

— E que tem isto? Vai morrer por deitar-se tarde? Ora bolas! Tem graça!

E com violência segurou-me pelos ombros, obrigando-me a assentar, com tal força que não julguei possuísse.

Impaciente e irritada retruquei sem conseguir esconder meu desagrado:

— Mas... minha senhora... francamente... p e r m i t a - me sair!...

— Ora veja só! Calma! Calminha minha filha!

Tem muito tempo! Olhe mais “unzinhos”! Esse agora, por exemplo, a senhora não podia deixar de apreciar! Não podia perder! Veja! Com o dinheiro da loteria êle comprou este carro, veja! Era um Chevrolet daqui! — disse segurando a ponta da orelha.

Eu mal a ouvia, chegando à seguinte conclusão: em sua consciência seria aquêlo o último retrato de Afrânio que eu ia ver, pois como refreiar aquêles ímpetos assassinos que eu sentia invadindo minha imaginação enfraquecida e esgotada? Mas, como aparentar tranquilidade, calma, quando eu explodia? Era preciso apelar para a última dose de tolerância que ainda pudesse restar. Procurei dar firmeza às minhas mãos trêmulas, ao segurar o retrato. Olhei Afrânio ali estava com um pé no estribo, a mão na maçaneta da porta de uma “charanga” alta, comprida, rodas finas, capota de lona, modelo 1928.

— Muito bem! Muito bem! — disse, encaminhando-me, maquinamente, em direção à porta.

Ela, porém, foi mais ágil, se interpôs, dizendo:

— Saida condicional! Aceita? Aturdida, fitei-a em silêncio.

Ela continuou, blandiciosa, indicador em riste:

Para viver muito,
é necessário viver
lentamente. — Cícero.

— Voltar amanhã. Combinado? Voltar amanhã mais cedo, para ver as outras duas malas que estão cheias... cheinhas de outros retratos do Afrânio...

Amigo leitor, interrompi minha estação de cura e estou de retôrno, viajando. São oito horas da noite. Ela deve estar a minha espera. Acautele-se ou será você o próximo candidato. E atente bem. Não é uma, nem são duas. São três malas. Três malas cheias, cheinhas de retratos de Afrânio! Sabe lá o que é isto?

Páginas da História

Continuação da pag. 15

te esta última noite. Eu os vi ao sair e eles tomaram rumo ao longo do rio, em direção às montanhas.

— Eles podem ter tomado êsse rumo, disse Leônidas. Que eles rompam, todavia, é outra coisa. E' uma passagem das mais árduas para ser forçada, e estamos bem guarnecidos lá em cima. A que hora partiram?

— Tão logo anoiteceu.

Leônidas pensou profundamente por um momento.

— Estarão chegando ao cimo justamente agora, poderia julgar, a menos que tenham desperdiçado tempo. Há bastante fócios lá em cima para triturá-los.

Foi duas horas mais tarde que um fócio irrompeu no acampamento com as notícias do desastre. Estava totalmente exausto, tendo corrido a maior parte do percurso. Havia jogado fora sua armadura, suas armas e tudo o mais, exceto sua túnica e suas sandálias, a fim de reduzir seu esforço, e apresentava-se arranhado e contundido por ter caído, na sua pressa, pelo áspero caminho. Tombou ao solo, curvou-se arquejante enquanto dizia, aos arrancos, sua mensagem.

— Quereis dizer que deixaste-os romper as linhas? — perguntou com jeito incrédulo.

O fócio fez que sim, envergonhado.

— Então Megístias estava certo, disse Alfeu.

— E' o que resta a verificar, disse Leônidas. E pensando rapidamente acrescentou: Chamai depressa todos os capitães aqui, Alfeu.

Ele caminhava nervosamente para lá e para cá sobre as cinzas frias da fogueira extinta, enquanto Alfeu corria para transmitir suas ordens. Quando os doze oficiais se reuniram, ele já tinha formado seus planos.

(Continua na pag. 36)

Perfume e embeleze seus cabelos com Óleo ou Brilhantina Palmolive



ÓLEO PALMOLIVE é feito com azeite de oliva, que dá brilho e beleza aos cabelos. Para obter um duplo resultado embelezador, use ÓLEO PALMOLIVE de dupla aplicação:



1. PARA FRICÇÃO: — Antes de lavar a cabeça, fricção o couro cabeludo com ÓLEO PALMOLIVE. Essa fricção ativa a circulação, ajuda a remover a caspa e facilita uma limpeza perfeita, deixando os cabelos fáceis de pentear.



2. PARA PERFUMAR E FIXAR O PENTEADO: — Ao pentear-se, aplique ÓLEO PALMOLIVE nos cabelos. Eles ganharão novo brilho, ficando bem penteados e deliciosamente perfumados.

PENTEADO PERFEITO E ALINHADO

BRILHANTINA PALMOLIVE revive o brilho natural dos cabelos!

BRILHANTINA PALMOLIVE, a única feita com azeite de oliva, perfuma os cabelos, mantendo o penteado perfeito e alinhado!



Óleo e Brilhantina PALMOLIVE - os únicos que contém azeite de oliva!



MISS BRASIL 1956

Texto de WILSON FRADE

Fotos de MÁRIO MORSANI

TRES QUE O NORTE

MANDOU — Estas são as

Misses Território do Acre, Ceará

e Pernambuco. Assim como as suas

companheiras (e concorrentes) de outros

Estados, elas não escondiam as suas esperanças de vencer.

A Gaúcha Venceu no

Miss Brasil veio dos pampas, mas é de Santa Catarina — Tem uns olhos formidáveis (mas o público não apreciou a sua plástica), lê Goethe no original e já vencera um concurso de beleza — As vaías foram para o Júri — Um belo rosto e porte de rainha — Emília estêve e não estêve — Leda (a carioca) desmaiou com o resultado.

A ELEIÇÃO de Miss Brasil dêste ano, em Quitandinha, ganhou dos outros em afluência, mas o gabarito das candidatas estêve muito aquém do observado nos anos anteriores. Em 54 Marta Rocha não deu trabalho aos jurados, e, em 55, muito embora a pouca vontade de Emília de ser "Miss", a sua escolha foi fácil.

Maria José Cardoso (morena, 1,70 cm de altura, 95 cm de busto, 60 de cintura; 96 de quadris; e 59 quilos de pêso; olhos azuis

CENTRO, LESTE E SUL — Ai estão as três representantes do Mato Grosso, do Distrito Federal (que recebeu um «prêmio de consolação», voltando ao palco ao fim do concurso, e desmaiou com o resultado) e Santa Catarina.



“Ôlho Mecânico”

esverdeados e cabelos castanhos escuros) é a mais bela brasileira de 56. A sua eleição não foi bem recebida pelo público que superlotou os salões de Quitandinha, que preferiu a carioca Leda Brandão Rau, mas isto não tira os seus méritos plásticos. A maior torcida organizada era mesmo a carioca, que evidentemente não poderia torcer por outra. Maria José Cardoso, que dizem ser moça culta (pois lê Goethe no original), deferiu a vaia que recebeu ao Júri, pois, em sua opinião (e

na de todos, é lógico), foi o Júri que a escolheu.

Entretanto, apesar dos apupos entremeados de palmas, descontentamentos e ânimos exaltados, a verdade é que a parada de plástica deste ano não apresentou uma disputante que pudesse ser chamada de modelo. Todas estavam em um mesmo plano e, se uma sobressaía pelo rosto, condenava-se pelas curvas, e vice-versa. A gaúcha estava no páreo e, como a escolhida teria de ser uma das vinte e duas, ganhou

pelo “ôlho mecânico”: 5 votos contra 4, dados a Regina Maura, de São Paulo.

Anelise Kjaer, a mineira de Variginha, não conseguiu classificação entre as finalistas, apesar de ter aparecido em todas as *enquetes*, e votações simuladas. Os colunistas sociais do Rio, unânimes, escreveram sobre ela, e alguns chegaram a afirmar que a sua classificação era negócio certo. Entretanto, estranhamente, não en-

(*Continua na pag. 29*)



A NOIVA DA' AUTÓGRAFOS — Embora não goste de dar autógrafos, preferindo estar ao lado do noivo, Emília (a Miss Brasil do ano passado) foi obrigada a escrever o seu nome em cartões, pedaços de papel e até em notas. Brevemente, Emília vai acrescentar ao Correia Lima o sobrenome de um major do Exército.



AS CINCO FINALISTAS FORAM SEIS — Houve empate entre as Misses Estado do Rio e Pará. Então, O Júri resolveu elevar a seis o número de finalistas, que foram a do Estado do Rio, a gaúcha, a carioca, a paulista, a cearense e a paraense.

trou na lista, não obstante a presença de dois mineiros entre os jurados: Ministro Clóvis Salgado e Prefeito Negrão de Lima. Para afirmar que foi injustiça clamorosa a sua desclassificação, não invoco a minha condição de mineiro. Os cronistas opinaram, os radialistas também, e o público presente em Quitandinha recebeu perplexo essa omissão.

Apesar do fraco gabarito das concorrentes, foi o concurso que mais interesse despertou. Vinte e duas concorrentes se apresentaram: Território do Acre, Amazonas, Pará, Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais, Mato Grosso, Goiás, Distrito Federal, Estado do Rio, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Maria José Cardoso é, pelo menos, um tipo cem por cento brasileira. Morena, cabelos castanhos escuros e sem ascendência estrangeira. Recebeu a notícia da vitória com surpresa, e foram suas estas palavras: "Não percebi a

* * *

A CANDIDATA DA PARAÍBA

— Embora representasse muito bem o seu Estado, a Miss paraibana não chegou às finais. E' que havia muitas candidatas.



EXPECTATIVA — Depois da voltinha pela passarela, as concorrentes aguardam, no palco, a decisão do Júri.



ANELISE, A MINEIRA — A representante de Minas foi das mais aplaudidas, principalmente no desfile de maiô. Disseram mesmo que a sua plástica era quase uma garantia. E erraram...

vaia, porque sonhava com o título". Tem, sobretudo, vontade de ser "Miss", o que é uma grande coisa. Emília, por exemplo, não gostou da brincadeira e nunca soube ser muito simpática ao público que a cortejava. Maria José já venceu um concurso de beleza em seu Estado, e a vitória lhe deu uma viagem aos Estados Unidos, onde estará novamente, este mês. Nas entrevistas que con-

cedeu à imprensa, mostrou muita vivacidade, malícia e inteligência. Afinal de contas, ser "Miss" não requer apenas plástica e cara bonita. Um pouco de conhecimento, pelo menos geral, deve entrar na balança.

Bem pesadas e bem medidas todas as possibilidades, não será grande a surpresa, se ela voltar de Long Beach com o título.



A MAIS BELA — Maria José Cardoso, com maiô de ouro (e sem corôa), exhibe o sorriso da vitória. Ao lado, duas finalistas : São Paulo e Estado do Rio. (Foto da «Cruzeiro do Sul»)



O segredo
de uma roupa
bem passada
é um



**FERRO
ELÉTRICO**



Veja por que:

Tem peso equilibrado • Ajusta-se a ambas as mãos • Esquento rapidamente • Não dá choques nem curto-circuitos. • A base arredondada não rasga a roupa. • É inteiramente cromado: não descasca nem enferruja.

Da mesma "família":



Fogareiro P.E.B.

Aquecimento rápido.
Durabilidade. Resistência descoberta.
Alças laterais.

Torrador P.E.B.

Prático, elegante, durável.
Tosta uniformemente as duas faces do pão.



Em todo o Brasil peça sempre "PEB"

PRODUTOS ELÉTRICOS BRASILEIROS S. A.
Igo. da Misericórdia, 24 - São Paulo

L. V.

Vozes na Treva

Continuação da pag. 47

nue... ou talvez não, deixe que continue eu... Teve uma infância feliz, cumulada de afetos. Sua alma se habituou a dar e a receber ternura. Mais tarde... sentiu-se abandonada... Demasiado simples e demasiado limpada, num mundo tão complicado e tão conturbado! E então... sonhou encontrar a sorte sob os trajas da compreensão e do amor...

— É verdade... como é verdadeira! — sussurrou a voz fraca e tímida. — Mas os homens são distraídos e não percebem...

Ele a interrompeu, rindo: — Também eu? Não me parece, se consegui adivinhar...

— Sim. Mas a você eu o disse. E me admiro disto. Vê-se que, assim no escuro, sem vê-lo e sem ser vista, veio-me a coragem de confiar-me. De outro modo...

De repente, o trem parou; com o choque, foi ele bater com a cabeça contra uma portinhola e a desconhecida lançou um pequeno grito, porque de cima da rede caíra sobre sua cabeça um saco militar, que lhe havia roçado pelo ombro, ficando-lhe aos pés com um baque surdo. Agora se ouviam, bem próximos, os motores dos aviões; assemelhavam-se ao improvisado e furibundo desencadear-se de um ciclone que alternativamente se avizinhasse e se afastasse. Algumas vozes altas, talvez ordens, a batida violenta das portinholas e finalmente a explosão não muito distante de uma bomba. Ele havia olhado para fora:

— Estamos em campo aberto. Não seria mau descermos e dispersar-nos... Venha!

Dócil, a desconhecida se ergueu. Uma lâmpada passava de vez em quando à altura da portinhola. Aquela luz fraca descera. O céu estava sulcado de meteoros ígneos: fogos de bengala feriam como lâminas de espada a escuridão noturna. Poucos os viajantes, já estendidos de bruços sobre o terreno ou em fuga para um qualquer refúgio hipotético. A desconhecida e ele sentaram-se numa vala do terreno, debaixo duma robusta árvore. Tentava ele, aguçando o olhar a ponto de sentir doerem-lhe as têmporas, dar um rosto preciso à desconhecida. Via contornos desfocados, distantes; linhas imprecisas, fugitivas. Só o seu sorriso lhe aparecera limpo à luz improvisa, velada duma lâmpada.

— Pela primeira vez dou com uma mulher corajosa — disse.

— Todas as mulheres são corajosas — respondeu a voz firme e serena. — Então devo pensar que você nunca encontrou uma mulher.

Riram. As lâminas de luz se extinguíram, os motores se afastaram. Lentamente o trem retomou seu andar com um fatigado barulho de ferragens. Poucas palavras foram ainda ditas; mas ele, graças a uma repentina intuição, ouviu também as que não foram ditas. Pela primeira vez se quedava absorto sobre o mistério da mulher, entendido como alma-feminina e não como mulher-feminina. E parecia-lhe que pouco sabia dessa alma. Pouco, e este pouco, errôneo. Se a desconhecida lhe tivesse permitido... se não devesse ele regressar depressa a seu batalhão, ter-lhe-ia pedido que se fizesse ver no dia seguinte ou depois, que se des-

se a conhecer. Mas dizer-lhe isto num vagão escuro, à noite, poderia fazê-la pensar que tivesse ele mau conceito a seu respeito. Não queria ouvir a voz doce e serena encher-se de amargura e desconforto...

É estranho: o destino nos oferece por vezes mudar toda uma vida, encontrar a felicidade e nós, ao invés, improvisadamente cegos, tornados tímidos por um absurdo e invencível temor, ou então arrastados por uma vontade alheia a

que sucumbimos, não colhemos o áureo instante que nos é oferecido e no instante depois já vemos a felicidade distante, irremediavelmente distante. Assim acontecera naquela noite de guerra, a ele, tenente Veretti: a desconhecida se afastara, depois de haver-lhe dito:

— Boa noite, tenente... Boa sorte e muito obrigada...

Por quanto tempo havia sentido no íntimo aquela boa sorte dita num tom acariciante?... Parecia-lhe que nada, nem as explosões das bombas, nem o crepitar das metralhadoras pudesse apagar dentro dele aquela voz, aquele augúrio...

Haviam-se passado quatro anos e desde então se esquecera. Nas alternadas vicissitudes de lutas, de dores, de sacrifícios, tudo havia esquecido, até mesmo a sua juventude, até mesmo o seu direito à vida. Depois da frente de guerra, o calvário de recomeçar a trabalhar. Como uma segunda guerra, mais dura talvez, do que aquela combatida na frente. O girar do

(Conclui na pag. 104)

O erro sempre dá
mais trabalho que a
verdade. — Hosea
Ballou.

Como Helena Rubinstein Resolve seu Problema de Beleza

Pele seca ?

Sua pele parece ressecada, áspera ? Em pouco tempo ficará macia, elástica, viçosa com este simples tratamento.

- a) Limpe e suavize, de manhã e à noite, com o CREME PASTEURIZADO PARA A PELE SÊCA. 57,80
- b) Tonifique e fortaleça com a LOÇÃO TÔNICA, tornando a cutis lisa, firme e aveludada. 57,80.
- c) Nutra e lubrifique a pele com o riquíssimo CREME NOVENA. Elimina linhas e rugas. 57,80



Pele oleosa ?

Sua pele tem cravos, póros dilatados ? Este tratamento lhe dará em alguns dias uma cutis fina e transparente.

- a) Limpe à noite com CREME PASTEURIZADO. Dissolve o maquiagem e deixa a pele purificada. 57,80
- b) Corrija a oleosidade com LOÇÃO REFINADORA, refrescante, fecha os póros e afina a sua tez. 57,80
- c) Lave de manhã e à noite com SABÃO EM CREME, que remove os cravos e desobstrui os póros. 57,80



Depois dos 30 !

Que há que mais deprima do que notar os sinais da idade ? Nada há que tão rapidamente afaste a terrível ameaça que este tratamento, à base de Hormônios Estrogênicos, os mais poderosos elementos para rejuvenescer a cutis.

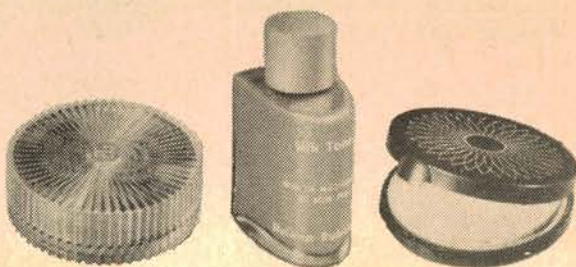
- a) ÁGUA VERDE, energético estimulante da circulação sanguínea, reanima a vitalidade da pele. 88,00
- b) CREME ESTROGÊNICO, concentração de hormônios, faz desaparecer linhas e rugas, rejuvenesce e regenera as camadas profundas da pele. 239,00
- c) ÓLEO ESTROGÊNICO, quintessência de hormônios, prolonga durante o dia a ação do creme. 239,90



Maquillage impecável !

Que é um maquillage impecável ? É o que proporciona uma aparência perfeita que se prolonga muitas horas. Helena Rubinstein, com seus famosos produtos Silk, lhe oferece o mais encantador e durável maquillage

- a) SILK TONE, base de seda, protege e amacia; combina admiravelmente com o Pó Silk. 57,80
- b) MINUTE MAKE-UP, Silk Base-Pó Compacto, oculta imperfeições e garante num mínimo de tempo o máximo de "glamour". Estojo 57,80
- c) PÓ FACIAL SILK, diáfano e aderente, imprime à cutis a adorável beleza da seda pura. 57,80



A demora do noivo

CONTO DE FERNANDO EVEREST

Ilustração de Euclides L. Santos

Naquele dilema, sem precedentes, êle não sabia qual das duas escolher...

com o atraso de um quarto de hora, no mínimo, porque «isso daria sorte». Desta forma, dentro de poucos instantes, Patrícia deveria chegar à Ca-

SENTADO em um banco da Catedral, Joaquim olhou, nervosamente, o seu relógio de pulso: já eram dezesseis horas e dez minutos. E' verdade que o casamento de seu irmão Ricardo estava marcado para as dezesseis horas e, portanto, o atraso de alguns minutos seria razoável.

Mas, Joaquim conhecia bem seu irmão e sempre o julgara desmazelado, preguiçoso e sem palavra. Seria possível que Ricardo não comparecesse ao casamento religioso? Com que cara ficaria a noiva?

Desde cedo, alguns curiosos estavam na Catedral; eram ginasianas com supostas doenças, arranjadas especialmente como justificativas da ausência nas aulas; eram duas antigas namoradas de Ricardo; eram também várias beatas da vizinhança, que foram rezar e ver o casamento.

A mulher de Joaquim, que, ao seu lado, se mantivera calada até então, resolveu dizer alguma coisa, para diminuir o nervosismo do marido.

— Olha quem está ali — falou ela — E' a Maria Ernestina; dizem que ela vai se desquitar, mas eu...

— Psiu! — interrompeu Joaquim, aproveitando para olhar o relógio: dezesseis horas e treze minutos...

Joaquim lembrava-se de que Patrícia, a noiva de Ricardo, havia prometido, aos parentes e amigos, que sòmente chegaria à Catedral



tedral e... nenhuma notícia do noivo.

Os parentes mais íntimos resolveram procurar Patrícia e explicar-lhe a situação, lembrando que Ricardo ainda não estava no altar, como era do costume.

Enquanto isso, Joaquim, com grande aborrecimento, não se cansava de olhar o relógio de pulso (já eram dezesseis horas e vinte minutos); procurava distrair-se; pensava em como arranjar dinheiro para comprar mais dois pares de sapatos para os meninos; olhava os belos trabalhos do Aleijadinho (seriam mesmo obras do Aleijadinho?); pensava na excessiva gordura de sua mulher; pensava em tudo, mas sempre aparecia a lembrança de Ricardo, que estava demorando a chegar.

— Oh, «seu» Joaquim, o senhor também está de parabéns — falou o servente da repartição, que procurara Joaquim para manter conversa — Como vão as coisas?

— Assim, assim...

— E a política, está cada vez pior, hein? Certamente, o senhor já soube das últimas notícias. Mas, êsses políticos da minha terra não têm palavra.

— E' verdade — respondeu Joaquim, pensando na provável falta de palavra do irmão.

O servente afastou-se e Joaquim olhou o relógio, outra vez: dezesseis horas e vinte e cinco minutos.

Na aparência, a questão era simples: ou Ricardo viria com bastante atraso ou não viria mesmo. Na realidade, porém, o problema era complexo; havia os aborrecimentos, o choro da noiva, as intrigas, a vergonha da família, a força física dos futuros cunhados de Ricardo nas demonstrações de «com minha irmã, ninguém brinca», além de muitas outras coisas desagradáveis.

— Se o Ricardo não queria assumir as responsabilidades do casamento, não deveria ter parecido ao ato civil, pela manhã, bastando ter desaparecido na véspera — quis sentenciar, pomposamente, a gorda mulher de Joaquim.

— Deve ter sido o elevador, que, talvez, não tenha funcionado, Marocas — falou Joaquim.

— Que elevador?

— O do prédio do Ricardo.

— Mas, então, êle desceria os doze andares pela escada.

— Acho melhor eu mesmo ir procurar o Ricardo.

Joaquim levantou-se, saiu, chegou ao adro da Catedral e



parou, porque viu chegar um automóvel. Não, não era o noivo, mas apenas um convidado retardatário. Joaquim pensou em algum defeito no carro de Ricardo, durante o trajeto para a igreja, pois não se justificava que o noivo ainda estivesse no apartamento. Além disto, poderia haver desencontro no caminho e, no final, Joaquim acabaria não assistindo ao casamento.

O pobre homem, já muito nervoso, achou melhor voltar ao seu banco e explicar tudo à mulher. Eram dezesseis horas e meia.

— Acho que o Ricardo ainda não chegou porque deve estar terminando alguma partida de canastra — falava um convidado, no banco atrás.

— Pois eu nada acho de estranho — comentou outro. — A noiva podia chegar antes e ficar esperando na porta da igreja, como sempre esperou pelo Ricardo nos encontros marcados.

— Pois eu — concluiu outro, maliciosamente — acredito que ele foi raptado pela francesa loura, que mora no mesmo edifício de apartamentos...

Bastante irritado com os desagradáveis comentários, Joaquim levantou-se mais uma vez e seguiu em direção à porta principal. Até parecia que ele era o culpado pela falta do irmão.

Para Joaquim todos olhavam, inclusive Maria Ernestina, a que ia desquitar-se; e isto foi notado por Marocas, mais ciumenta do que gorda...

Por outro lado, o padre, que ia celebrar o casamento de Ricardo, orava, calmamente, no altar-mor. Parecia alheio às agitações dos convidados e aos rumores insistentes contra o noivo; assim estava, quando ouviu alguém que o chamava.

— Padre Heliodoro... — era a cantora escolhida para o cântico durante o casamento — ... eu não poderei esperar

por muito tempo, pois, logo mais será hora de dar mamadeira ao meu garoto.

— Espere um pouco. Tenho certeza de que Ricardo virá; eu o conheço há muitos anos, isto é, desde que ele nasceu; eu mesmo o batizei. Conheço sua vida e sei que ele é um tanto esquecido e despreocupado, mas incapaz de um ato feio e comprometedor. Vou, agora mesmo, mandar procurá-lo.

E dirigindo-se ao sacristão, que arrumava as flores no altar, o padre recomendou:

— Pedro, tome um automóvel, vá ao apartamento de «seu» Ricardo e traga qualquer notícia.

O sacristão saiu; procurava conseguir um carro, quando ouviu os gritos de um menino, que vinha correndo para a Catedral, desejando dar a grande notícia:

— Ricardo foi sozinho e está conversando com Patrícia na casa dela.

— Mas, o que houve? Que aconteceu? — perguntavam os que estavam perto do menino.

— Não sei o que aconteceu. Só sei que ele está lá,

procurando explicar qualquer coisa.

Todos ficaram, então, olhando para a rua, à procura de algum automóvel em direção à Catedral.

Ricardo não deveria demorar. Ou ele não viria? A dúvida continuava, os boatos se sucediam e até já se faziam apostas em dinheiro.

Entretanto, dentro de poucos minutos, sob o olhar curioso dos convidados, chegava o automóvel de Ricardo.

Joaquim, ainda nervoso, abriu a porta do carro, para ajudar o irmão a descer. Ricardo, sem jeito, um pouco pálido, saltou, olhou para trás e observou que o carro de Patrícia já vinha, lentamente.

Joaquim aproximou-se do irmão e perguntou-lhe, com voz baixa:

— Mas, por que tanta demora? Você estava doente?

— Não, não estava.

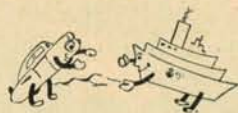
— Então, o que aconteceu?

— É que eu não me lembrava onde a havia guardado.

— Guardado o que? Sua aliança?

— Não... — respondeu Ricardo, um pouco desajeitado, procurando entrar na Catedral. — Eu tinha perdido minha dentadura e somente há poucos minutos é que consegui encontrá-la...

PASSATEMPO



Automóvel x Transatlântico

UM transatlântico percorre o oceano a 30 nós.

— Quando estou em terra — diz um passageiro a um oficial de bordo — eu sempre viajo de automóvel à velocidade máxima de 50 quilômetros por hora. Que me diz, então: eu corria em velocidade maior em terra do que estou correndo agora, neste belo navio?

Sabendo que o nó é a expressão usada para significar milha marítima por hora, qual foi a resposta do oficial, se uma milha marítima equivale a 1.851 metros? Responda em 10 segundos... ou veja a resposta à página 104.

Páginas da História

Continuação da pag. 25

— Não há tempo a perder, disse ele encarando o círculo de faces ansiosas. Os fôcios deixaram os persas irromper e seremos atacados pela frente e pela retaguarda sem maior demora. É desnecessário usar palavras atenuadas. Penso que seremos liquidados. Aqui ficarei com os espartanos, como foram minhas ordens, e peço uns poucos voluntários para também ficar. Os restantes de vós darão volta pelo começo da trilha da montanha em direção à passagem. Há apenas uma débil oportunidade de apanhardes os persas ainda na trilha e de lá encurralá-los. Se assim fôr, não estaremos ainda derrotados. Agora, quem ficará aqui comigo?

Demófilo, capitão dos Téspios, falou logo:

— Estamos convosco, Leônidas.
Ninguém mais falou.

— Não há outros voluntários ?
perguntou Leônidas. Então farei a
escolha por mim mesmo. Os teba-
nos também ficarão aqui.

O oficial tebano começou a pro-
testar, mas Leônidas nem lhe deu
ouvidos e falou ao capitão dos ar-
cádios :

— Ficareis no ataque, já que vos-
so contingente é o maior. Ponde em
movimento já. Se chegardes muito
tarde para reter os persas na tri-
lha, então vos retirareis para o sul,
a fim de ligar-vos com as forças
que estão sendo mobilizadas lá.
De modo algum atacareis os persas
em campo aberto.

— Se fôr tarde, como farei para
vós saberdes ?

— Há dois ou três de meus ho-
mens na vila à retaguarda. Usai-os
como mensageiros corretores.

— Mas, Leônidas, vós me destes
mais de dois terços dos homens.
Como podereis ficar para conter
Xerxes aqui com tão poucos ?

— Não vos preocupeis com isso.
E andai !

Houve rápidas querelas através
do acampamento quando os capitães
dirigiram-se a seus homens, que se
retiraram em passo acelerado. Leô-
nidas ficou fitando-os até perdê-los
de vista.

— Eles não chegarão a tempo,
vós bem sabeis, disse Demófilo. Os
persas não estão mais do que uma
hora atrasados em relação ao men-
sageiro fôcio. Agora já estarão qua-
se atingindo as planícies.

— Com toda a probabilidade, dis-
se Leônidas.

— E por que mantivestes tão
poucos aqui ?

— Entre nós escolhemos uns mil,
se tanto, para ficarem aqui, De-
mófilo. O bastante para uma de-
monstração decente. Agradeço-vos
pela adesão ao voluntariado.

— E o que há conosco ? pergun-
tou o tebano Leontiades. Se, de
fato, não há esperança, por que nos
mantivestes aqui ?

— Para dar-vos uma oportunida-
de de desmentir os rumores de que
Tebas está do lado de Xerxes. Ou
isso é, afinal, verdade ?

Leontiades nada disse em face
disso .

— Vamos, disse Leônidas. Dei-
xai-nos mostrar nossa força na pas-
sagem e ficai firme. Bem cedo eles
cairão sobre nós.

* * *

Leônidas sabia que não haveria
oportunidade de as tropas que ha-
via mandado pela retaguarda che-
garem a tempo de deter Os Imor-
tais na trilha. Seu objetivo ao en-
viá-las para fora da passagem ti-
nha sido o de salvar a maior parte
de seus exércitos para futuras ba-

(Continua na pag. 40)

ARTE DE VIVER

Anne Heywood



O emprêgo dos seus sonhos

Ela encontrou satisfação em
ajudar as freguesas na esco-
lha de vestidos.

É MUITO comum, quando a gente trabalha num emprêgo
aborrecido, ficar todo o tempo livre a sonhar com um
novo emprêgo capaz de mostrar-se interessante e agra-
dável. A mulher inteligente, porém, transforma o em-
prêgo que tem no emprêgo dos seus sonhos. Quase sem-
pre, é possível fazer isso.

A sra. J. é uma das mulheres que o fazem. Ela trabalha
no departamento de vendas de uma loja de roupas feitas a pre-
ços módicos, em meio expediente. Trabalha de uma às cinco,
vendendo vestidos, chapéus e acessórios paara a chamada «mul-
her média». Muita gente detestaria êsse serviço, mas não é
o que acontece com a sra. J., que o transformou numa arte,
tornando real o seu sonho e ganhando com êle plena satisfação,
sem falar no bom dinheiro que recebe.

— Tudo começou — conta-me ela — quando o meu caçula
foi para o colégio. Eu sabia que precisava de algo para manter-
me ocupada, pois o trabalho do meu marido é muito absorvente,
e êle sempre está fora da cidade, em viagens de negócios.

«Pelo meio-dia, o serviço da casa já estava todo feito e o
resto do dia custava muito a passar. Assim, quando surgiu a
oportunidade de trabalhar na loja, achei-a maravilhosa, pois
podia aproveitar o meu tempo. Mas ainda sobravam as noites
em que o meu marido estava ausente. Por isso, resolvi tomar
uns cursos noturnos.

«No princípio, não soube quais assuntos deveria estudar,
mas acabei decidindo-me pelas coisas que pudessem ajudar-me
no serviço. Estudei desenho, combinação de cores e até ana-
tomia. Aprendi quais linhas parecem melhor em determinados
tipos de corpo e as cores mais adequadas a determinados tipos
de cabelos e de peles.

«Pouco a pouco, comecei a aconselhar as minhas freguesas
e os resultados foram os mais compensadores — para elas e
para mim. Pois a mulher, por mais esquisito que fôsse o
seu talhe, sempre encontrava, com a minha ajuda, um traje
que ocultava os seus pontos defeituosos e acentuava os bons.
Não preciso de dizer que as minhas freguesas ficaram satis-
feitíssimas com isso e passaram a procurar-me com mais
freqüência.

No princípio, era o cúmulo do aborrecimento, — concluiu
a sra. J. — mas agora o meu emprêgo de meio expediente
é formidável. A cada dia, aprendo mais coisas novas, e estou
completamente fascinada com isso. E o dinheiro entra cada
vez mais facilmente !»

JOSEPH WHITNEY

Ilust. de Paul Frehm



As vezes uma pessoa está certa mas, diante de opiniões unânimes contrárias à sua, tende a concordar com a maioria.

Muita gente concorda com a maioria

É SURPREENDENTE o número de pessoas que se deixa influenciar pelas atitudes e comportamento das multidões. É certo também que uma pessoa amparada por uma ou duas opiniões idênticas à sua, via de regra sustentará com firmeza os seus próprios pontos de vista. Essa posição pode ser modificada com rapidez. Quando desaparece todo o apoio e o indivíduo defronta-se com a opinião unânime de seus concidadãos, ele passa, geralmente, a concordar com os pontos de vista da maioria.

Experiências recentes efetuadas por Solomon E. Asch, professor de psicologia do Colégio Swarthmore, revelaram que num grupo de 123 estudantes, adrede escolhidos, $\frac{3}{4}$ deles cederam à opinião da maioria, passando a concordar com dados extremamente incorretos, que sabiam estarem errados.

Durante a experiência os estudantes ficaram sentados em grupos de sete a nove, em torno de um aposento. Em seguida, foram-lhes exibidas várias séries de cartas, em grupos de duas. A primeira carta continha uma simples linha preta e vertical. A segunda apresentava três linhas de dimensões diferentes, sendo uma delas idêntica à linha simples da carta anterior. Os estudantes foram chamados, pela ordem em que estavam assentados, a declarar qual linha da segunda carta era idêntica à linha simples da primeira. Como a identificação era muito simples, as respostas, em condições normais, atingiram a percentagem de 99% de correção.

Acontecia, entretanto que o Dr. Asch tinha, com segundas intenções, ensinado todos os estudantes, menos um, a resolverem o problema de sorte a darem a mesma resposta errada após as duas primeiras identificações. O ponto central da experiência foi o estudante que não tinha recebido instrução alguma do professor. Com efeito, após a segunda verificação ele constatou que o ponto de vista de todos os colegas era contrário ao dele.

As experiências continuaram até atingir a quinta, a sexta e a sétima identificações. Enquanto isso, a pressão emocional foi-se tornando cada vez mais intensa sobre o estudante isolado e, eventualmente, ele começou a duvidar dos seus próprios sentidos, e ceder à opinião dos colegas. A maioria dos estudantes, tinha, a um só tempo, errado na identificação, classificando unânimes como certa a linha errada. Sob essa poderosa influência, o estudante não induzido pelo professor admitiu que as identificações efetuadas pela maioria estavam certas, quando na verdade apresentavam uma percentagem de incorreção equivalente a 36,8%.

Isso não quer dizer que todos os estudantes foram influenciados pelo professor. Cerca de $\frac{1}{4}$ dos

experimentados conservou-se imune às capciosas instruções. Muitos dos que concordaram repetidamente com a opinião da maioria, achavam que não podiam discordar de um ponto de vista tão generalizado, ou temiam ser deficientes em alguma particularidade, o que levou-os a esconder a suposta falha pelo recurso de se identificarem com o ponto de vista da multidão.

um problema feminino

CINQUENTA por cento das mulheres que ainda não chegaram à menopausa atravessam, dias de grande tensão e nervosismo antes do ciclo mensal. A tensão nervosa principia numa data cerca de 7 a 10 dias anterior ao período crítico, e causa reações as mais diversas, desde ligeiro mal-estar até irrupções emocionais nos casos mais graves.

Certas experiências têm revelado que a tensão deste período é um fator adicional que contribui para os desastres de automóveis, crimes violentos, deficiência comercial e antagonismo familiar.

O Dr. Joseph H. Morton, do Flower-Fifth Avenue Hospital, de Nova York, realizou há pouco tempo alguns estudos sobre a matéria, e chegou a conclusões interessantes. Ele constatou que tanto o extremo nervosismo como o desejo femininos por doces, nos dias anteriores ao período crítico, têm grande semelhança com os sintomas manifestos num diabético que toma insulina demais. O médico observou também uma acentuada diminuição do açúcar do sangue, e armou uma fórmula para aliviar os sintomas mais graves do período em causa. Trata-se de um regime combinando dieta com terapêutica medicamentosa para aliviar a tensão, acrescida do tratamento contra a preguiça mental e a deficiência de açúcar no sangue.

O regime do Dr. Morton foi aplicado experimentalmente em dois grupos idênticos de voluntárias, constantes de reclusas de um reformatório feminino. Um grupo foi alimentado com a comida usual do presídio, enquanto o outro recebia leite e queijo entre as refeições diárias. Aos membros de um grupo foram servidas pilulas inócuas, e aos elementos do outro foram dadas pilulas genuínas com ingredientes medicinais. Ao cabo de três meses, 79% das mulheres que foram submetidas à dieta especial com o acréscimo das pilulas genuínas, revelaram acentuadas melhoras. Por outro lado, 61% das que receberam pilulas genuínas sem dieta especial também demonstraram sensíveis melhoras. A dieta especial com pilulas inócuas produziu melhoras em apenas 39% das mulheres submetidas a ela.

As melhoras constatadas em 15% das mulheres que não foram submetidas à dieta especial, e nem receberam pilulas genuínas, demonstraram que a tensão nervosa do período pré-menstrual tem algumas causas de fundo psicológico.

os narcóticos e as doenças mentais

OVÍCIO dos narcóticos seria um dos fatores mais responsáveis pelas doenças mentais?

A ciência responde que, diretamente, ele não o é. Segundo recente publicação de uma sociedade norte-americana especializada na saúde mental, poucos pacientes são hospitalizados devido a distúrbios mentais oriundos diretamente do uso de

(Conclui na pag. 20)



Pequenas Ilhas e Magníficos Panoramas

A O norte das Ilhas Leeward, situadas na parte norte das Pequenas Antilhas, nas chamadas Índias Ocidentais, encontram-se algumas ilhas pouco conhecidas, mas interessantes pela originalidade que oferecem aos turistas.

O grupo é formado pelas ilhas de Saint Martin, que é a maior de todas, e as de Saba, Saint Eustatius, Anguilla e Saint Barthélemy. Saba, Saint Eustatius e a metade setentrional de Saint Martin pertencem à Holanda. A parte meridional da última ilha e toda Saint-Barthélemy são possessões da França. Anguilla pertence à Inglaterra.

Saint Martin é um lugar maravilhoso, e as partes em que foi dividida apresentam todas as vantagens e encantos da Holanda e da França. Marigot, a capital francesa, é uma localidade pacata, com uma vida tranqüila e descansada arrastando-se por suas ruas amplas e sombreadas por árvores convidativas.

Phillipsburg, a capital holandesa é irrepreensivelmente limpa e asseada, e tem o brilho de alguma coisa que se conserva sempre fresca e nova. Casas sólidas e caiadas de branco bordam a rua principal, aparecendo aqui e ali ornamentos em torres e cumieiras de típica inspiração holandesa.

A casa dos visitantes, uma espécie de hotel local, fica ótimo-mente situada numa linda praia do centro da cidade. As praias de Saint Martin são encantadoras, com quilômetros e mais quilômetros de areias brancas e cintilantes. A natação pode ser praticada em lugares magnificamente situados para este esporte, e a pesca-ria é uma das diversões mais populares.

Ambas as metades de Saint Martin têm portos livres, sem barreiras ou postos alfandegários para caracterizar as fronteiras. A única edificação existente na linha divisória é um monumento erigido há poucos anos, para comemorar os três séculos de paz que reina entre os dois lados.

Anguilla é separada de Marigot por um canal estreito, e se constitui num ponto excelente para visitar, durante uma viagem de recreio efetuada com base em Saint Martin.

Saba é a ilha mais conhecida do grupo, mas a sua beleza, em comparação com a das outras, deixa de existir. Ela é rochosa e desolada, mas ainda assim pode oferecer algumas curiosidades que justificam uma visita.

Ao sul de Saba fica a ilha de Saint Eustatius, que anteriormente era muito movimentada, mas agora leva uma vida tranqüila e pacata. Saint Eustatius tem a seu crédito uma pequena participação na história americana. A primeira manifestação de reconhecimento ao governo independente dos Estados Unidos foram os tiros de canhão disparados em 1776 pelo Forte Orange, ali situado. A ilha tem a ornamentação das praias extensas e aprazíveis, que merecem ser visitadas com calma e tranqüilidade.

(Conclui na pag. 64)



Uma vista da costa na Ilha de Saba.

talhas. Para ele e seus espartanos não havia, porém, retirada. Suas ordens tinham sido nítidas: manter as Termópilas.

Como o assunto devesse ser coisa de uma hora ou duas no máximo, não, havia necessidade de maiores elaborações. Melhor seria até que fosse rápido e violento. Consequentemente, Leônidas dispôs seus homens em linha de batalha através da parte mais larga da passagem, um pouco à frente do local dos sangrentos combates anteriores. Sua linha de frente consistia de menos de duzentos espartanos sobreviventes dos primeiros dias de ação. Atrás deles ficaram as fileiras dos tebanos e, na retaguarda destes, cinco unidades de tés-pios, que a guarneciam na expectativa de um ataque por tal direção. Assim enquadrados, os tebanos teriam de lutar quando sua vez chegasse.

Meia milha além, a vanguarda dos persas, a partir do acampamento de Xerxes, começava a ser divisada nas curvas da passagem. O sol, surgindo por trás dos gregos, fazia refulgir na distância as lanças e espadas persas. Leônidas andou uma dezena de passos em frente de suas falanges e voltou-se para falar aos seus homens. Naquela espaço confinado, sua voz propagava-se bem.

— Não tenho de falar-vos quais são as nossas possibilidades, disse. Agora a passagem está arrolhada dos dois lados. Iremos, porém, fazer uma boa exibição para os persas e eu a quero de tal modo que eles dela não venham a se esquecer depressa.

O ruído da marcha fazia-se alto bem atrás deles. Leônidas voltou sem pressa para a posição que a si mesmo havia marcado no centro da primeira fileira. Os espartanos contrairam os músculos, ajustaram as correias braçadeiras de seus escudos e colocaram seus capacetes firmemente nas cabeças.

Somente duas ou duas e meia centenas de metros separavam as duas forças nesse instante. A cadência da marcha dos persas aumentava. Quando existiam apenas sessenta, quarenta, vinte metros de separação, os espartanos uniram ombro com ombro e seus escudos formaram uma impenetrável cortina erigida de lanças.

— Deixai-nos agarrar-vos então, disse Dienécio. Como se fôra uma resposta, os persas ergueram seus escudos e carregaram.

Mardônio, o marechal de campo persa, estava, em pessoa, comandando o ataque frontal. Sob seu olhar feroz, os persas combatiam

(Continua na pag. 104)

Há um Brastemp para cada conveniência

e com o máximo padrão de qualidade!

Brastemp

Imperador - 10,5 pés

O expoente máximo

Suntuoso, nos mínimos detalhes e dotado de amplo espaço interno, o refrigerador Brastemp Imperador atende às conveniências de um alto padrão de conforto. Permite conservar, folgadoamente, uma quantidade muito maior de alimentos, com perfeita distribuição. É um régio presente para o seu lar.

Congelador horizontal

Prateleiras corrediças

Amplas gavetas para legumes

Prateleiras na porta



Brastemp **Príncipe 6,5 pés**

**O primeiro
em sua
categoria!**

Equivalente em luxo e perfeição técnica ao Brastemp de maior capacidade, possui as mesmas características para o máximo conforto, atendendo às conveniências de espaço nas modernas residências.

5 ANOS DE GARANTIA — sob dupla responsabilidade: **1** - Da fábrica, pela alta qualidade do material e sua localização no país. **2** - Da concessionária, pela assistência especializada e interesse em servir bem.

Cia. Industrial e Comercial
Brasmotor
SÃO BERNARDO DO CAMPO - E. S. PAULO

O REFRIGERADOR MAIS PERFEITO ATÉ HOJE FABRICADO NO PAÍS

para mim - casa de amigos

Em Bauru

IV Jogos Universitários

Uma festa de conagração entre futuros doutores e professores secundários — São Carlos, Araraquara, Sorocaba, São José dos Campos, Santos, Campinas e Bauru as cidades participantes.



Bauru, apesar de ter sido a cidade sede dos Jogos Universitários, não foi além do terceiro lugar. Poucos foram os primeiros lugares conquistados. Ercília, da Escola de Educação Física de Bauru, colocou-se em primeiro lugar no lançamento do dardo.

Ei-la no pedestal da vitória.

A MOCIDADE interiorana do Estado de São Paulo pertencente às escolas superiores de ensino, viveu sete dias de entusiásticas disputas desportivas, quando da realização do IV Jogos Universitários Paulistas do Interior, em maio do ano em curso.

Belo para os olhos foi esse acontecimento. Exímias e curvilíneas garotas, principalmente as da Escola de Educação Física de São Carlos, chamaram para

si as atenções do público presente aos encontros de vôlei e basquete. Outras, não menos atraentes, deram, com seus encantos e personalidades, uma nota colorida e alegre aos dias sempre monótonos da «Capital da Terra Branca».

Embora uma inesperada e violenta onda de frio viesse tornar gélido o clima sempre cálido da cidade de Bauru, os espectadores, metidos em pesados agasalhos, davam uma nota particular às competições, devendo ser citadas

aqui as senhoras e senhoritas da sociedade bauruense com seus polícrômicos suéteres e custosos casacos de peles, êstes, há tanto tempo, aguardando a oportunidade de serem admirados e invejados...

Como campeã do desfile, colocou-se a representação da «IX de Julho», entidade essa que congrega em seu seio os acadêmicos da Faculdade de Direito de Bauru. As outras escolas participantes também tiveram merecidos aplausos da massa popular



O coronel Bizarria Mamede, figura central de conhecidos acontecimentos políticos militares, com um sorriso de confiança nos destinos do Brasil, como convidado especial, esteve presente à entrega dos troféus aos que se sagraram campeões. Ei-lo quando passava às mãos da bela morena Ana Cândida, da A. A. 7 de Maio de São Carlos, o laurel conquistado pela equipe feminina.

São Carlos sagrou-se campeã dos Jogos Universitários de Bauru. Na foto, o acadêmico Sérgio Alfieri (à esquerda) Presidente da Federação dos Universitários Paulistas de Esportes, quando entregava ao representante de São Carlos o troféu dos Campeões. Entre os dois, aparece Nelson Abdalla, Presidente da «IX de Julho de Bauru».

Paulistas

Texto de
NIDOVAL REIS

Fotos de
IVAN GUEDES

que se postou na ampla e bela Avenida Rodrigues Alves.

Ao jovem acadêmico de Direito Nelson Abdalla e ao seu colega Antônio Gaiotto, aquele Presidente da Associação Atlética Acadêmica IX de Julho e este Presidente do Centro Acadêmico IX de Julho, da Faculdade de Direito de Bauru, os nossos aplausos pela realização de tão importante disputa desportiva.

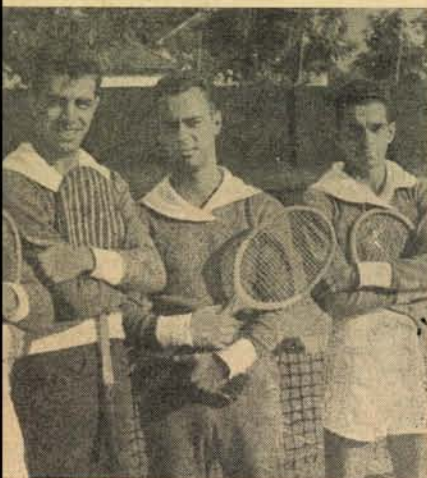
Nas páginas desta reportagem, os leitores encontrarão alguns «flashs» do IV Jogos Universitários Paulistas do Interior.



A «Manchester Paulista» esteve presente aos Jogos Universitários. Os futuros médicos, não «operaram» coisa muito boa. Entretanto, foram áduos disputantes.



Os rapazes de São Carlos. Lutaram com fibra e denôdo conquistando para aquela cidade paulista o ambicionado título de Campeões dos Jogos Universitários.



A cidade praiana de Santos, mandou a Bauru a sua mocidade representativa. Ao que nos parece não se fêz representar por sua fôrça máxima. No clichê, a equipe de tênis santista.



Eis a equipe feminina de São Carlos campeã dos Jogos Universitários. Alguns marmanjos não quiseram perder a oportunidade de aparecer junto às simpáticas meninas.

Conhecia apenas a sua voz, porém, uma voz que revelava uma alma gêmea da sua.

Vozes na treva

ANNA SVEN

Ilust. de Euclides L. Santos



EUCLIDES L. SANTOS

N O corredor de paredes brancas e brilhantes, os passos macios das irmãs e das enfermeiras tinham um ritmo mais apressado, se bem que mantivessem — até mesmo na pressa — a calma decisão de quem está acostumado a controlar os próprios nervos.

As pequenas portas fechadas, cada qual sobre uma dor humana, abriam-se silenciosamente, umas vezes para deixar filtrar no corredor um respirar de sono, outras num gemido surdo e ao mesmo tempo lacerante.

O médico de plantão entrou, com o cigarro apagado entre os lábios, o avental branco esvoaçante, no seu gabinete. Seu rosto mostrava-se fechado e severo, quase preocupado. Apertava com os lábios, que pareciam agitados por um tremor, o cigarro apagado, enquanto os olhos, ausentes e distantes, acompanhavam o fio dum raciocínio íntimo. Sempre assim, quando se encontrava diante de um "novo caso". Seu temperamento reflexivo, sua consciência de homem e de médico o impediam sempre de tomar decisões precipitadas, de fazer um diagnóstico prematuro que prejudicasse o paciente e a ciência. Nunca dizia "eu". Na sua própria consciência,

não contava consigo como médico isolado; só tinha importância a "ciência", na qual os homens deviam crer. E para fazê-los acreditar era preciso evitar o mais que possível o erro. Por isso, depois de cada "caso", retirava-se por alguns instantes para seu gabinete particular. Passeava para lá e para cá, parando de quando em quando para tomar apontamentos ou para arrumar em cima da escrivaninha um objeto que — segundo os pensamentos daquele dado instante — estivesse fora de lugar ou fosse "novo" para a sua atenção do momento. Depois decidia firme e resoluto. Preparava-se para operar ou para acompanhar clinicamente, com sempre novo interesse, o "Caso".

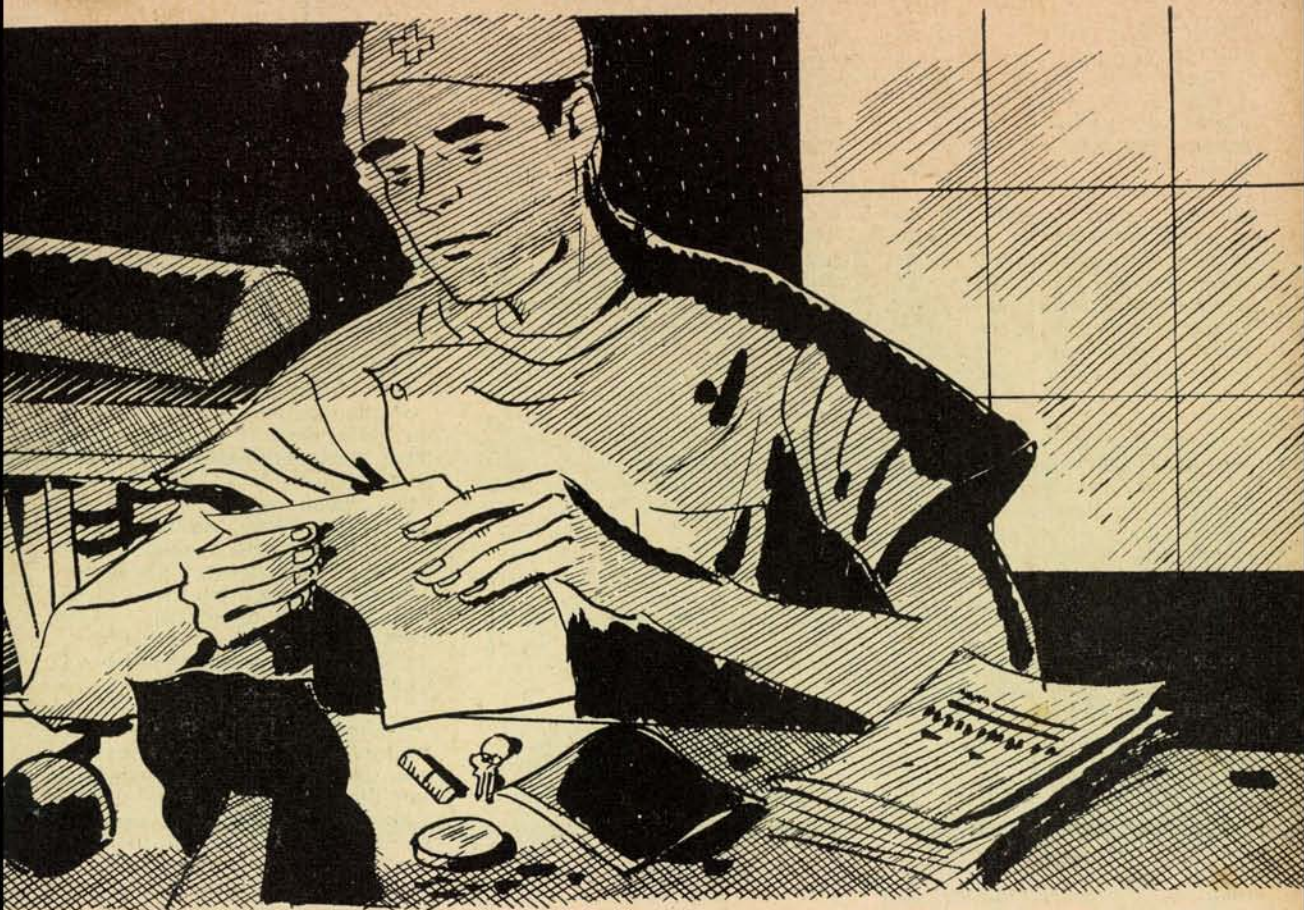
Naquela noite, arrumando os objetos fora de lugar em sua escrivaninha, seus dedos encontraram um, áspero um tanto, novo para seu tato que há muito conhecia e individuava um a um os objetos: a pena, o tinteiro, o pequeno elefante de alabastro, o livro de apontamentos. Era um objeto um tanto volumoso aquele, que de pronto o deixou perplexo. Tomou-o de cima da mesa, observando-o sob a lâmpada. Tratava-se de uma bolsinha de couro preto, com o fêcho dourado, aberta

como uma incauta voragem, da qual, por um movimento brusco da mão, saiu o conteúdo, que se foi espalhar pelo soalho.

O médico não apanhou logo o que havia caído. Pensava: a quem pertenceria a bolsinha? Quem a trouxera ali para cima da mesa? Fêz um pouco de esforço para desviar sua atenção do plano de "caso clínico" para o plano da "bolsinha encontrada". Depois esclareceu-se: devia ser da senhora que fora internada com urgência e a própria enfermeira a levava para ali. Curvou-se para apanhar os objetos espalhados aqui e ali: um "baton", duas pequenas chaves de prata, uma minúscula caixinha de pó de arroz, um envelope aberto e uma pequena carteira de couro. Depois tudo em cima da escrivaninha. Lançou uma olhadela sobre o envelope aberto, onde uma letra regular e nítida se destacava, revelando, na sua clareza, um temperamento.

Esta simples observação fez voltar o pensamento do médico para sua paciente. Quem era?

Haviam-na acompanhado dois desconhecidos, dos quais soubera que ela fora atropelada numa cruzilhada, não se sabia por quem, pois o carro atropelador havia desaparecido na escuridão. Seu esta-



do era grave. Em consequência da violenta pancada, apresentava uma lesão no baco, com a resultante hemorragia interna. O pulso se tornava cada vez mais fraco e freqüente, apresentando sempre mais acentuados sinais de anemia. Depois de madura reflexão, decidira operar. Era preciso tentar, uma vez que se tratava dum caso desesperado, e o ato cirúrgico era o único fio sutilíssimo a que se podia apegar para salvar a mulher. Procurou lembrar-lhe as feições. Era jovem — se bem que não muito jovem — loura, com um rosto delgado, alongado e contraído pelo sofrimento. As mãos eram brancas, pequenas, de unhas bem cuidadas, mas sem esmalte. Este particular lhe havia chamado a atenção: as unhas rosadas naturalmente, não deformadas, contaminadas por aqueles horripilantes esmaltes vermelhos que transformam as mãos femininas em outras tantas garras sujas de sangue. Parecia-lhe ter diante de si uma mulher um tanto diversa das outras: simples, muito simples.

Abriu a pequena carteira e dela tirou o título de identidade. Tinha de comunicar o incidente, era portanto necessário que soubesse o nome e o sobrenome da

jovem mulher. Ana Maria Oliveira. Um nome desconhecido. O olhar correu pela caixinha de pó de arroz, pelas chaves, pela carta. Parou: "Advogado Piero Landi — rua Romana — X..."

Ergueu o envelope, sopesou-o para avaliar-lhe o conteúdo; tornou a observar a letra do envelope. Ainda alguns instantes e depois passaria para a sala de operação. Instantes de intenso trabalho — uma vida à soleira da Morte — e, se as coisas corresse mal, o Nada... Pela primeira vez foi o médico assaltado por inexplicável curiosidade. Estranho: uma força misteriosa, como um chamado apenas perceptível mas intenso, o impelia a querer saber mais a respeito daquela mulher cuja salvação dependia dele; algo mais além de um nome luminoso: "Ana Maria" — e de um sobrenome desconhecido. Com sua natural curiosidade o homem se erguia, de repente, a dar ordens ao cientista.

Sentou-se e, sob a velada luz da lâmpada pousada sobre a escrivaninha, começou a ler.

"Caro Padrinho,

"Quando me deixou naquela outra noite em casa dos Benelli, me fez o senhor uma pergunta, sim-

ples, se bem que complexa, e com um tom de voz que queria ser sério. Lembra-se? E você... que está fazendo? Não respondi. Estendi-lhe a mão, depois deixei que me beijasse a testa, como a mais educada e séria das afilhadas. Mas na verdade — e o senhor talvez o adivinhou! — tinha uma vontade louca de saltar-lhe ao pescoço, de beijá-lo dez, cem, mil vezes, como quando era menina e o senhor fingia não gostar de minhas expansões demasiado exuberantes, e dizer-lhe baixinho, quase cochichado ao ouvido, o meu segredo. Não pude. O senhor saiu. E agora eis-me aqui. Voltando para casa naquela noite, senti-me mais só do que de costume. E a minha solidão me fez medo. Procurei nos aposentos solitários a voz de meu pai — aquela voz grave e doce ao mesmo tempo, que tantas vezes soava a meus ouvidos de menina como uma música solene e majestosa: e era quando o senhor e ele falavam de arte, de música, de literatura... Depois o sorriso, a doçura de minha mãe... Como estou sozinha, meu padrinho! Sinto-me perdida e pequena na casa tão grande, onde vivi uma infância feliz, onde tudo me recorda horas de alegria e sonhos infantis maio-

res do que a pequena boneca que eu era.

"Agora tudo — como sempre — é silêncio em redor de mim. O quarto está quase no escuro, somente a lâmpada sobre a escrivaninha difunde uma luz quente, avermelhada, e dos ângulos mal iluminados parece que fogem sombras misteriosas de fantasmas, cujos contornos aparecem e desaparecem entre sutis véus nevoentados. Se fico à escuta, ouço fracas vozes, apenas perceptíveis: as vozes das coisas que — não ausentes — falam entre si na sua linguagem, incompreensível para os homens. O silêncio, as vozes apenas perceptíveis, a hora tardia, certo estado de inquietação que me dá ora melancolia, ora alegria, esperança e desilusão, pranto e sorriso, me induzem a responder àquela sua sibilina pergunta: — "E você... que está fazendo?" Meu pai, talvez, saberia responder-lhe mais claramente do que eu, porque conhecia a minha alma simples e complexa, a minha dedicação completa às pessoas queridas, o meu espírito de sacrifício e aquela ânsia de dar e receber ternura e compreensão. Eu lhe digo: a sua ajuizada e estouvadinha afilhada tem um segredo. Oh! não fique alarmado! É um segredo inocente, direi quase pueril, que fará de certo sorrir um homem sério como o senhor. Sim, meu padrinho, há anos... quero bem a alguém. Alguém — e aqui está a minha magnífica maluquice — cujo nome e cuja vida ignoro e... até mesmo o rosto! Só a voz é que conheço: uma voz quente, grave, com improvisadas notas de alegria e de pureza, como a voz de um menino. A mim, tímida e sonhadora, aquela voz revelou o tesouro de uma alma que me pareceu gêmea da minha, uma alma que encontrei de improviso e que improvavelmente perdi.

... "Foi numa noite de guerra, em um trem qualquer, profundamente escuro, a resfolegar por uma estrada, ao longo da qual, a cada volta, a morte tocava. Um encontro comum, um episódio sem importância para o senhor e para os outros, e que portanto é inútil narrar. Mas para mim foi o princípio de um sonho. Não me apercebi, naquela noite, de que tivesse perto a tocar-me de leve o rosto as asas da morte. Lembro-me somente de que sussurrei fervorosamente como se rezasse: "Senhor... é ele talvez?"

"Passaram-se quatro anos, quatro longos e terríveis anos. O tempo, a dor, as amarguras, tudo não consegui fazer-me esquecer o som daquela voz e as palavras que me revelavam uma alma... Sei que sou tãla e pueril como uma menina, mas agora, que quer? Todos os dias fixo em mim os pensa-

tos que o senhor conhece; por isso digo a mim mesma que talvez, no escuro, como eu compreendi a sua alma, terá ele compreendido a minha. Os homens são distraídos, demasiadas vezes fixam sua atenção sobre exterioridades e não procuram em nós, mulheres, os pensamentos, os sentimentos; a alma inteira, que pode ser mais luminosa, mais bela, mais pura do que um rosto de feições puríssimas e um corpo de beleza estatutária. Sinto que sou uma pequena mulher insignificante, com uma alma luminosa. O senhor disse: "E você... que está fazendo?" Espero quem descubra esta alma, que me ame pelo que de bondade ou de maldade, de beleza ou de feiura, de compreensão ou de incompreensão, Deus quis pôr na minha alma. Espero, e... — aqui está o absurdo, a tolice diante da qual o senhor haverá de sorrir — espero tornar a encontrar aquela voz... E se, tornando a encontrá-la, verificar que me enganei e que vi o que não há... então... recomen-

«Amar é pedir a alguém a felicidade que nos falta». — Rochepêdre.

carei a esperar, a esperar. Porque, meu padrinho, pense que devo agora em diante decidir-me e bem depressa. Estou só, é verdade; mas o estarei muito mais e dolorosamente se me unir a um homem que me quiser apenas superficialmente, fisiologicamente. Parece-lhe que seja fácil, para algum de nossos conhecidos — homens modernos e por isso muito superficiais — querer-me bem? Peço-lhe, não meça os outros pelo seu estalão de ternura e de admiração por mim. O senhor me conheceu menina, nada de meus sentimentos ignora, quer-me bem como a uma filha, compreende-me e por isso me ama. Mas os outros?

"E agora, padrinho, peço-lhe, rogo-lhe: não zombe de mim. Tomei uma decisão, embora possa o senhor julgá-la louca. Parto. Amanhã tomarei um trem que percorrerá o mesmo caminho daquela noite, e seguirei para a mesma cidade. Depois de quatro anos quero ilustrar-me com a possibilidade de reencontrar assim aquela voz: percorrendo o mesmo caminho de então. Mas já que um tufão de morte passou por sobre a nossa pobre e magnífica terra, pode acontecer que ele, sim, o homem daquela voz, não exista mais. Pois bem, em tal caso, depois de haver esperado e procurado, me aquietarei: viverei de recordações e jun-

to ao rosto sorridente de minha mãe, sob o olhar severo e doce de meu pai, porei o som daquela voz grave e cristalina ao mesmo tempo...

"E agora, adeus, padrinho. Deixo aberta a carta para escrever-lhe as minhas impressões de viagem e a chegada à cidade. Não me creia demasiado tãla e queira-me o bem de sempre. Sua, com muita ternura,

Ana Maria".

"Foi numa noite desta última guerra terrível, num trem qualquer..."

O olhar do médico voltou a pou-sar duas, três vezes, sobre esta frase, que podia parecer sem importância.

Foi numa noite...

Pouco a pouco, no olhar fixo sobre aquela frase, passaram como numa tela branca, visões incertas, confusas, rápidas, atropelando-se umas às outras... Um trem quase deserto a correr dentro da noite, a escuridão escurtejada por lâminas cortantes de luz, o silêncio do campo rompido pelos motores dos aeroplanos, atravessado por sibilos, por tiros... Ele, sentado no escuro, num compartimento, pronto a encontrar a morte naquele trem vazio que andava lentamente, ansioso como um asmático. Regressava da frente, ele, o tenente-médico Jorge Veretti, e ia ter com os seus, numa breve licença. Tinha deixado o inferno e o reencontrava a cada passo no solo da pátria, onde tivera a ilusão de passar dias serenos. Mas ali, no trem, a Morte lhe fazia medo, porque se sentia desarmado, impotente para combatê-la e defender-se, como, pelo contrário, lhe acontecia no campo de batalha. Havia-se encolhido no seu canto escuro e tentava adormecer, embora permanecendo com todos os sentidos vigilantes. Já por duas vezes o trem havia parado sob galerias. Paradas longas e enervantes que exasperavam sua ansiedade. Os seus o esperavam. Já sua mãe lhe havia escrito dizendo-lhe que havia preparado alguns trajes de lã e havia comprado no... câmbio negro, o açúcar necessário para preparar-lhe aquela torta de mel de que ele tanto gostava. Querida mamãe! Tinha sorriso enternecido ao pensar nela e talvez, quem sabe? — havia pronunciado mesmo aquele "querida mamãe", porque, de repente, da escuridão do compartimento em que pensava achar-se só, uma voz, tímida, doce, havia perguntado:

— Quem está aqui? Não estou sôzinha?

Surpreendido, erguera-se, avizinhandose daquela voz. Depois acendera um fósforo. Na verdade, tinha "tentado" acendê-lo, porque ele, meio úmido, não pegara fogo.

Então lembrara-se de ter no bolso somente aqueles fósforos molhados (havia chovido o dia inteiro e ao acender o cigarro a caixa lhe fugira da mão, indo afundar-se numa poça d'água) e uma lâmpadazinha, mas com a pilha descarregada. Não cuidara de mudá-la, na esperança de que não tardaria a chegar em casa e ali haveria de encontrar tudo... Também uma boa cama quente, graças a Deus! Disse-o em voz forte, com a ilogicidade que lhe era habitual:

— Não tenho fósforos... Mas os terei em breve! E também uma cama, imagine!

O tom da voz devia ser um tanto infantil, porque a outra riu: um riso cristalino, doce e sereno ao mesmo tempo. Finalmente, respondeu-lhe à primeira pergunta: — Sou um soldado. Vou de licença. Como vê, não está sôzinha. E você?

— Dirijo-me para X... Minha prima deve casar-se dentro de poucos dias e quer que eu esteja lá. Vive só...

— Boa coragem tem! Viajar nestes dias, com êsses "besouros" que voam e despencam tôdas as noites...

— Não tenho medo. Talvez porque me sinta fatalista. Se tiver de morrer numa dada hora e num dado dia, isto acontecerá, tanto se me encontrar abrigada em casa contra qualquer perigo, como no trem, sob as bombas. Não acredita?

— Absolutamente! Não sou fatalista... Penso que somente a nós é dado encontrar o bem ou o mal, esquivar o perigo, a sorte...

A desconhecida disse, com um suspiro:

— Porque... é fácil encontrar a sorte?

— Sim. Como a quer? Cega ou com grandes olhos luminosos?

— Está brincando? Eu a queria...

Interrompeu-se e êle adivinhou, pelo silêncio repentino, aquele movimento de lábios, de súbito retido, que têm aqueles que estão para dizer uma coisa imprudente e de repente se arrependem.

— Não estou mais brincando — disse. É deveras difícil encontrar a sorte... se existe. E depois, que é que se entende por sorte? Riqueza? Prazer? Compreensão? Amor? Você quereria... Diga.

— Eu... — A voz se fez titubeante, tímida, depois de repente, disse: — Quereria a compreensão e o amor. Tôda a claridade e a alegria da minha infância transportadas para a juventude... Mas, não sei... talvez não me compreenda, porque não sei explicar-me...

— Explica-se muito bem — replicou com gravidade. — Conti-

(Continua na pag. 32)

TRADIÇÃO PRESTÍGIO QUALIDADE



Casimiras **SANTISTA**

acabado pelo legítimo
PROCESSO INGLÊS
LONDON SHRUNK
pré-encolhido.



esparso

POEMA DAS VOZES ESQUECIDAS

Uma réstea de luz descolorida
Acordou a voz das côres e das sombras,
Enquanto a claridade indivizível
Dos teus olhos
Disse um verso de amor para ninguém.

No silêncio bucólico das côres,
Achei o cemitério das palavras,
O cemitério das cousas e das pedras
E da fugitiva nesga de alegria
Que fez brotar um paraíso avêssio,
Onde havia
Um inferno de amôres apagados.

Antônio Dominoni

FÔLHA MORTA

E' noite... Já vai alta a madrugada.
A rua está sôzinha... sem ninguém.
Uma fôlha sem vida, aos poucos vem
rolando sem parar pela calçada.

E' pálida, talvez, amarelada
longe da seiva da árvore que além
chora a fôlha que o vento, com desdém,
arrancou de seus galhos, desolada.

A fôlha vai rolando pelo chão...
Perdida a caminhar. Sem compaixão
levada pelo vento em frenesi.

Eu, do meu quarto, a tudo assisto e vejo,
e sinto que esta fôlha sem desejo,
sou eu mesmo ao estar longe de ti.

Assad Amadeu

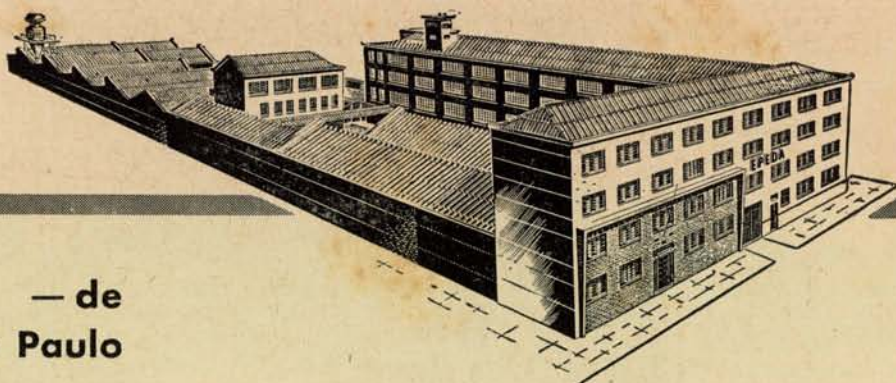
TORTURA

Sou um campo de lutas devastado
Os sonhos jazem no caos da impossibilidade

Chega a noite e os fantasmas me atormentam
E quando o sono chega benfazejo
entorpece o latejante cérebro cansado
Como se a noite fôsse eterna
E não tivesse de acordar amanhã...

Ivone Gelape

de Paula



— de
São Paulo
para o
Brasil
os

4 MÁXIMOS do Conforto



De uma grande fábrica em São Paulo — a Fábrica Epeda — em tudo e por tudo igual às suas congêneres da Europa e América do Norte, o Brasil todo recebe os 4 máximos do conforto, os Colchões de Molas Epeda.

A produção em escala industrial do Colchão de Molas Epeda, significa para o Brasil e para os brasileiros algo mais do que o fabrico de um produto; significa a nossa capacidade em produzir o melhor, como o melhor em conforto e durabilidade produzem os países mais adiantados do mundo:

Colchões de Molas Epeda

COLCHÕES DE MOLAS

EPEDA

Luxuosíssimo • Luxo • Junior • Universal

VENDAS À VISTA

E A PRAZO

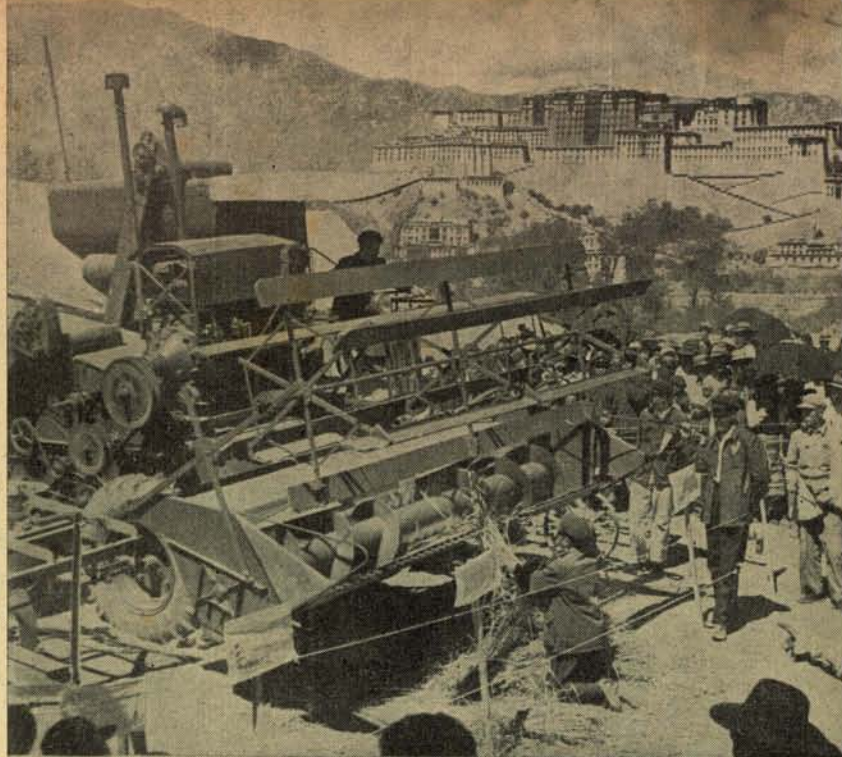
EM TÔDAS AS BOAS CASAS DO RAMO DO BRASIL

ÚNICOS FABRICANTES NO BRASIL:

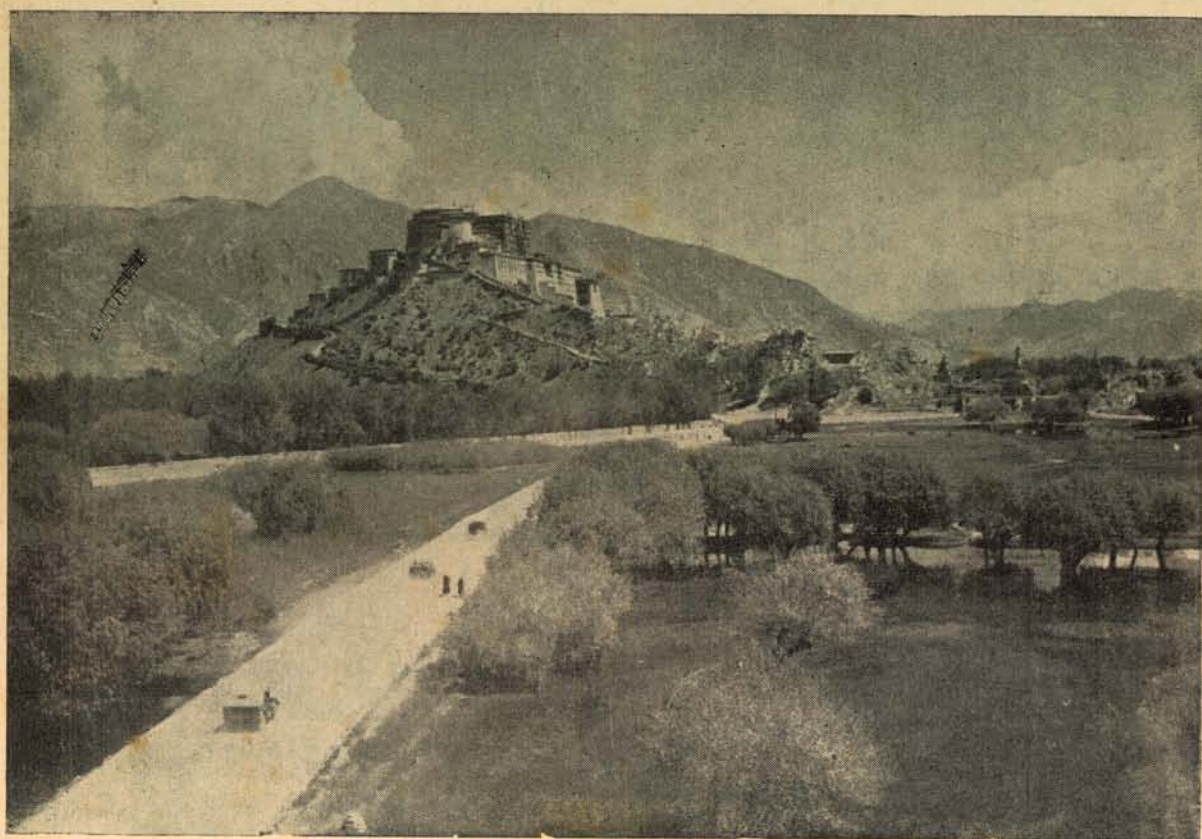
INDÚSTRIAS RAPHAEL MUSETTI S/A.

FABRICA: Rua Catarina Braida, 61 — Fone: 9-7118 — São Paulo — FILIAL Rio: Rua Santa Luzia, 799 — Fone: 52-9068

Este é um exemplar da moderna máquina agrícola combinada, recentemente apresentada, em pleno funcionamento, durante uma exposição de implementos agrícolas, gado e trabalhos de educação e saúde, realizada não faz muito tempo na capital tibetana. Máquinas como esta estão hoje funcionando em várias partes do país.



O Tibet Abre as Portas Para a



Um aspecto atual de Lhasa, capital do Tibet.



Civilização

Um rebanho de carneiros nas pastagens tibetanas. De 1951 para cá a criação de gado ovino registrou um desenvolvimento considerável.

ATÉ há bem poucos anos, o Tibet era considerado uma das mais atrasadas regiões da terra. Situado num planalto da Ásia Central, de aparência por vezes desértica e de altitude considerável (5 mil metros), entre altas cadeias de montanhas, o Tibet é o principal centro do budismo.

A capital, Lhasa, sobre o rio Kitchu, é dotada de numerosos mosteiros, para onde convergem anualmente incessantes peregrinações. O líder espiritual (dalai-lama) é o chefe do governo.

Sem estradas nem qualquer outro meio de comunicação, o Tibet era quase inacessível. As viagens, nesse país, eram demoradas, empregando-se ne-



Nacionais do Tibet interpretam uma peça tibetana, em frente ao Palácio Potala, em Lhasa, como parte das comemorações da abertura ao tráfego das duas novas rodovias: a Lhasa-Shigatse e Shigatse-Gyantse.





Aspecto do novo hotel, cuja primeira etapa de construção foi concluída. Numerosos habitantes de Lhasa vêm visitá-lo.



Um grupo de pesquisadores tibetanos, em atividade no local onde, brevemente, será erguida uma nova central hidrelétrica.



las o iaque, animal forte e resistente, nativo na região, que conseguia transpor os grandes obstáculos naturais e percorrer enormes distâncias. Durante os anos de influência britânica, o Tibet não saiu do seu atraso secular.

A partir de 1951, porém, quando se reincorporou à China, o aspecto do Tibet passou a modificar-se. Construíram-se longas rodovias — como a Kangting-Tibet, a Chingai-Tibet, Lhasa-Shigatse, Shigatse-Gyantse e a Gyantse-Fari — algumas das quais, como a Kangting-Tibet, situadas a altitudes médias de 4 mil metros, sobre precipícios — estradas que são magníficas obras da engenharia moderna.



Ponte sobre o rio Lhasa, ao longo da rodovia Kangting-Tibet.

O líder espiritual, dalai-lama (à esquerda), e o Panchen Ngoerh-tehni, na estação de Pequim, quando chegavam à capital chinesa para uma visita.



Com o auxílio de maquinaria agrícola e de instrução técnica, prestado pelo governo central da China, a agricultura tibetana progride rapidamente. Os rebanhos estão sendo grandemente aumentados, eleva-se o nível econômico e cultural do povo e elimina-se o analfabetismo. E já começam a ser lançadas as bases para a industrialização do Tibet. Também foi lá introduzida a radiofonia, existindo atualmente emissoras em Lhasa, Shigatse e Yatung. — (INTER PRESS).



Jovens de nacionalidade tibetana acorrem à uma livraria de Lhasa, para adquirir livros impressos em Pequim e levados para o Tibet em grandes quantidades.





Óleo de Peroba

A maravilha da felicidade de seu lar, em muito depende da conservação dos seus móveis com ÓLEO DE PEROBA

Distinção e originalidade

Ofereça o presente que fará o seu nome lembrado durante todo o ano. Ofereça uma assinatura de

ALTEROSA

O presente que chega 24 vezes



RUGÓL

2 cremes em 1

Limpa e embeleza a cutis. Dá maravilhosa brancura e esplendor de juventude.

CREME Rugól

MANTEM EM SEGREDO SUA IDADE!

DENTRO DA VIDA

FANTASMA INTERPLANETÁRIO

Vinícius de Carvalho

A PRINCÍPIO, achara o filme maluco e ruim, mas, agora, deitada no quarto solitário, a Sra. Allie Mae Packard não podia conter um frêmito de medo. E se aquilo fosse possível?

Pela manhã, o marido viajara. A primeira viagem após um ano de casados. Ela passara o dia todo numa inquietação que procurava minorar a custa de trabalho, mas sempre que se detinha no meio de um tarefa, lembrava-se de algo que achava de bom aliviar a Mike. Chegava a ponto de começar uma frase para, logo em seguida, verificar que Mike não se achava a seu lado. E, de novo, a inquietação voltava.

Com a ausência do esposo, faltava-lhe mais que companhia. Algo de indefinível tomara conta de seu ser. Parecia-lhe ter perdido a afeição do mundo inteiro, supunha-se exilada numa terra estranha, sentia-se como que incompreensível e incompreendida. No entanto, aquela era a sua Burbank, a terra em que nascera e crescera, e onde quase todos eram seus amigos.

"Como faz falta a presença de uma pessoa a quem se quer bem!" — pensava ela ao procurar novas coisas para fazer, a fim de afastar-se da realidade da separação.

À noite, decidiu ir ao cinema e, por vontade da vizinha, que apreciava ficção científica, lá se foi, em sua companhia, ver a última novidade em maluquices deste e do outro mundo: "Invasion of the Body Snatchers", ou seja, em má tradução, ao pé da letra, "Invasão dos Ladrões do Corpo". Tratava-se de um filme em que habitantes de outro planeta, ocultos em formas vegetais, acabavam por penetrar em corpos de pessoas da Terra, roubando-lhes a personalidade. Dessa maneira, o médico de uma cidade passou a ter o seu próprio aspecto exterior, mas agindo de maneira diversa. E, em breve, toda a localidade foi tomada de assalto por uma singular epidemia: filhos afirmavam que suas mães não eram as mesmas; noivas juravam que seus noivos se haviam tornado espiritualmente irreconhecíveis; amigos íntimos passaram a torcer-se mutuamente

o nariz. Uma doideira completa.

A Sra. Allie deixou a sala de espetáculos maldizendo o filme e apontando-lhe os ridículos saídos do bestunho dos cavalheiros de Hollywood.

Agora, porém, a idéia estava a perseguir-lhe a mente. E se seu marido voltasse "outra pessoa"? E se, de fato, aquilo fosse cientificamente possível?

Finalmente, dando a si mesma a desculpa de que ladrões poderiam aproveitar-se da viagem de Mike para roubar a casa, mas, na realidade, com receio de que o que vira na película cinematográfica pudesse acontecer, ela pegou do revólver que o marido deixara na gaveta da cômoda e colocou-o debaixo do travesseiro. Assim dormiria melhor.

Não sabia dizer quando a coisa começara, mas o fato foi que pressentiu que algo passara através da porta trancada. Era uma forma indefinida, vaga como uma sombra, com uma substância que parecia viscosa a brilhar-lhe na silhueta imponderável. A Sra. Allie sentiu a descarga elétrica de um calafrio correr-lhe as costas, e o pavor pesou-lhe nos membros como chumbo.

O estrupício caminhou para o seu lado. Caminhou não é bem o termo: deslisou, flutuou rente ao assoalho, já que parecia não possuir pernas. Aproximou-se mais e mais. Agora, o novêlo esfumado passou pela grade dos pés da cama e, lenta mas inexoravelmente, começou a penetrar-lhe o corpo a dentro. Um atroz sentimento de frio marcava-lhe nos membros o espaço já apossado pela coisa. Seus joelhos se tornaram gelados e, pouco a pouco, centímetro a centímetro, a implacável forma, pegajosa e glacial, lhe ia ganhando o corpo e arrebatando-lhe a vontade.

Sabia que quando ela lhe atingisse o cérebro, tudo estaria perdido. Quando voltasse da viagem, Mike teria apenas o fantasma de seu ser, mas não um fantasma incorpóreo. Ao contrário: apenas seu corpo o receberia. Sua alma, essa estaria liquidada, presa a um inferno inédito, torturada por sobre-



natural e estranho poder. Sim, Mike teria apenas o seu fantasma físico, autômato de um hóspede terrível, *robot* de satânicos desígnios.

A esquisita sensação já lhe ganhava o estômago, quando, num titânico esforço, a mão da Sra. Allie deslisou sob o travesseiro e apertou a corronha do revólver. Sim, era preciso destruir o invasor demoníaco, livrar-se daquela fatal condenação.

Num gesto repentino, sem sequer pensar no mal que causaria à parte física do seu "eu", encostou o cano da arma no abdômen e apertou o gatilho.

A Sra. Allie está convalescendo no hospital californiano de Burbank. Contou ao marido atônito seu horroroso pesadelo, o qual, infelizmente, fez real o seu involuntário quase-suicídio. Mike culpou-se por ter deixado o revólver ao alcance do delírio da esposa e a imprensa fez alarde do sonho que teve tão dramático epílogo.

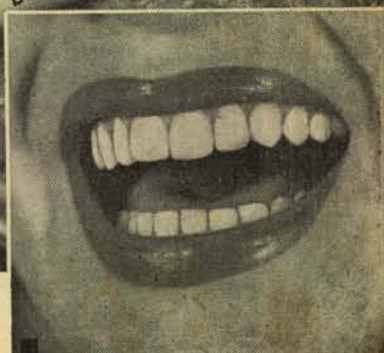
Mais uma vítima do disco-voador...



Os Sentidos dos Gatos

Algumas observações têm revelado que os gatos não podem enxergar em absoluta escuridão, embora os seus olhos sejam mais adaptáveis à visão noturna que os dos seres humanos. A grande habilidade demonstrada por esses felinos quando se movem na escuridão é atribuída, em parte, à segurança do seu andar e a seus bigodes, que funcionam como antenas sensíveis.

Elimine totalmente os odores da boca com



Mentasol dentifrício verde de clorofila

MENTASOL elimina totalmente os odores da boca, dando-lhe condições de higiene jamais alcançadas por dentifrício algum. **MENTASOL** devolve aos dentes a alvura, o brilho e a beleza naturais. **MENTASOL** combate as causas das cáries dentárias. **MENTASOL** protege contra as afecções comuns das gengivas.

Mentasol

com delicioso
sabor de hortelã!

O que é Clorofila?



— **CLOROFILA** é a substância verde existente nas células dos vegetais, que miraculosamente transforma a energia do sol em alimento vivificante. Após sua descoberta, a **CLOROFILA** vem sendo largamente usada, em todo o mundo, como desodorizante e agente restaurador dos tecidos.



MAIS
UM BOM
PRODUTO
LEVER

Um Homem Com Duas Espôsas

CAPITULO IV

Os vizinhos descobriram o cadáver. A sua existência sórdida estava terminada, mas assim mesmo ele ainda poderia destruir tôdas as suas vidas.



RESUMO DA PARTE PUBLICADA

Bill Harding, ex-novellista, casado com Betsy Callingham — filha de seu patrão, dono de uma cadeia de revistas — sem querer, provocou o nascimento de um romance entre Jaimie Lumb, outro escritor, namorado de Angélica, sua primeira esposa, e Daphne Callingham, sua cunhada, uma jovem mimada e desenvolta. No mesmo dia em que os dois anunciaram seu noivado, Daphne voltou à casa de Bill, dizendo-se agredida por Jaimie. O romance parecia encerrado, mas, três dias depois, Bill viu os dois juntos outra vez, conversando num restaurante.

Alguns dias depois, ausentando-se Betsy, que estava empenhada numa campanha filantrópica, Bill foi procurado em sua casa por Angélica, que lhe pediu algum dinheiro para alugar quarto num hotel, já que fora desalojada de seu apartamento por Jaimie. Nessa mesma noite, não de todo esquecido da paixão de outrora, Bill estava a ponto de cometer uma traição contra a esposa, com Angélica, quando foram surpreendidos por Ellen, ama de Rickie, filhinho do escritor e de sua ex-esposa. Na mesma noite, Jaimie era assassinado e o sogro de Bill, procurando arranjar um dlibi para sua filha mais nova, enamorada do rapaz, pediu que o genro afirmasse à polícia ter ela passado a noite em sua casa.

Complicou-se a situação, porque Bill não via jeito de esconder à esposa sua semi-infidelidade, que viria a destruir o seu casamento, principalmente se Angélica fôsse a culpada da morte de Jaimie. Urgia, inicialmente, preparar o dlibi para Daphne, em cuja casa já se encontrava o tenente Trant, do Departamento de Homicídios.

A ENTREVISTA com Trant começou miraculosamente bem. Ele se mostrava respeitoso, quase reverente, como se tivesse recomendação para tratar os Callinghams com luvas de pelica. Foram os Browns, vizinhos de Jaimie, disse-nos ele, que tinham descoberto o corpo. Tinham saído para uma festa. Convidaram Jaimie a sair com eles, mas o rapaz recusara, alegando outro encontro. Quando voltavam para casa, perto das quatro horas, viram sangue escorrendo por baixo da porta. Arrombaram-na e o encontraram caído perto do radiador, morto com três tiros. Não tive necessidade de fazer a pergunta que me parecia tão tremendamente importante. O próprio Trant acrescentou:

— De acôrdo com o relatório do médico legista, ele deve ter sido alvejado entre uma e duas horas.

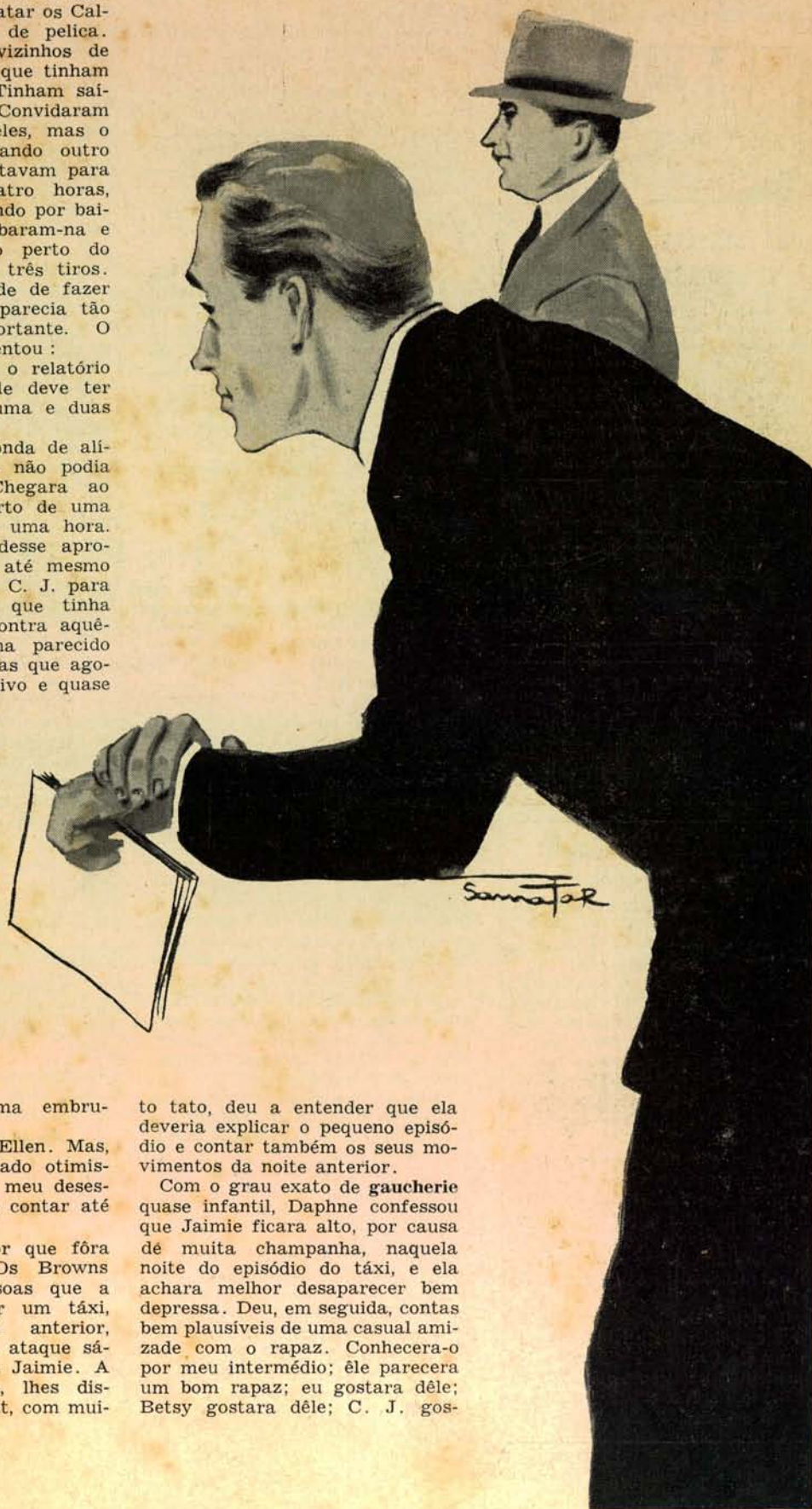
Dominou-me uma onda de alívio. Então, Angélica não podia ter feito aquilo! Chegara ao meu apartamento perto de uma e ali ficara mais de uma hora. Assim, talvez eu pudesse aproveitar aquele fato e até mesmo usar o falso álibi de C. J. para me proteger. Tudo que tinha de fazer era jogar contra aquele detetive, que tinha parecido tão mal-agourento, mas que agora se tornava inofensivo e quase meigo. Naturalmente, a polícia ainda poderia chegar até Angélica, como alguém que entrara na vida de Jaimie. Ela precisaria de um álibi. Mas, por que haveria de arranjá-lo comigo? Lembrei-me de Paul e Sandra. Tinham estado sôzinhos na noite anterior. Paul, com a sua camaradagem amoral e fácil, não deixaria de fazer uma coisa tão inócua como seria ajudar um velho amigo e dar um álibi a uma mulher inocente metida numa embrulhada.

Claro, ainda havia Ellen. Mas, com o novo e obstinado otimismo que substituíra o meu desespero, achei que podia contar até com Ellen.

Trant explicava por que fôra procurar Daphne. Os Browns tinham sido as pessoas que a ajudaram a arranjar um táxi, numa noite muito anterior, quando ela fugira do ataque sádico e embriagado de Jaimie. A moça, aparentemente, lhes dissera seu nome, e Trant, com mui-

PATRICK QUENTIN

Ilust. de Sammy Mattar



to tato, deu a entender que ela deveria explicar o pequeno episódio e contar também os seus movimentos da noite anterior.

Com o grau exato de *gaucherie* quase infantil, Daphne confessou que Jaimie ficara alto, por causa de muita champanha, naquela noite do episódio do táxi, e ela achara melhor desaparecer bem depressa. Deu, em seguida, contas bem plausíveis de uma casual amizade com o rapaz. Conhecera-o por meu intermédio; ele parecera um bom rapaz; eu gostara dele; Betsy gostara dele; C. J. gos-

JOANETES

Calos - Calosidades - Dedos Doloridos



UMA SIMPLES APLICAÇÃO... ACABA COM A DOR!

Os Zino-pads Dr. Scholl acabam imediatamente com a dor nos joanetes (inchaço da articulação do dedo grande). Nenhum outro método proporciona alívio tão completo e pouco dispendioso. Protege os pontos sensíveis. Alivia a pressão dos sapatos novos ou apertados. Em tamanhos, também, para calos, calosidades, calos moles entre os dedos. Adquirir os Zino-pads Dr. Scholl nas nossas lojas, nas drogarias, farmácias e sapatarias.



Calos



Calosidades



Calos entre os dedos

Zino-pads Dr. Scholl

IA - 992

Qualquer que seja o clichê desejado — para jornais, para revistas, rótulos, folhetos, volantes, impressos em geral — em uma ou mais cores, dirija-se à editora desta revista. Qualidade e rapidez. Remessas pelo reembolso postal ou aéreo, para todo o Brasil.

A BELEZA É OBRIGAÇÃO

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feito quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o Creme de Alfazema «Brilhante» ultra-concentrado, que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade encantador à vista.

A pele que não respira resaca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alfazema «Brilhante» permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os panos, as manchas e asperezas e a tendência para a pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alfazema «Brilhante». Experimente-o.

É um produto do Laboratório Alvim e Freitas S. A.

tara dêle e os Fowlers gostaram dêle. Mas, de certo, êle não era exatamente da «sua categoria». Afinal, indicando-me com um gesto, acrescentou:

— E, quanto à noite passada, estive com Bill o tempo todo.

Enquanto C. J. observava, com cuidadosa e velada atenção, ela traçou discreto retrato de uma calma noite doméstica. Eu confirmei tudo. C. J. introduziu com destreza o fato de Ellen ter preparado a ceia para nós.

— O senhor pode falar com ela, tenente, se precisar de outra confirmação.

O rosto do tenente Trant era o retrato da própria cortesia.

— Obrigado — respondeu com gravidade. — Sinto muito ter de incomodá-los, mas estou certo de que os senhores compreenderão. E' apenas uma formalidade.

Levantou-se. Pensei que já se fôsse embora. Ao invés, êle meteu a mão no bolso.

— Há duas coisas... Não imagino que os senhores possam ajudar-me... mas encontramos isto no apartamento de Lumb.

Tirou a mão do bolso. Na palma aberta estava o anel de minha mãe, que eu dera a Angélica, antes do nosso casamento.

— Algum dos senhores é capaz de reconhecê-lo?

Daphne e C. J. inclinaram-se para a frente.

— E' um anel de mulher — disse a moça.

Pareceu-me que o olhar de Trant demorou no meu rosto uma fração de segundo um tanto longa. Depois, deixando o anel cair no bolso, pegou o envelope manila que tinha deixado numa cadeira.

— Depois, há isto também. Foi encontrado perto do corpo. Não há, imagino, impressões digitais. Mas, no mínimo, terá sido a arma usada para matá-lo.

Tirou do envelope um revólver e dirigiu-se para nós. Reconheci-a ao primeiro instante. Era o velho Colt de Angélica.

Por um momento, senti uma onda de pânico. Mas só por um momento, pois sabia que Angélica não tinha feito aquilo. O elemento tempo era prova. Se o seu anel fôra encontrado no apartamento de Jaimie e o seu revólver o matara, haveria dúzias de razões para explicá-lo sem a envolver. Pelo menos, devia haver.

— Sr. Harding? — A voz de Trant cortou meus pensamentos confusos. — Miss Callingham? Reconhecem esta arma?

Daphne sacudiu a cabeça. Eu nada fiz.

— Era o que eu pensava. — Trant sorriu e, súbitamente, tornou a parecer-me azarento. — Bem, não quero atrapalhá-los mais tempo. Se houver mais alguma coisa, eu lhes darei notícia. Obrigado e até a vista.

Recolocou a arma no envelope e saiu da sala.

Por um longo momento, todos ficamos em silêncio. Depois, C. J. ordenou:

— Vá falar com Ellen, Bill. Combine o negócio antes que o policial chegue lá.

Lembrei-me que já imaginara a maneira de conduzir Ellen.

— Por que não a chama, C. J.? — sugeri. — Pelo senhor, ela faria qualquer coisa.

Êle franziu a carranca, como sempre fazia quando um subordinado seu sugeria qualquer modificação nos seus planos. Depois, fez um gesto, indicando o telefone. Significava que eu devia discar.

Êle nunca discava, se havia na sala qualquer outra pessoa. Chamei Ellen ao aparelho e êle pegou o receptor.

Nunca ouvi conversa mais delicada. A voz do velho era toda melosa e sorridente. Havia

um pequeno favor que êle gostaria que Ellen lhe fizesse, uma pequena mentira técnica, a fim de evitar a publicidade. Resumiu a situação e, quase imperceptivelmente, chegou ao ponto onde queria. A sobrinha favorita de Ellen, na Inglaterra, tinha estado doente. Não seria boa idéia trazê-la de avião, para que um médico americano pudesse dar uma segunda opinião?

— Não, Ellen, minha filha, não me agradeça. Afinal de contas, você também é membro da família.

Desligou o aparelho. O sorriso fixo se desvaneceu.

— A coisa está arranjada.

— Muito bem arranjada — disse Daphne, com um risinho. — Mas, então, eu também arranji tudo direitinho. Você não se orgulha de mim, paizinho?

Sem o menor indicio de censura, C. J. voltou-se e deu-lhe um tapa na face.

— Orgulhar-me de você? Depois do episódio dessa noite? Saia daqui. Vá para o seu quarto.

— Mas, paizinho...

— Vá para o seu quarto.

Por um instante, Daphne pareceu atônita. Em seguida, saiu rà-

Aquêl que sabe
perder com alegria é
um vencedor. —
Elbert Hubbard.

pidamente. C. J. olhou-a até ela desaparecer. Por trás da fúria estampada no seu rosto, havia uma expressão que eu nunca tinha visto. Era quase de angústia. Então, ele a ama a esse ponto, pensei.

O telefone tocou. Atendi. Era do Hotel Warwick, em Philadelphia. Um segundo depois, Betsy, estava no aparelho. Por mais estranho que pudesse parecer, o som de sua voz não me fez sentir culpado. Trouxe-me apenas acentuada impressão de insegurança.

— Acabo de ler os jornais, Bill. Estou horrorizada. Está tudo bem? Quero dizer, não há nada com Daphne?...

— Tudo está sob contrôle, filhinha. Quando é que você volta para casa?

— Já terminamos tudo. Estamos planejando sair daqui depois do almoço.

— Está bem. Quando você chegar, eu lhe conto tudo. Até lá, não fique preocupada.

Senti u'a mão no meu ombro. C. J. fez um gesto pedindo o fone. Entreguei-o.

— Betsy? Eu já estava para dizer uma coisa ao Bill, mas gostaria que você também a ouvisse. Seu marido, Betsy, é um homem duro, um bom sujeito. Depois de meditar muito tempo, resolvi entregar a ele a vice-presidência.

Depositou o receptor no berço e voltou-se teatralmente para mim. Não me enganei um minuto sequer. Sua face radiante era a mesma que ele usara com Ellen ao telefone. Pagara a ela com a passagem de avião para a sobrinha. Agora, estava pagando-me também. Envergonhado de mim mesmo, embora já estivesse profundamente implicado nas mentiras, eu ainda tinha o meu orgulho. Ele se fez mostrar sob a forma de raiva.

— Quando foi que o senhor pensou nisso, C. J.? — perguntei. — Há dez minutos? Se eu não conseguir a vice-presidência pelos meus próprios méritos... que ela vá para o inferno.

Por um momento, o seu rosto mostrou-se tempestuoso. Depois, uma impressão divertida passou pelos seus olhos complexos.

— Você é um rapaz inteligente, você sabe como levar-me. Claro, Bill, claro que decidi isso pelos seus méritos. Dave Manners nunca ousaria dizer-me isso.

O sorriso desapareceu do seu rosto. Ele voltava a ser o patrão compenetrado e eficiente.

— Blandon chega hoje de avião. Vou precisar de você para o almoço, à uma e trinta. É melhor você ir conversar com Ellen. Acho que a coisa já está arranjada. Claro, tem de estar arranjada.

A mesa

BOM TOM

Stella Marina

OS requintes de mesa não são hoje os mesmos de outros tempos, mas, embora simplificados, convém manter uma atitude correta. Seja qual for o local onde se toma a refeição, as regras de etiqueta são as mesmas.

A maneira de se servir da faca é muito importante. Segura-se pelo cabo estendendo o indicador sobre a lâmina. Nunca se leva a faca à boca. Não se parte o pão em bocadinhos com a faca. Não se limpa a faca ao pão. Se não lhe derem a faca especial de peixe — de lâmina curta e larga — evite servir-se da faca vulgar.



O garfo segura-se com a mão esquerda para comer a carne, que a faca, segura na mão direita, vai cortando a pouco e pouco. Mas coloca-se o garfo na mão direita para comer os legumes, a não ser que se adote a maneira usada em certos países e que consiste em conservar o garfo na mão esquerda e apertar de encontro a ele os legumes com a faca.

Se lhe cair o garfo ao chão espere que o criado lhe traga outro, que lhe é apresentado num prato limpo.

Na França leva-se a sopa à boca com o bico da colher, na Inglaterra e na América com o bordo lateral. Depois de tomar a sopa coloque a colher dentro do respectivo prato.

NÃO desdobre completamente o guardanapo, estenda-o atravessado nos joelhos. No fim da refeição coloque-o junto do prato sem o dobrar. Se cair ao chão o guardanapo de uma senhora o seu vizinho de mesa deve apanhá-lo.

NÃO mexa o líquido com muita força, a ponto de fazer tilintar a colher de encontro à xicara ou derramar o conteúdo no pires. O café ou outra qualquer bebida, em xicara, devem ser mexidos de maneira discreta e silenciosa.

BEBE-SE sem ruído e nunca tudo de um trago porque será imediatamente cheio de novo o cálice. Não se deve deixar vinho fino no copo porque é indelicado. Nem também deixar ficar comida no prato.

ELOGIAR os pratos não é correto, principalmente numa refeição de cerimônia. Isso só é permitido, quando há bastante intimidade com a dona da casa e se sabe serem eles preparados por ela própria.

NÃO recuse nunca servir-se em primeiro lugar quando a dona da casa lhe der essa honra, que, aliás, pertence aos convivas que ocupam certos lugares à mesa. Pode somente manifestar-se um pouco admirado.

ESTÁ embaraçado para comer qualquer iguaria desconhecida? Espere que os outros comecem.

TODO o detalhe revelador de glotoneria é de mau gosto. Não se deve dar a impressão de que se está esfomeado, começando a comer logo depois de se ser servido e mesmo antes dos donos da casa começarem a fazê-lo. Convém mostrar sempre moderação, tanto na comida, como na bebida, além de procurar não fazer ruído algum quando se mastiga ou quando se bebe.

O BÓLO em camadas, o bólo de creme, etc. devem ser partidos e levados à boca com o garfo. Somente os bolos secos são pegados com os dedos.

Seu olhar tornou-se abstraído. Em seguida, ignorando completamente a minha presença, saiu da sala. Passava de dez e trinta. Eu tinha medo de falar com Ellen e pressa de falar com Paul e preparar o álibi para Angélica. Mas sabia que tinha de fazer o que C. J. dissera. Ele esperaria um relatório. Tomei um táxi e fui para casa. Quando saía do elevador, a porta do meu apartamento abriu-se e o tenente Trant caminhou na minha direção, sorrindo quase a pedir desculpas.

* * *

— Estava conversando, agora mesmo, com a sua ama, sr. Harding. Gosto de fazer as coisas de rotina tão rapidamente quanto possível.

Passou por mim e tomou o elevador.

Encontrei Ellen no quarto de brinquedos. Não tinha necessidade de preocupar-me com ela. Tinha subestimado seu lisonjeiro respeito por C. J. Ela estava cheia de sorrisos francos e agradecidos. Dissera ao policial, naturalmente, aquilo que C. J. lhe recomendara. C. J. era um santo positivo.

— Eu sei que a pequena Gladys vai ficar boa outra vez, desde que estiver aqui comigo e com os seus maravilhosos médicos americanos. E, quanto ao pequeno episódio de ontem à noite, senhor... é claro que nós dois devemos esquecê-los... para o bem da Sra. Harding.

Assim, de maneira imponderável, tudo ia passar-se da melhor forma? Telefonei para Paul, no escritório da Fundação. Ele disse-me que podia ir lá.

— E traga um cheque bem polpudo. Você sabe, a Fundação Sandra Fowler para a Compra de Peles, Jóias e Automóveis é doida por dinheiro, muito dinheiro...

Eram quase doze horas quando cheguei ao escritório da Fundação. Encontrei Paul, os pés sobre a escrivaninha, a destilar encanto pelo telefone.

— ... absolutamente, Sra. Mallet, a coisa é perfeitamente compreensível. Se a senhora tiver a menor dúvida a esse respeito, pergunte ao seu cobrador de impostos... Mil dólares, senhora Mallet? Viva! A Fundação Betsy Callingham contra a Leucemia agradece e vai mandar para a senhora a sua medalha de mérito. A Fundação terá o prazer de beijá-la em ambas as faces. Até a vista, prezada Sra. Mallet. Desligou com estrondo o aparelho.

— Agora, Sr. Harding, que posso fazer por você?

Ele ainda não sabia do assassínio de Jaimie. Tirou os pés de sobre a mesa e sentou-se muito teso, ouvindo-me com atenção. Contei-lhe, então, toda a história de Angélica, achando aquilo absurdamente fácil. Era como se eu visse tudo pelos seus olhos cansados do mundo e não pelos meus. Tudo parecia uma daquelas histórias jocosas que se costumavam contar nas festas íntimas, para fazer cartaz. Minha posição perante C. J. divertiu-o a valer. Quando falei no álibi para Angélica, ele aceitou sem objeções:

— Ora... claro. É coisa à-tôa. Acontece sempre. Sandra hoje vem à cidade, para uma das suas visitas tri-semanais às lojas. Vamos almoçar juntos e combinamos a coisa. — Seus grandes olhos azuis tornaram-se solenes. — Não pense, Bill, que eu não estou solidário. A coisa é engraçada, mas é delicada também. Particularmente delicada para a Escrava da Caridade. — Aqui-

Devemos interessar-nos pelo futuro, porque é lá que nós passaremos o resto de nossas vidas.
— Charles V. Kettering.

lo era um apelido que ele arranjara para Betsy. — Temos de manter no mais negro segredo, para ela, as suas tendências de Don Juan. Essas mulheres... elas ficam preocupadas com as maiores maluquices. Agora, telefone para Angélica e...

O telefone tocou. Ele pegou o receptor.

— Paul Fowler ao aparelho... Oh! Alô, meu bem. Onde você está? Você... o quê?

Enquanto ouvia, lançando de vez em quando respostas monossilábicas, seu rosto tornou-se muito grave. Com um derradeiro «Está bem, filha, até logo!», — ele desligou o aparelho.

— Sinto muito, Bill. O álibi fracassou. Aquêle seu detetive acaba de conversar com Sandra. Entre outras coisas, ele quis saber dela o que estivemos fazendo à noite. E ela, naturalmente, lhe contou que estivemos em casa, sôzinhos.

Lembrava-me de que Daphne mencionara os Fowlers, na conversa com Trant. Fôra, porém, a menção mais breve possível. Ainda assim, ele guardara a referência, com o que me pareceu satânica intuição, e fôra diretamente de Ellen a Sandra, neutralizando os Fowlers de uma vez

por todas! Como pudera eu pensar que ele fosse ineficiente?

Paul me observava.

— E agora, homem. Que é que nós fazemos?

Que podíamos fazer? Consulte meu relógio. Era quase uma hora. Eu tinha de estar com C. J. e Blandon à uma e trinta. Com o meu novo respeito por Trant, como antagonista, todo o antigo ressentimento para com Angélica voltou-me de sopetão. Angélica era sempre o obstáculo. Agora, quando tudo já estava arrumadinho, ela aparecia sem um álibi, pondo tudo em perigo. Se Trant a descobrisse, como já chegara, inopinadamente, a descobrir Sandra Fowler, toda aquela frágil estrutura de mentiras, na qual repousava a minha segurança e a felicidade de Betsy, sofreria um colapso.

Telefonei para o Winslow e mandei chamar Angélica Harding. Responderam-me que não estava registrada nenhuma Sra. Harding. O pânico principiou a funcionar outra vez. Mas lembrei-me de que ela poderia estar usando o seu nome de solteira. Perguntei por Angélica Roberts.

— Ah! Miss Roberts? — disse o empregado. — Ela pagou sua conta esta manhã e acho que não deixou nenhum endereço.

Achei que sabia o que acontecera e minha auto-confiança voltou. Ela voltara para Claxton. Fôra aquilo que ela planejava fazer e, uma vez que obtivera de mim o dinheiro, seria, provavelmente, o que teria feito. Talvez nem tivesse notícia do crime, e com certeza, se estivesse no trem para Claxton, naquele momento, estaria tão salva de Trant como se eu tivesse preparado para ela o mais sólido álibi. Mesmo que Trant descobrisse que houvera uma Angélica Roberts na vida de Jaimie, como lhe seria possível localizá-la num obscuro colégio de Iowa?

* * *

Meu encontro com C. J. e Blandon tinha de ser cumprido. Blandon era um cliente importante. C. J. me apresentou como o seu novo vice-presidente. Saí-me bem durante o almoço e pelo resto da tarde. Imaginei que tudo ia correr bem. Eu não o merecia. Eu não merecia coisa alguma. Mas, miraculosamente, estava sendo poupado.

Fui para casa quase às cinco e meia. Sentia-me o mais mesquinho dos homens, mas, ao mesmo tempo, agradecido aos poderes que me ajudavam. Ao abrir a porta do apartamento, ouvi vozes na sala. Entrei. Betsy e Helen Reed estavam ali. Sentado no braço de uma cadeira, estava o

tenente Trant, com um coquetel na mão.

Afirmar a mim mesmo que a sua presença ali era coisa de rotina. Assim mesmo, tratei de pôr-me em guarda.

— Você conhece o tenente Trant, não conhece, Bill? — perguntou Betsy. — Ele estava falando comigo a respeito de Jamie.

Trant balançou a cabeça.

— Elas me persuadiram a aceitar uma bebida, Sr. Harding. Mas já tenho de ir-me embora.

Beijei minha esposa. Era tão bom tê-la de volta que quase fez adormecer minha consciência.

— Meu caro Bill, — disse Helen Reed — pelo amor de Deus, dê um jeito de conter sua mulher por algum tempo. Eu vou descansar pelo menos um ano. Se você soubesse como ela se agitou. Era conversa aqui, insinuações encantadoras ali... até ontem à noite! Nunca vi!... Fomos dormir às dez horas, completamente exaustas. Mas... por que estou falando tanto de nós mesmas? Bill, a Betsy já me deu a Grande Notícia. Vamos brindar o novo vice-presidente.

Betsy morria de orgulho por minha causa. Todos me cumprimentaram — Trant inclusive.

Ele foi-se embora pouco depois. Dois minutos após, Helen também saiu. Embora estivesse louco por um desabafo, sabia, naturalmente, que seria muito pior fazê-lo naquela hora. Muito pior do que se eu tentasse aliviar a consciência confiando em Betsy. Mas contei-lhe tudo sobre Daphne e o falso alibi. Passamos quase o resto da tarde falando do assunto, fazendo suposições. Ela ouviu tudo com calma. Betsy era sensível; não tinha escrúpulos em esconder a verdade, num caso onde havia apenas uma virtude técnica em contá-la. Estava cansada. Os céus sabem que eu também estava. Fomos cedo para a cama.

Já estávamos deitados, com as luzes apagadas, quando Betsy disse:

— Sinto-me tão satisfeita porque você me disse a verdade...

— A verdade?

— Você poderia facilmente declarar que Daphne realmente esteve aqui. Seria bem de acordo com você. Você sempre tentou proteger-me contra as coisas desagradáveis. Sinto-me tão satisfeita porque você não fez isso desta vez... Agora, eu estou tão implicada na história como você e o papai. Era isso que eu queria.

A culpa estava ardendo outra vez. Ela mudou o tom de voz.

— Bill, o que foi que você realmente andou fazendo à noite passada? Estava mesmo sozinho em

(Conclui na pag. 68)

Qual o traço marcante

de sua personalidade?

O Romantismo?



Você acredita em contos de fadas!

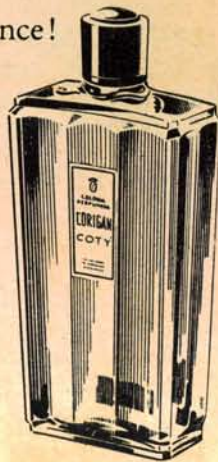
Você é capaz de chorar ouvindo um violão!

Você adora uma sugestão de romance!

L'Origan, de Coty, é o seu perfume.

COLÔNIA PERFUMADA

L'Origan
COTY



Qual é a Rota do Coração Masculino?



SERA' verdade que o caminho certo para o coração do homem começa no estômago? Pela nobre causa da verdade romântica, um jornalista de Hollywood fez uma discreta investigação a esse respeito, entre alguns ídolos do cinema. John Agar, o jovem ex-marido de Shirley Temple, Van Johnson, o simpático «bebê crescido» e Ronald Howard, filho do inesquecível Leslie Howard, respondem às seis perguntas que damos em seguida:

- 1 — Qual é o seu cardápio perfeito?
- 2 — Sabe cozinhar?
- 3 — Caso afirmativo, qual a sua receita favorita?
- 4 — Foi homem ou mulher que preparou a melhor

comida que já provou?

- 5 — Casar-se-ia com uma pequena que não soubesse cozinhar?
- 6 — O estômago é mesmo o caminho para o coração do homem?



JOHN AGAR: 1 — Posso pensar em seis cardápios perfeitos. Dou o exemplo de um, bem substancioso: sopa de tartarugas — assado de perdiz (com champanha) — filé mignon — aspargos com molho holandês (com Borgonha ou Beaulieu Cabernet) — uma boa salada de legumes — café e conhaque. 2 — Só cozinhar quando estou um pouco «alegre», e o meu repertório é muito modesto. Passemos por alto a minha

receita favorita, que é «Carne a la Strogonoff». 4 — Esta resposta causará discórdia lá em casa, mas a melhor comida que provei foi preparada por um homem, no Clube Colony. 5 — **Casei-me** com uma pequena que não sabia cozinhar, mas ela aprendeu depressa e agora dá mais atenção à cozinha do que a mim. 6 — O coração do homem não tem nenhuma rota de comunicação como o seu estômago. Isso é ridículo. Mas as moças devem aprender a cozinhar, para ficarem numa linha de segurança.

VAN JOHNSON: 1 — Minha idéia de um cardápio perfeito custaria, nestes tempos, uma pequena fortuna, mas ei-la: ostras ao forno — sopa de cebolas — filé Chateaubriand com oito legumes diferentes: brócolis, cebolas, cogumelos, batatas, couves de Bruxelas, vagens, ervilhas e beterrabas — salada César

— champanha — café — conhaque. 2 e 3 — Não sei cozinhar, mas posso preparar uma boa salada César: fritada-se uma xicara de pedacinhos de pão de centeio em azeite de oliveira, com um dente de alho. Polvilha-se o pão frito com queijo ralado. Pica-se um pequeno pê de repolho. Prepara-se um molho, usando-se quatro colheradas de azeite, uma de vinagre e uma de vinho tinto. Picam-se pequenos pedaços de filé de anchovas, adicionando-os ao molho, desmancha-se um dente de alho, adiciona-se o suco de meio limão, pimenta em pó e sal. Verte-se o molho na salada, adiciona-se um ovo cozido e os pedaços de pão fritos, depois misturar bem. 4 — Foi um homem que



o preparou, em Somerset House, na Califórnia. 5 — Minha esposa não sabia cozinhar, quando nos casamos. E ainda não sabe muito, até hoje. 6 — A comida pouco tem a ver com o amor. Um bom restaurante pode proporcionar boa comida, e uma companheira para toda a vida é mais importante do que uma cozinheira. No meu modo de ver, a esposa deve ser respeitada pelo que é, segundo seu talento.

RONALD HOWARD :

1 — Coquetel de camarões — sopa de tartarugas — peru assado — salada de legumes — sorvete de chocolate. 2 e 3 — Sinto muito, mas não sei cozinhar nem tenho receita predileta. 4 — Foi preparado por uma mulher a melhor comida que já provei. Por minha mãe. Tratava-se de um leitão assado, com uma maçã entre os dentes. 5 —

(Conclui na pag. 97)



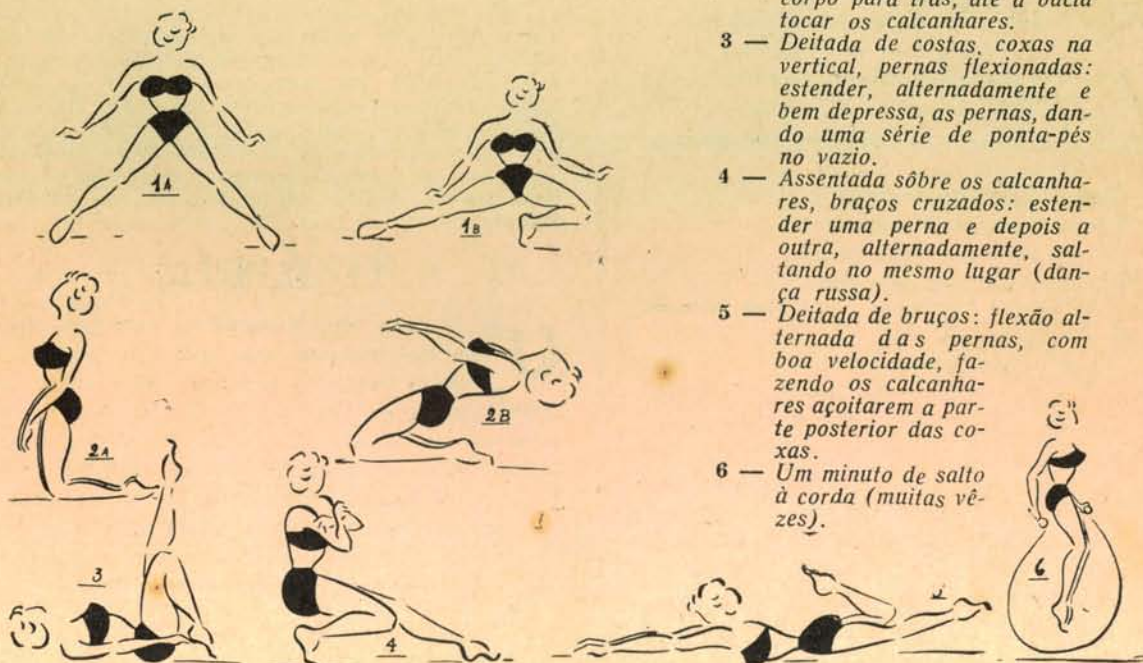
DETALHES QUE REALÇAM



Colar de muitas voltas, pérolas de porcelana multicolor e cintura alta em tussor drapejado, de cor bem viva.

GINÁSTICA PARA OS JOELHOS

Apresentamos aqui seis exercícios fáceis, destinados a afinar os joelhos e, em consequência, valorizar o contorno das pernas e das coxas.



- 1 — Pernas bem afastadas: flexão alternada das pernas.
- 2 — De joelhos: inclinação do corpo para trás, até a bacia tocar os calcanhares.
- 3 — Deitada de costas, coxas na vertical, pernas flexionadas: estender, alternadamente e bem depressa, as pernas, dando uma série de ponta-pés no vazio.
- 4 — Assentada sobre os calcanhares, braços cruzados: estender uma perna e depois a outra, alternadamente, saltando no mesmo lugar (dança russa).
- 5 — Deitada de bruços: flexão alternada das pernas, com boa velocidade, fazendo os calcanhares açoitarem a parte posterior das coxas.
- 6 — Um minuto de salto à corda (muitas vezes).



CANTIGAS

A saudade se reparte
na mágoa que mortifica,
pois se acompanha quem parte
não deixa nunca quem fica.

Orlando Cavalcanti

Amei-te só de me olhares,
o coração adivinha:
— Deus faz as almas aos pares,
Fêz a tua e fêz a minha!

Américo Durão

Enternecida saudade
Esta que sinto por ti,
Saudade de outra saudade
De um mundo em que não vivi.

Lisete Vilar de Lucena Tacira

Deixa êsses modos tristonhos
e a febre que te incendeia...
Castelos feitos de sonhos
Têm alicerces de areia.

Menotti Del Picchia

Tudo que sinto e padeço,
Posso descrever assim:
O prazer não tem começo
e a tristeza não tem fim!

José Albano

Duas almas debes ter
E' um conselho dos mais sábios:
— Uma, no fundo do ser,
Outra, boiando nos lábios...

Raul de Leoni

Sonhei que tu me dissesse
o que nunca tu me dizes...
Só mesmo em sonho fizeste
as minhas horas felizes...

Luiz Otávio

«Fui Cozinheiro de Goering»

Conclusão da pag. 72

exigência dizia respeito aos talheres, aos cristais, às taças rebrilhantes de fino cristal da Bohêmia. Seu luxo ia mais além. Trajava com elegância e, mesmo no campo, suas botas rebrilhavam e suas medalhas estavam sempre bem postas.

Mas o marechal morreu na fôrça, já agonizante. A guerra é história, apenas. Neumann sorri. Chama a esposa e o filho. Mira a reprêsa. «Agora — diz — só quero trabalhar para os brasileiros. A guerra está longe».

Em volta, calma. Neumann enlaça a esposa. Posa para uma foto. Tudo é passado: Hitler, Goering, Kesserling, Mussolini — e ficamos assustados, por ter o tempo passado tão depressa. Neumann não tem mais vinte e poucos anos. Caminha para os 36. E' pai e esposo, e voltou a envergá-lo o traje branco de mestre-cuca. Jogou fora o capacete, o fuzil e o sabre. Maneja panelas. Produz munição de bôca: patos com ameixas, panquecas à austríaca e espera calmamente que seu filho cresça, para ensinar-lhe a preparar os quitutes que aprendeu com famosos professores de Nüremberg.

Karl Neumann pode falar: «Eu fui cozinheiro de Goering» — e prova o fato com documentos que guarda em seu baú de recordações. Mas hoje, o passado é fim de vida e Neumann caminha por entre as mesas pensando no dia de amanhã. Goering é apenas História Universal.

Tapête Mágico

Conclusão da pag. 40

Saint-Barthélemy, conhecida abreviadamente por «St. Barts», é outra ilha cheia de amenidade e belezas panorâmicas, habitada por descendentes de camponeses franceses que no Século XVIII estabeleceram uma colônia no local.

Durante certo tempo a ilha foi governada pelos suecos e, até hoje, uma rua com nome nórdico situada na capital, que se chama Gustávia, um nome também escandinavo, lembra a época do domínio sueco.

As ladeiras muito declivadas, e as cercas e velhas igrejas de pedra são reminiscências da Normandia. Até hoje as mulheres locais usam penteados normandos que mesmo naquela região estão caindo da moda rapidamente. Em Saint Barthélemy não há hotel, mas é muito fácil alugar aposentos onde acomodar-se. Um café local apresenta cardápios da cozinha francesa, com todos os seus requintes e pratos incomparáveis. — Temple Manning.

OS JESUITAS

U M de cada sete missionários católicos romanos disseminados pelo globo é jesuíta. O número total dos membros dessa ordem religiosa supera a casa dos 32.000. 16.521 são sacerdotes, 10.741 são diáconos, e 5.637 são irmãos leigos. Essa extraordinária ordem trabalha em 74 nações. Os seus membros exercem ofícios religiosos, educacionais, caritativos, médicos e sociais em 71 missões, 6.640 postos missionários, 4.000 escolas, 350 hospitais e 16 leprosários.



Nada nos pertence a não ser o nosso tempo. — Sêneca.

RUTH ROMAN cuida de sua beleza com o melhor sabonete do mundo!



Para fazer jus à preferência de 9 entre 10 "estrelas" do cinema e de milhões de fãs em todos os países, o Sabonete Lever tem que ser o melhor sabonete do mundo. Para manter esta posição, os técnicos da Lever estão constantemente atualizando a fórmula do "Sabonete das Estrelas", nele incorporando todos os mais avançados recursos para torná-lo ainda melhor cada dia que passa.

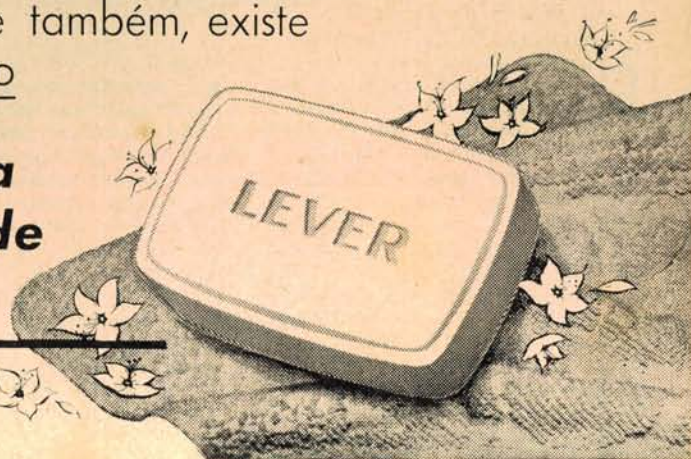
Além da brancura - que demonstra pureza, do perfume persistente e delicado, da espuma macia e abundante - qualidades já tradicionais em todo o mundo - o Sabonete Lever apresenta agora, em sua NOVA FÓRMULA, a vantagem de uma durabilidade realmente excepcional.

*Usado por 9 entre 10
"estrelas" do cinema!*

Lever tem cuidado da beleza e do encanto da cutis das mulheres mais lindas do mundo. E as "estrelas" preferem Lever porque ele é o mais branco, o mais puro, o mais perfumado sabonete que se pode comprar.

E para que **Você** o use também, existe agora uma nova razão

**A nova fórmula
LEVER de grande
durabilidade!**





O trio viajava alegremente e ninguém parecia suspeitar de que a morte também seguia viagem.

A ciência, posta a serviço da lei, revelou a verdade, a despeito das versões contraditórias.

ERA uma vez um chofer de caminhão chamado Otto M. Jaeshcke, um seu ajudante chamado Don Breitigan e uma jovem ruiva chamada June Queen. Um dia, eles passavam por uma auto-estrada, num caminhão carregado de pianos, a rir e a gargalhar, como se fossem os melhores amigos do mundo. Entretanto, as confusões já estavam por começar.

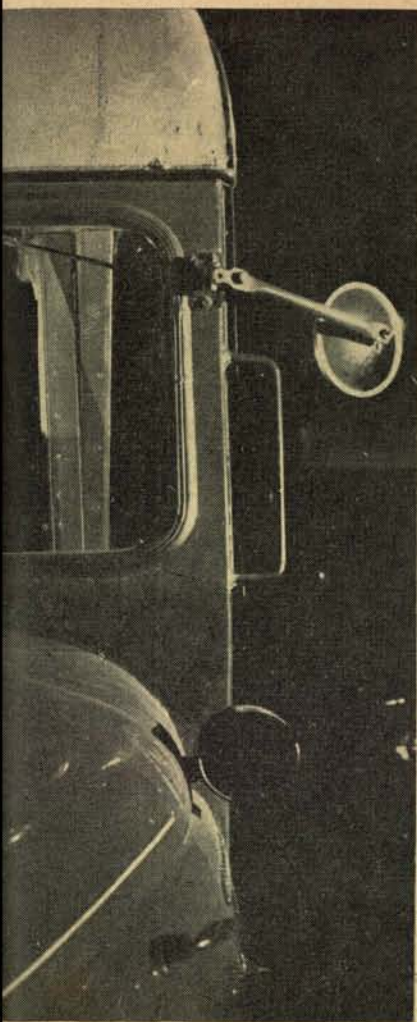
Na manhã de segunda-feira, 14 de janeiro de 1946, um motorista que passava pela estrada de Dixie, num ponto chamado Hall's

Gap, junto das montanhas de Lincoln County, no Estado de Kentucky, perto da cidade de Stanford, deu com um corpo de homem, caído numas moitas fora da estrada, quase na beirada de uma garganta.

O cadáver devia estar ali havia mais ou menos três dias, e os responsáveis pela limpeza das regiões selvagens já tinham começado a fazer o seu trabalho. Assim mesmo, o pessoal da polícia identificou o morto com facilidade, através de cartas e outros documentos encontrados nos seus bolsos. Era o mesmo

Jaeshcke, que estivera viajando em ambiente tão feliz, com os seus dois companheiros, na semana anterior.

Fôra atingido por um porrete (ou por algo mais pesado) no alto da cabeça e aliviado de todo o dinheiro. Seu caminhão, ainda carregado com os pianos, foi encontrado cerca de 60 milhas adiante, em Somerset, distrito de Pulaski County. Mas não havia nem sinal dos companheiros de Jaeshcke. Dentro do caminhão, acharam dois objetos manchados de sangue, provavelmente as armas letais: uma cha-



ve de pneu e um martelo de orelha. Na direção oposta, a mais ou menos uma milha do ponto onde foi feita a tentativa para se jogar o corpo na garganta, encontrou-se um chapéu que se provou pertencer a Jaeshcke, assim como alguns respingos de sangue.

Até onde podia perceber o xerife E. J. Noe, de Lincoln County, Jaeshcke teria caído vítima de um assalto na estrada. O caso, por isso mesmo, parecia de solução bem difícil.

Apesar disso, os métodos rotineiros é que deram resultado.

Quem quer que tivesse apanhado o dinheiro de Jaeshcke, deixara ficar a carteira. Nela foi encontrada, entre outros papéis pessoais, os quais revela-

vam que ele tinha residência e centro de negócios em Cincinnati, uma carta de identificação da vítima. A carta continha uma solicitação para, em caso de acidente, se notificar sua esposa. Interessante é que a esposa não tinha o sobrenome Jaeshcke. Por razões que não nos interessam, ela era conhecida como sra. Mae Denny.

A pedido do xerife Noe, a polícia de Cincinnati procurou a sra. Denny. Disse ela que acreditava ter sido roubo o motivo do crime, pois Jaeshcke devia levar consigo coisa de 1.500 ou 2.000 dólares. Estava em viagem comercial e, nessas ocasiões, costumava levar bastante dinheiro, para atender às contingências. Partira na segunda-feira anterior, com destino a Detroit, onde pretendia comprar na fábrica uma carga de pianos, a fim de os revender a negociantes de Chattanooga. Seguiria acompanhado por um ajudante, um jovem chamado Don Breitigan, de cerca de 21 anos, que morava na vizinha cidade de Findlay, no Estado de Ohio e que trabalhava com Jaeshcke havia três semanas.

Tomando imediatamente o caminho inesperadamente aberto por essa informação acerca do ajudante, o xerife Noe telefonou para a polícia de Findlay, pedindo que Breitigan fôsse procurado.

O rapaz foi encontrado em casa de seus pais e manifestou pesar pela morte do patrão. Disse, porém, que não era grande a surpresa. Segundo Breitigan, Jaeshcke se conduzira escandalosamente, para um homem de mais de 50 anos: pegara uma jovem aventureira no princípio da viagem e tivera com ela procedimento tão chocante que ele ficara desgostoso com ambos e os abandonara em Lexington, voltando para casa de ônibus. Regressara na sexta-feira e, desde então, passara a procurar outro emprego.

Na volta de Detroit, ele e Jaeshcke tinham passado em Findlay a noite de terça-feira e a moça entrara no caminhão na manhã seguinte. Apresentara-se como June Queen, casada com um soldado de nome Queen.

— Disse ela que ia encontrar-se com o marido em Tennessee — contou Don. — Jaeshcke disse que nós lhe daríamos auxílio durante a viagem. No caminho, porém, eles procederam escandalosamente. Jaeshcke parava em todos os bares da estrada e passaram a noite de quarta-feira num hotel, enquanto eu dormia no caminhão. Uma vez,

quando estávamos estacionados em fila dupla junto de uma taverna, eu fiquei esperando pelos dois no caminhão e veio um policial perguntar por que estava estacionado ali. Expliquei que o caminhão era do meu patrão e ele entrou na taverna e chamou Jaeshcke. Aquilo fez o patrão ficar danado comigo. Passou a me censurar e, afinal, quando disse que eu estava me incomodando demais com a moça, desisti da viagem e os deixei.

Os investigadores disseram a Breitigan que a história era razoável. Faltava-lhes apenas saber o que fôra feito daquela moça chamada June Queen — ou melhor, se de fato existia essa moça. Ainda que existisse e que ela tivesse cometido o crime, parecia duvidoso que pudesse arrastar sozinho o corpo de Jaeshcke e o alçasse sobre o guarda-mão.

Don foi aconselhado a auxiliar a polícia na procura da tal June Queen. Ou, pelo contrário, enfrentar uma acusação por homicídio.

— Está bem — disse o rapaz. — Ela me falou que é de Iona, em Michigan, e que tinha estado algum tempo na casa dos seus pais, antes de iniciar a viagem para Tennessee.

Essa informação foi transmitida ao xerife Noe e passada por ele à polícia de Iona. Pouco depois a verificação estava feita.

O pai de June disse que ela partira na segunda-feira, 14 de janeiro, a fim de fazer companhia a uma irmã que esperava um bebê. A irmã residia numa fazenda de Tennessee, perto da cidade de Ripley, no distrito de Lauerdale County.

Mais uma vez, o xerife Noe fez um chamado telefônico a longa distância e, dentro de meia hora, Oscar Griggs, o xerife de Lauerdale, estava interrogando June Queen.

June contou que ela e o marido tinham saído de Michigan para Tennessee, pedindo carona nas estradas. Um dos que lhe deram carona foi Jaeshcke. Declarou que ficara incomodada com as bebedeiras e discussões de Jaeshcke e Breitigan — e, aparentemente, não se incomodara com a falta de espaço dentro do caminhão — e os abandonara em Lexington. Acrescentou que seu marido fôra mais tarde dispensado do exército e se separara dela em Ripley, a fim de arranjar emprego em Miami.

Os investigadores não deram crédito à parte da história que se

Faça também a sua
consulta grátis



O Departamento de Beleza Coty, em colaboração com esta revista, terá o maior prazer em responder a todas as consultas que lhe fizerem as leitoras sobre seus problemas de beleza e "maquillage". As respostas serão dadas diretamente, por carta. Preencha o questionário abaixo (pode anexar outras informações que julgar essenciais) e remeta-o para:

COTY - Departamento de Beleza
Caixa Postal, 199 - Rio de Janeiro

Qual a sua idade? _____
 Altura? _____ Pêso? _____
 Vive na cidade ou no campo? _____
 Qual a cor dos seus cabelos? _____
 Qual a cor dos seus olhos? _____
 Seus cabelos são secos ou gordurosos? _____
 A sua pele é normal? _____
 Sêca? _____ Gordurosa? _____
 Tem rugas? _____ Cravos? _____
 Poros dilatados? _____
 Sua tez é clara? _____
 Rosada? _____ Morena? _____
 Tem alguma imperfeição particular em sua pele? _____
 Está usando algum produto de beleza? _____ Qual ou quais? _____

NOTA: Para saber a classificação de sua pele, aplique sobre o rosto uma folha de papel de seda. A pele gordurosa deixará vestígios gordurosos acentuados. A pele normal, vestígios ligeiros. A pele sêca não deixará vestígios.

NOME _____
 RUA _____ N.º _____
 CIDADE _____
 ESTADO _____

569

referia ao marido de June, mas ficaram sabendo de um casal que estivera num hotel de turistas em Somerset, na quinta-feira, 10 de janeiro, dando o nome de sr. e sra. Queen. O casal partira na manhã seguinte, a mulher na direção do sul e o homem num ônibus que seguia para o norte. A mulher tinha características correspondentes às de June e o ho-

mem parecia ser Breitigan.

Fazendo a acareação dos dois suspeitos, a polícia os viu discutir e acusar-se mutuamente. A ciência resolveu o impasse: as impressões digitais de June foram encontradas no martelo e as de Breitigan na chave de pneu. Foram ambos sentenciados à prisão perpétua, sob acusação de homicídio de primeiro grau.

Um Homem Com Duas Espôsas

Conclusão da pag. 61

casa? — Hesitou um pouco e acrescentou timidamente: — Sentindo falta de mim?

A minha culpa era como algo que estivesse ali entre nós — como Angélica. Como pudera ter feito a Betsy o que eu fizera? Que imponderável demônio me levava a pôr em perigo as coisas que me eram mais caras?

— Sim, filhinha — respondi, desprezando a mim mesmo. — Senti muita falta de você.

De repente, ela me beijou quase com ferocidade.

— E eu senti falta de você em Philadelphia. Senti muita falta, mas muita, mesmo. O meu bem, será que eu nunca deixarei de pensar coisas estúpidas de você?

Trant não me chamou durante dez dias. Minha ansiedade desaparecera, e com ela, o sentimento de culpa. Afinal, uma tarde, o telefone tocou. Betsy atendeu.

— E' para você, querido. E' o tenente Trant.

Felizmente, quando tomei o aparelho, ele se afastou para preparar bebidas. A voz de Trant tinha a mesma calma, o mesmo tom amigável de que eu me lembrava.

— Achei que o senhor poderia estar interessado em saber que nós localizamos a dona da arma. Ela foi comprada numa loja da Terceira Avenida, por uma mulher que assinou como sendo Angélica Roberts, com um endereço da Rua Dez-Oeste.

Eu devia saber que, mais cedo ou mais tarde, aquilo aconteceria.

— Fui à Rua Dez-Oeste — continuou Trant. — Não há ali nenhuma Angélica Roberts. Com certeza ela deu um endereço falso.

— Com certeza... — concordei.

— Mas eu vou experimentar amanhã, de novo. Não suponho que o senhor a conheça. Conhece alguma Angélica Roberts?

— Creio que não.

— Bem, eu achei que o senhor podia estar interessado. Voltarei

a chamá-lo, se preciso.

Quando desliguei, Betsy chegou perto de mim com meu drink.

— Que é que ele queria?

— Ele fez investigações sobre a arma que matou Jaimie. O revólver era de uma mulher.

Meu período de afetação estava no fim.

As cinco horas do dia seguinte, Trant apareceu no escritório. Estava amável como sempre, mas dessa vez, sua amabilidade não me enganou. Ele voltara à Rua Dez-Oeste e falara com certa Sra. Schwartz, que tinha seu apartamento ao lado do de Angélica Roberts. A Sra. Schwartz reconheceu Jaimie, por meio de uma fotografia, como freqüentador da casa de Miss Roberts. A informante tinha muita coisa a contar a respeito de cenas e rusgas, culminando com uma grande luta final. A Sra. Schwartz chegara a acrescentar que Angélica Roberts desaparecera subitamente na noite do crime.

O detetive me olhava gravemente.

— Assim, Sr. Harding, eis o quadro que temos: Miss Roberts tinha o revólver. Estava metida num romance com Lumb. E' quase certo que ele a enganava. E ela desapareceu na noite do crime. Não parece que ainda tenhamos de procurar mais longe pela criminosa, não é? Achei que o senhor e os Callinghams podiam estar interessados em saber disso. Foi por isso que vim.

Quase imediatamente depois, ele saiu. Parecia incrível que ele pudesse suspeitar de alguma ligação entre Angélica e eu. Com certeza, se suspeitasse, ele não sairia sem fazer nem uma pergunta. E a coisa me parecia ainda pior. Imaginara que ele não procuraria Angélica, pois não havia nenhum incentivo particular, que o levasse a procurá-la. Agora, havia todos os incentivos.

Ele acreditava que ela fôsse a assassina.

(Continua no próximo número).

Faça também a sua
consulta grátis



O Departamento de Beleza Coty, em colaboração com esta revista, terá o maior prazer em responder a todas as consultas que lhe fizerem as leitoras sobre seus problemas de beleza e "maquillage". As respostas serão dadas diretamente, por carta. Preencha o questionário abaixo (pode anexar outras informações que julgar essenciais) e remeta-o para:

COTY - Departamento de Beleza
Caixa Postal, 199 - Rio de Janeiro

Qual a sua idade? _____
Altura? _____ Peso? _____
Vive na cidade ou no campo? _____
Qual a cor dos seus cabelos? _____
Qual a cor dos seus olhos? _____
Seus cabelos são secos ou gordurosos? _____
A sua pele é normal? _____
Sêca? _____ Gordurosa? _____
Tem rugas? _____ Cravos? _____
Poros dilatados? _____
Sua tez é clara? _____
Rosada? _____ Morena? _____
Tem alguma imperfeição particular em sua pele? _____
Está usando algum produto de beleza? _____ Qual ou quais? _____

NOTA: Para saber a classificação de sua pele, aplique sobre o rosto uma folha de papel de seda. A pele gordurosa deixará vestígios gordurosos acentuados. A pele normal, vestígios ligeiros. A pele sêca não deixará vestígios.

NOME _____
RUA _____ N.º _____
CIDADE _____
ESTADO _____

56 9

referia ao marido de June, mas ficaram sabendo de um casal que estivera num hotel de turistas em Somerset, na quinta-feira, 10 de janeiro, dando o nome de sr. e sra. Queen. O casal partira na manhã seguinte, a mulher na direção do sul e o homem num ônibus que seguia para o norte. A mulher tinha características correspondentes às de June e o ho-

mem parecia ser Breitigan.

Fazendo a acareação dos dois suspeitos, a polícia os viu discutir e acusar-se mutuamente. A ciência resolveu o impasse: as impressões digitais de June foram encontradas no martelo e as de Breitigan na chave de pneu. Foram ambos sentenciados à prisão perpétua, sob acusação de homicídio de primeiro grau.

Um Homem Com Duas Espôsas

Conclusão da pag. 61

casa? — Hesitou um pouco e acrescentou timidamente: — Sentindo falta de mim?

A minha culpa era como algo que estivesse ali entre nós — como Angélica. Como pudera ter feito a Betsy o que eu fizera? Que imponderável demônio me levava a pôr em perigo as coisas que me eram mais caras?

— Sim, filhinha — respondi, desprezando a mim mesmo. — Senti muita falta de você.

De repente, ela me beijou quase com ferocidade.

— E eu senti falta de você em Philadelphia. Senti muita falta, mas muita, mesmo. O meu bem, será que eu nunca deixarei de pensar coisas estúpidas de você?

Trant não me chamou durante dez dias. Minha ansiedade desaparecera, e com ela, o sentimento de culpa. Afinal, uma tarde, o telefone tocou. Betsy atendeu.

— E' para você, querido. E' o tenente Trant.

Felizmente, quando tomei o aparelho, ela se afastou para preparar bebidas. A voz de Trant tinha a mesma calma, o mesmo tom amigável de que eu me lembrava.

— Achei que o senhor poderia estar interessado em saber que nós localizamos a dona da arma. Ela foi comprada numa loja da Terceira Avenida, por uma mulher que assinou como sendo Angélica Roberts, com um endereço da Rua Dez-Oeste.

Eu devia saber que, mais cedo ou mais tarde, aquilo aconteceria.

— Fui à Rua Dez-Oeste — continuou Trant. — Não há ali nenhuma Angélica Roberts. Com certeza ela deu um endereço falso.

— Com certeza... — concordei.

— Mas eu vou experimentar amanhã, de novo. Não suponho que o senhor a conheça. Conhece alguma Angélica Roberts?

— Creio que não.

— Bem, eu achei que o senhor podia estar interessado. Voltarei

a chamá-lo, se preciso.

Quando desliguei, Betsy chegou perto de mim com meu drink.

— Que é que ele queria?

— Ele fez investigações sobre a arma que matou Jaimie. O revólver era de uma mulher.

Meu período de afetação estava no fim.

Às cinco horas do dia seguinte, Trant apareceu no escritório. Estava amável como sempre, mas dessa vez, sua amabilidade não me enganou. Ele voltara à Rua Dez-Oeste e falara com certa Sra. Schwartz, que tinha seu apartamento ao lado do de Angélica Roberts. A Sra. Schwartz reconhecia Jaimie, por meio de uma fotografia, como freqüentador da casa de Miss Roberts. A informante tinha muita coisa a contar a respeito de cenas e rusgas, culminando com uma grande luta final. A Sra. Schwartz chegara a acrescentar que Angélica Roberts desaparecera subitamente na noite do crime.

O detetive me olhava gravemente.

— Assim, Sr. Harding, eis o quadro que temos: Miss Roberts tinha o revólver. Estava metida num romance com Lumb. E' quase certo que ele a enganava. E ela desapareceu na noite do crime. Não parece que ainda tenhamos de procurar mais longe pela criminosa, não é? Achei que o senhor e os Callinghams podiam estar interessados em saber disso. Foi por isso que vim.

Quase imediatamente depois, ele saiu. Parecia incrível que ele pudesse suspeitar de alguma ligação entre Angélica e eu. Com certeza, se suspeitasse, ele não sairia sem fazer nem uma pergunta. E a coisa me parecia ainda pior. Imaginara que ele não procuraria Angélica, pois não havia nenhum incentivo particular, que o levasse a procurá-la. Agora, havia todos os incentivos.

Ele acreditava que ela fôsse a assassina.

(Continua no próximo número).

TESTE

Os cordões reveladores

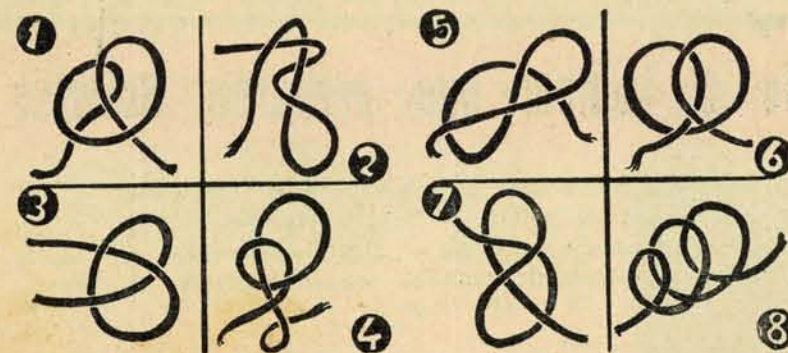
A CAPACIDADE de imaginar é uma das características mais importantes da inteligência. Contudo, a imaginação não é, como pensam muitas pessoas, a faculdade de criar fantasias. Sua natureza essencial é um pouco diferente e corresponde à faculdade especial de compreender determinadas situações até chegar a conclusões que não sejam evidentes.

Para verificar as qualidades do leitor nesse particular, apresentamos aqui oito pedaços de cordão enrolados como oito serpentes caprichosas. O leitor deve dizer se ao puxar as duas pontas de cada cordão, este se estenderá completamente ou formará um nó.

Atenção! O leitor não deve tentar adivinhar o resultado do problema, mas seguir mentalmente as voltas do cordão, e dar a resposta que lhe parecer mais adequada. Se o leitor achar que determinado cordão formará um nó, responda: "sim". Em caso contrário, responda: "não".

Toda resposta certa vale um ponto. Oito pontos revelam uma pessoa de imaginação muito viva; de 5 a 6 pontos, uma pessoa dotada de boa imaginação; e 4 pontos indicam uma imaginação apenas sofrível. Além disso, a pessoa que assinalar menos de quatro pontos jamais deve tirar conclusões rápidas ou fazer julgamentos apressados, porque isso resultaria em erros que provocariam arrependimentos pelas ações praticadas.

(Respostas à pag. 96)



Quando Edison se Casou

OMAZ Edison tinha empregado uma mocinha muito tímida, chamada Mary Stilwell, entre outras contratadas para fazerem experiências com o seu sistema de telegrafia automática. Certo dia, ele parou diante da moça, e ficou observando-a com tanta insistência que ela ficou embaraçada. Interrompeu o trabalho, e continuou a fitá-la sem fazer coisa alguma ou articular uma só palavra.

Edison sorriu, e perguntou-lhe:

— Qual é a sua opinião a meu respeito? Agradeço-lhe, senhorita?

— O sr. me surpreende... Acho que...

— Você não precisa dar-me uma resposta imediata. Não precisa, salvo se estiver disposta a casar-se comigo.

A mocinha teve vontade de rir. Não obstante, Edison continuava a falar:

— Estou sendo sincero com você. Pense bem no que lhe falei, converse com a sua mãe, e dê-me uma resposta logo que puder...

A resposta foi dada dentro de poucos dias, e conta a história que o matrimônio do inventor foi muito feliz.

ODONTÓLOGOFOBIA?

Sim. Mêdo aos dentistas e aos consultórios dentários.

Se você sofre de odontologofobia, procure informar-se junto ao seu dentista sobre os processos de anestesia geral, agora à sua disposição, em Belo Horizonte, para trabalhos de obturação e extração.

Anestesias a cargo dos três médicos anesthesiologistas:

Dr. G. Berquó

Dr. Otton Lourenço de Lima

Dr. Christiano A. Penna

Consultório
Médico-Odontológico
de Anestesia

RUA RIO DE JANEIRO, 906
Belo Horizonte



LEVE SEU RÁDIO
e espere consertá-lo.

RÁDIO TÉCNICA SANTA CRUZ
Avenida Brasil, 73 - Tel. 2-2983
Santa Efigênia - Belo Horizonte

SEAGERS
é o melhor
GIN

Os cordões reveladores

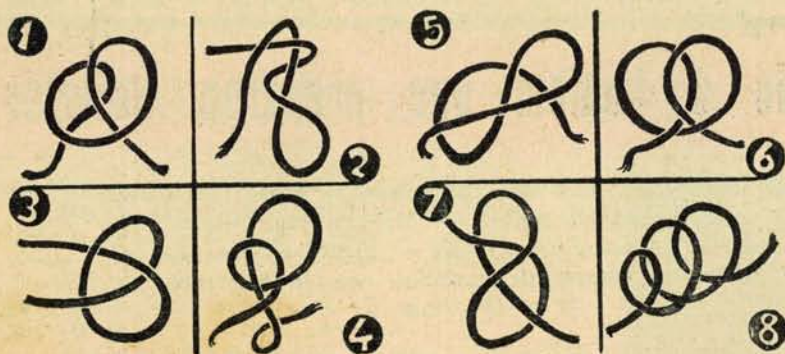
A CAPACIDADE de imaginar é uma das características mais importantes da inteligência. Contudo, a imaginação não é, como pensam muitas pessoas, a faculdade de criar fantasias. Sua natureza essencial é um pouco diferente e corresponde à faculdade especial de compreender determinadas situações até chegar a conclusões que não sejam evidentes.

Para verificar as qualidades do leitor nesse particular, apresentamos aqui oito pedaços de cordão enrolados como oito serpentes caprichosas. O leitor deve dizer se ao puxar as duas pontas de cada cordão, este se estenderá completamente ou formará um nó.

Atenção! O leitor não deve tentar adivinhar o resultado do problema, mas seguir mentalmente as voltas do cordão, e dar a resposta que lhe parecer mais adequada. Se o leitor achar que determinado cordão formará um nó, responda: "sim". Em caso contrário, responda: "não".

Toda resposta certa vale um ponto. Oito pontos revelam uma pessoa de imaginação muito viva; de 5 a 6 pontos, uma pessoa dotada de boa imaginação; e 4 pontos indicam uma imaginação apenas sofrível. Além disso, a pessoa que assinalar menos de quatro pontos jamais deve tirar conclusões rápidas ou fazer julgamentos apressados, porque isso resultaria em erros que provocariam arrependimentos pelas ações praticadas.

(Respostas à pag. 96)



Quando Edison se Casou

OMAZ Edison tinha empregado uma mocinha muito tímida, chamada Mary Stilwell, entre outras contratadas para fazerem experiências com o seu sistema de telegrafia automática.

Certo dia, ele parou diante da moça, e ficou observando-a com tanta insistência que ela ficou embaraçada. Interrompeu o trabalho, e continuou a fitá-lo sem fazer coisa alguma ou articular uma só palavra.

Edison sorriu, e perguntou-lhe:

- Qual é a sua opinião a meu respeito? Agrado-lhe, senhorita?
- O sr. me surpreende... Acho que...
- Você não precisa dar-me uma resposta imediata. Não precisa, salvo se estiver disposta a casar-se comigo.

A mocinha teve vontade de rir. Não obstante, Edison continuava a falar:

— Estou sendo sincero com você. Pense bem no que lhe falei, converse com a sua mãe, e dê-me uma resposta logo que puder...

A resposta foi dada dentro de poucos dias, e conta a história que o matrimônio do inventor foi muito feliz.

ODONTÓLOGOFOBIA?

Sim. Mêdo aos dentistas e aos consultórios dentários.

Se você sofre de odontólogofobia, procure informar-se junto ao seu dentista sobre os processos de anestesia geral, agora à sua disposição, em Belo Horizonte, para trabalhos de obturação e extração.

Anestesias a cargo dos três médicos anesthesiologistas:

Dr. G. Berquó

Dr. Otton Lourenço de Lima

Dr. Christiano A. Penna

Consultório
Médico-Odontológico
de Anestesia

RUA RIO DE JANEIRO, 906
Belo Horizonte



LEVE SEU RADIO

e espere consertá-lo.

RADIO TÉCNICA SANTA CRUZ
Avenida Brasil, 73 - Tel. 2-2983
Santa Efigênia - Belo Horizonte





Karl Neumann trocou o equipamento de guerra pelas «armas» da cozinha, e sentou praça num restaurante de El-Dorado, para servir os turistas.

"Fui Cozinheiro de Goering"

Vive em S. Paulo o homem que preparou quitutes

O marechal comia com os olhos — Karl Neumann, o mestre-cuca do Q.G. — Nasceu em Nüremberg, onde foi executado seu chefe — Hitler e Mussolini — Cozinha e campo de batalha — Os requintes de Goering.

"HERMANN Goering comia mais com os olhos do que com a boca».

— Karl Neumann, ex-cozinheiro do gordo marechal nazista, mostra duas fileiras de dentes fortes e alvos, num sorriso largo e franco prosseguindo:

«Quando a guerra teve início, eu era apenas um rapazola. Fui convocado e, quando dei por mim, era cozinheiro de Goering. Meu primeiro contato com seu gênio foi a devolução de travessas repletas de quitutes, que eu preparara com esmero e cuidado. Pensei

Neumann conta coisas de Goering, o homem que adorava o luxo e comia mais com os olhos do que com a boca.

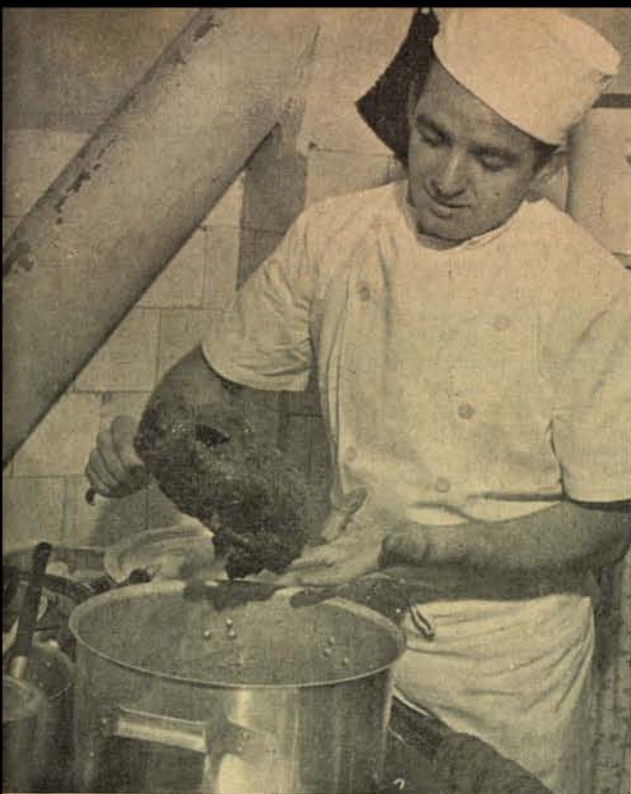
que não gostara da comida. Com o tempo, fui compreendendo que Goering era assim mesmo. Fazia questão de variedades, de mesas bem postas, de luxo, mas não consumia um terço dos alimentos que lhe eram apresentados».

Estamos em El-Dorado, à beira de uma represa que dista alguns quilômetros da cidade. A nossa frente, um homem de estatura mediana, forte, claro, de sorriso fácil e profundos olhos azuis, acende um cigarro. Enquanto as espirais fáceis do tabaco se desfazem, pintando arabescos no ar, Neumann mergulha no passado.

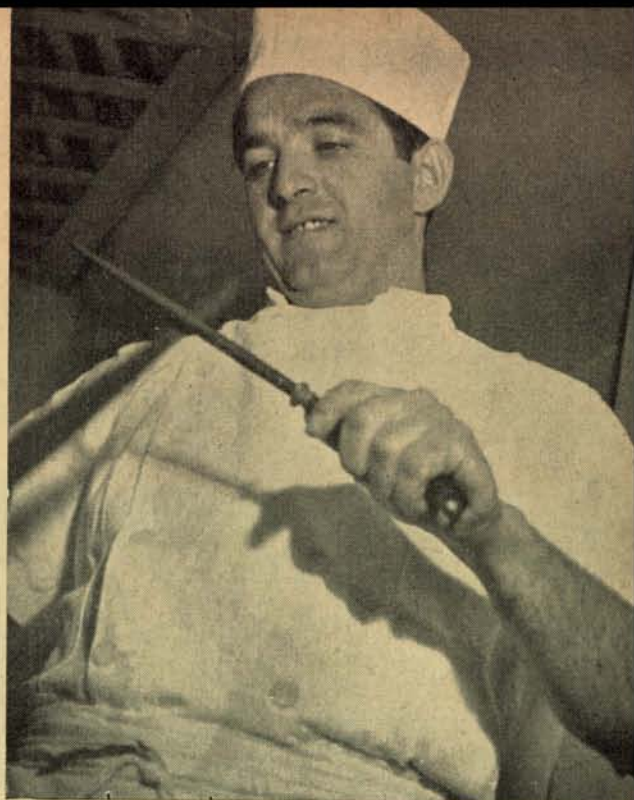
Saímos para o pátio. Ele mira a represa. Dez anos se passaram. A Europa mudou de feição. A Alemanha também. As crianças já riem. Os velhos já podem caminhar calmamente pelas ruas. Von Rommel foi transformado em figura de Hollywood. Hitler desapareceu. Mussolini morreu em praça pública. Hiroito perdeu a divindade. Os dias são outros. Os tiros e a metralha são coisas de cinema.

Neumann pensa. Confusão, distância, lembrança, receio. A distância o separa, no tempo e no espaço, daquilo que foi sua vida. Ele tem uma história a contar. Senta na grama. Olha as águas paradas e inicia.

Nasceu em Nüremberg, cidade-tribunal da Alemanha, onde foram julgados os maiores criminosos do nazismo. Seu maior sonho era ser cozinheiro. Queria cozinhar para personalidades. Correr mundo. Servir nos melhores hotéis. Conseguiu



Sua especialidade: pato assado com ameixas. Goering gostava. Hoje, são os seus fregueses de São Paulo que apreciam os mesmos acepipes.



Começou usando o facão. Depois, deram-lhe um sabre e um fuzil para lutar. Deixou de cozinhar para Goering e foi servir num regimento.

para Hitler, Goering e Mussolini

Reportagem de
Domingos DE LUCCA JUNIOR

Fotos de
Angelo PIROZZELLI

quase tudo, porém, não da forma que idealizara.

Quando a guerra rebentou, em 1939, Neumann tinha apenas 18 anos de idade, mas já era considerado um mestre-cuca promissor. Estudara arte culinária no «Nüremberg Grand Hotel» e no «Bomberg Hof», e participara de várias exposições especializadas, com ótimos resultados.

Mas a guerra não isenta ninguém, e Neumann foi convocado para servir como cozinheiro do exército. Dois anos depois, transferiram-no para o quartel-general de Hermann Goering, para quem cozinhou diariamente durante 3 anos.

Seus sonhos tornavam-se realidade. Era cozinheiro e ia servir a uma personalidade realmente importante, na Alemanha de então. O futuro lhe reservava maiores surpresas.

Nessa época, o quartel-general de Goering era volante. Percorria a Alemanha e os países dominados, em constantes viagens de inspeção, num trem especial, dotado do máximo conforto.

Não raro, Neumann ouvia da cozinha, os berros de Goering. Escutava-o discutir planos, rir ou praguejar ou, ainda, mandar aumentar os talheres da mesa, pois receberia Hitler ou Mussolini para o jantar, no seu vagão ou nas casas espalhadas por toda a Europa, onde descansava, quando possível.

Neumann, como cozinheiro do marechal, participava de todas as viagens. Teve nas mãos a vida de generais e ditadores, tendo, pode-se dizer, ocasião para eliminar de uma só vez Hitler, Mussolini, Kesserling, os generais Koestner, Bodenschatz e Udet, numa reunião realizada no interior da Alemanha, na qual todos comeram os quitutes preparados pelo jovem cozinheiro.



Ninguém diria que este moço simples e afável já cozinhou para Hitler e Mussolini. Pois cozinhou. E ambos gostaram. Muita gente que já provou dos seus pratos acha que eles tinham razão.

"Fui Cozinheiro de Goering"

(continuação)



A guerra está longe. Nem Hitler nem Mussolini. Hoje, Neumann vive para a família e prepara quitutes para os paulistas.

Neumann, porém, era um rapagão simples e quieto, que realizava, dia a dia, seus sonhos. Sua vida era relativamente boa. Comia bem. Dormia esplendidamente. Da guerra, dos seus horrores, da morte e da invalidez, ouvia falar de quando em quando. Mas seu dia também chegou.

A Alemanha perdia terreno. Recuava na Rússia. A ofensiva aliada ultimava-se. Os «partisans» e os «maquis» ocasionavam baixas nas tropas e infundiam terror. A guerra no Pacífico mudava de feição. O «eixo» se partia. Mesmo assim, Neumann nada sentia. Contudo, inopinadamente, nos primeiros dias de 1944, ele foi desligado do corpo de cozinheiros de Goering.

As ordens do «Fuehrer» eram drásticas, claras, indiscutíveis. Todos os homens sãos, deveriam pegar em armas. A Alemanha naufragava. Karl Neumann, a 18 de janeiro desse ano, deixava o comboio do marechal e era transferido para o regimento «Hermann Goering». Era o fim da carreira.

O moço Neumann trocou as panelas pelo fuzil, o chapéu de mestre-cuca por incômodo capacete de aço, a faca de cozinha por um sabre luzidio. Logo depois, recebeu o batismo de fogo em terra italiana, resistindo à investida aliada. De batalha em batalha, o regimento Hermann Goering foi retrocedendo.

Os aliados desembarcavam na França. Era o dia «D», hora «H», que passariam para a história. Os russos ganhavam terreno, também. Berlim era bombardeada. Hitler delirava. Milhares de homens empapavam de sangue os campos da Europa. O nazismo recebia a extrema-união. Mas a luta continuava.

De repente, tudo findou. Paz. Neumann regressou a Nuremberg. A cidade, transformada por Hitler na sede nacional do nazismo, fôra reduzida a escombros. Miséria. Neumann começou a trabalhar no «United States Army Hospital». Em 1947 casou-se e, 3 anos depois, desembarcava no Brasil, com visto permanente no seu passaporte. Veio para São Paulo, onde trabalhou no Esporte Clube Pinheiros e no Golfe Clube. Hoje, explora um restaurante que arrendou, em El-Dorado.

* * *

Quem era Goering, no entanto? Neumann joga fora o cigarro. Volta-se para nós, sempre sorrindo, e conta: Goering era um gigante. Alto, gordo, de voz tonitroante. Seu andar pesado socava firme o solo por onde passava, com os tacões de suas botas luzidias.

O marechal era carrancudo. Pouco falava aos subordinados; não raro, despachava generais com berros ensurdecedores. Neumann só não o ouviu gritar na frente de Hitler e de Mussolini. Foi um bom conversador até o dia em que a Alemanha começou a perder batalha, em todas as frentes.

Hermann Goering levantava-se cedo. Fazia, quando possível, uma caminhada a pé, após o que tomava o desjejum, constituído de ovos, toucinho e pão torrado. Tomava café forte e iniciava o trabalho. A despeito do seu corpo volumoso, Goering comia pouco. Antes das refeições, gostava de fazer exercícios e, quando tinha oportunidade, cavalgava ao longo dos caminhos das vilas onde seu trem parava.

Goering, estivesse onde fôsse, gostava de mesas bem postas, como se estivesse num banquete. Adorava o luxo. Queria cristais finos, toalhas de linho, refinamento, mesmo numa barraca ou num casebre de campo. Quanto à comida, exigia grande variedade de pratos, muitos dos quais artisticamente preparados.

— «Ele nunca se queixou da qualidade da comida — diz Neumann. — Era um tipo curioso, para um grande chefe militar. Era comum avisar à cozinha que altas patentes comeriam com ele. Por duas vezes, em 1942, cozinhei para Mussolini e uma vez para Hitler, para quem preparei panquecas à austríaca, das quais ele muito gostava. Minutos depois de enviá-las à mesa, escutei o «Fuehrer» esbravejar e esmurrar a mesa. Pensei que era comigo. Porém — Neumann ri — compreendi que ele não se abalaria para protestar contra as minhas panquecas. De fato, poucas voltaram.

«Quanto a Mussolini, — prossegue — era diferente. Ouvia-o falar muito. Parecia menos bravo do que meus superiores. Comia muito e tomava copos e mais copos de bom vinho italiano, que levava para presentear Goering. A primeira vez que o vi, ria muito. A segunda, a guerra não ia tão bem. Pareceu-me muito abatido e cansado. Simpatizei com ele e senti ao saber que morreria tragicamente, algum tempo depois».

Neumann continua contando coisas do marechal. Ele não tinha predileções culinárias. Sua

(Conclui na pag. 64)

Tudo isto é para seu lar!

Um presente Arno será sempre a mais deliciosa surpresa e tornará seu lar sempre mais confortável!



Todos vão gostar...

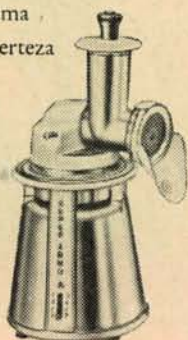
porque são os mais práticos e eficientes!



Todos vão apreciar...

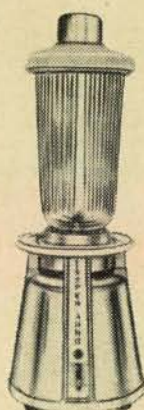
porque conta com uma ampla garantia e a certeza de ter o melhor!

**SUPER
MOEDOR-PICADOR**



Todos vão admirar...

porque suas linhas são as mais modernas!



Todos vão adorar...

porque facilitam muito o trabalho!



BATEDEIRA PORTÁTIL

desde Cr\$ 1.640,00

PÓSTO SÃO PAULO

ARNO

A MAIOR FÁBRICA DE MOTORES ELÉTRICOS E DE APARELHOS DOMÉSTICOS DA AMÉRICA LATINA

Matriz: Avenida Arno, 240 (Moóca) - Tel.: 34-6131 - Caixa Postal 8.217 - São Paulo - Estado de São Paulo

Loja ARNO em Belo Horizonte: Rua Rio de Janeiro, 310 - Telefone: 4-6598

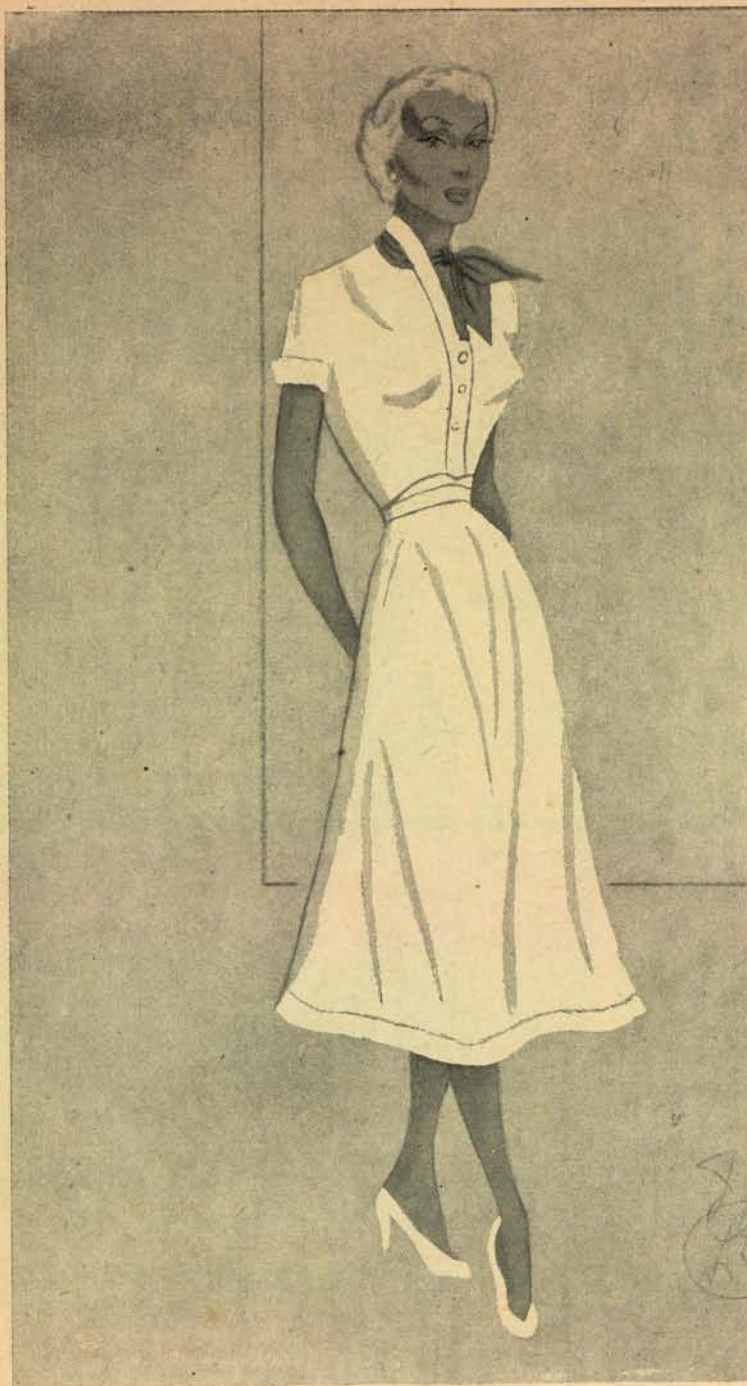
Em Belo Horizonte, Porto Alegre, Recife, Curitiba, Campinas, Santos, Ribeirão Preto, Sorocaba, Bauru e São José do Rio Preto - exclusivamente à venda nas Lojas ARNO.

EM TODO O BRASIL, NAS MELHORES CASAS... NAS MELHORES CONDIÇÕES!



A MARCA DIZ TUDO

Em Branco



Vestido esportivo em linho branco, a ser usado com um lenço de côr viva no pescoço, criação de Bill Thomas, da Universal.





Casacão em fazenda brocada com guarnições de renda na gola e nos bolsos, abotoado em tôda a frente. Criação de «Cardinal Cottons».

Em Prêto

Vestido em tecido de lã preta, com decote em V e sala drapejada, presa na frente por um «clip». Criação da Casa Jacques Fath. (Foto Rapho).





Modêlo de Sophie e Stephen Erklin, para um jantar elegante, confeccionado em renda de Havana, com dupla saia e mangas compridas. (Foto Transworld).



Modêlo de Susan Small (Londres), para coquetéis, em tafetá negro, com adornos de botões cobertos de veludo. (Foto IPA).



Vestido de noite da coleção de Pierre Balmain em renda branca com enfeites de cetim. (Foto INP).

Horas de Elegância

→
Bonito modelo para noite, sem mangas, apresentado pela atriz Jeanne Crain. (Foto Universal-International).



Modêlo para coquetel, criação de Battilocchi, em tafetá com estampado em listras sôbre fundo azul pálido.

Cinto Romântico

«Anfitrite» é o nome dêste romântico modelo de **Pierre Balmain**, em renda branca e musselina alva, drapejada no alto do corpinho muito decotado. **Écharpe** e cinto alto, enfiado na frente e amarrado por um laço nas costas, em tafetá azul-turquesa.



OLGA OBRY, Paris

PARIS (Via Panair) — A nova moda da cintura alta, no estilo do primeiro Império, ou suprime o cinto ou o torna vistoso e romântico, como nunca dantes. Drapejado, amarrado por um laço vistoso, enfiado na fazenda do corpinho, num tom contrastante, bordado a fio de ouro e lantejoulas em fundo de cetim de cor vistosa, com longas pontas soltas, alto na frente ou caindo para trás, o cinto desempenha um papel de destaque nas toaletes de gala, nos vestidos de baile de meio-comprimento e em modelos de coquetel, com amplo decote e saia curta. Pela riqueza dos bordados, ele vira, às vezes, uma autêntica jóia. No penteado liso, com coque na nuca, Lanvin-Castillo arruma pequenos laços adornados com pérolas e lantejoulas, cujo bordado é adequado ao do cinto.



Vestido de baile em tule branco, com dois babados e cintura alta, marcada por um cinto de cetim encarnado, ricamente bordado a fio de ouro. Modelo de **Lanvin-Castillo**.



Toaile de gala de Lanvin Castillo, com cinto de cetim azul «pavão», bordado a fio de ouro e lantejoulas douradas, amarrado do lado em nó de duas pontas soltas. Corpinho drapejado em musselina amarela, saia franzida de «radzimir» — um dos novos tecidos desta temporada — amarelo também.

Em qualquer parte
do mundo
gostam mais de

Quink

que de qualquer
outra marca de tinta.

Limpa a caneta
à medida que escreve.



é boa porque é um produto

Parker

PREÇOS: 2 onças - CR\$ 20,00
32 onças - CR\$ 130,00

Representantes exclusivos para todo o Brasil
COSTA, PORTELA & CIA.

Av. Presidente Vargas, 435 - 8.º andar

Rio de Janeiro

1901 P

Minas Gerais — José Harry Leite

Rua dos Catetés, 652 - 1.º - Belo Horizonte

NOSSAS CRIANÇAS

QUÊS E PORQUÊS DO VÍCIO DE FUMAR NOS ADOLESCENTES

Dr. Garry C. Myers

O VÍCIO de fumar é sempre um problema que, a seu tempo, resvala para o ambiente familiar e demanda uma solução. A questão não se refere especificamente aos pais. Esses, quer fumem quer não, alimentam unanimemente o desejo de que seus filhos não contraiam o vício do tabagismo.

Naturalmente, a conduta dos pais é baseada na experiência. Eles sabem, como todos nós, que, via de regra, nenhuma pessoa sabia tem elementos para afirmar que o fumo melhora a nossa saúde física. Ademais, o cigarro é um vício que só pode ser adquirido com razoável dispêndio de dinheiro.

A mocidade de outros tempos, mais idealista na sua admiração pelos heróis e grandes esportistas, cujas façanhas atléticas desejavam repetir, considerava a necessidade de manter-se saudável um grande argumento contra o hábito de fumar. Atualmente, muitos atletas famosos são adeptos do fumo e, para efeitos publicitários, chegam a recomendar este ou aquele cigarro, em anúncios de revistas ou radiofônicos.

Nos últimos anos, foram publicadas conclusões de vários estudos que revelam existir uma forte correlação de causa e efeito entre o hábito de fumar cigarros e o câncer dos pulmões. Esses relatórios fizeram com que muitas pessoas deixassem de fumar ou diminuíssem o número de cigarros fumados; e, sem dúvida nenhuma, afastaram alguns jovens do primeiro cigarro, que é o ponto de partida para o vício. Todavia, algumas sumidades médicas puseram em dúvida a solidez dos resultados das experiências, principalmente tendo em vista que estão prosseguindo outras pesquisas de caráter mais conclusivo.

Seja como for, se não bastam as razões de saúde, temos o lado econômico como um poderoso argumento contra o hábito de fumar. Qualquer menino ou rapazinho poderá, com alguns cálculos elementares, verificar quão dispendioso é o vício do fumo, e quanto dinheiro sobriaria para ser



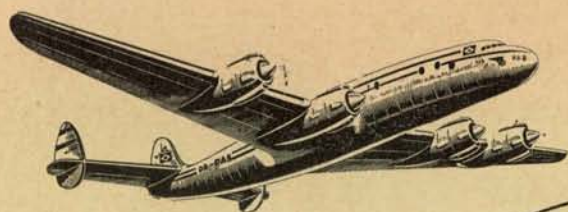
empregado em outros fins, se não fosse consumido pelo cigarro. Saiba-se, com efeito, que as somas gastas com cigarros são consideravelmente superiores àquelas destinadas à educação da juventude.

Em muitos casos, alguns pais persuadem os filhos a não fumarem ou, pelo menos os fazem adiar a sua estréia no vício. Outros pais procedem de maneira bem diversa. Alguns, julgando-se extremamente conscienciosos, acreditam que o hábito de fumar é grandemente pecaminoso, e procuram inculcar nos filhos essa crença.

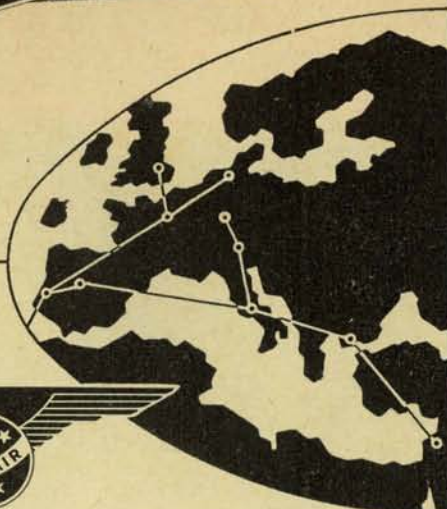
Existem também os casos extremados. Alguns pais têm preferido expulsar as filhas de casa para permitir-lhes o hábito de fumar. Certa vez, o autor deste artigo teve notícias de uma senhora, que havia tomado aquela medida contra uma filha, pois achava que tinha todo o direito e razão de agir assim.

Embora eu use cachimbo e ocasionalmente, fume um charuto (muitas vezes, acho que seria melhor não o fazer), admiro sinceramente aqueles pais que fizeram o propósito de não fumar. E' claro, também, que a minha admiração termina imediatamente, no ponto em que os pais assumem uma atitude hipócrita e intolerante a respeito do hábito

(Conclui na pag. 104)



EUROPA



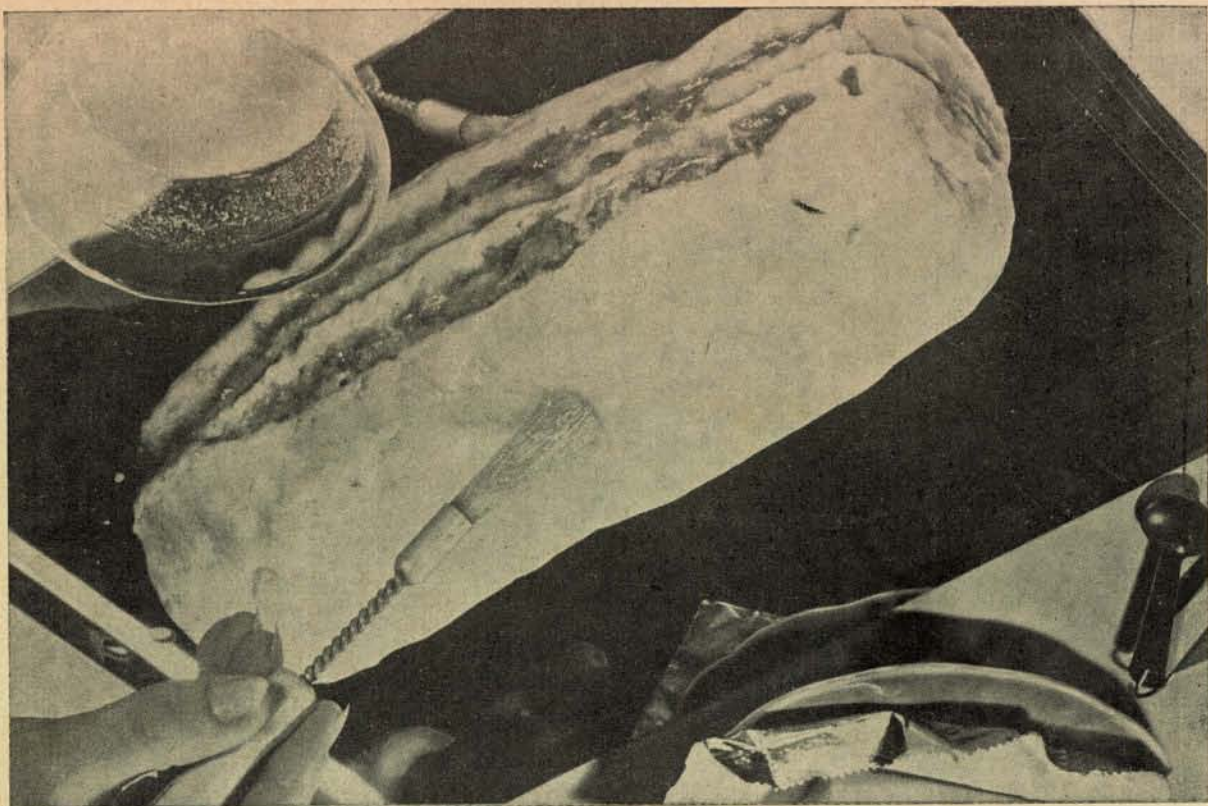
via

PANAIR

DO BRASIL

LISBOA
PARIS
MADRID
LONDRES
ROMA
ZURICH





De tão leve, este Rocambole de Galinha chega a «derreter na bôca». (Foto Transworld).

ARTE CULINÁRIA



é boa porque é um produto

Parker

PREÇOS: 2 onças - CR\$ 20,00
32 onças - CR\$ 130,00

Representantes exclusivos para toda a Brasil

COSTA, PORTELA & CIA

Av. Presidente Vargas, 435 - 8.º andar

Rio de Janeiro

1901 P

Minas Gerais — José Harry Leite

Rua dos Castêles, 652 - 1.º - Belo Horizonte

citários, chegam a recomendar este ou aquele cigarro, em anúncios de revistas ou radiofônicos.

Nos últimos anos, foram publicadas conclusões de vários estudos que revelam existir uma forte correlação de causa e efeito entre o hábito de fumar cigarros e o câncer dos pulmões. Esses relatórios fizeram com que muitas pessoas deixassem de fumar ou diminuíssem o número de cigarros fumados; e, sem dúvida nenhuma, afastaram alguns jovens do primeiro cigarro, que é o ponto de partida para o vício. Todavia, algumas sumidades médicas puseram em dúvida a solidez dos resultados das experiências, principalmente tendo em vista que estão prosseguindo outras pesquisas de caráter mais conclusivo.

Seja como fôr, se não bastam as razões de saúde, temos o lado econômico como um poderoso argumento contra o hábito de fumar. Qualquer menino ou rapazinho poderá, com alguns cálculos elementares, verificar quão dispendioso é o vício do fumo, e quanto dinheiro sobriaria para ser

rem ou, pelo menos os fazem adiar a sua estréia no vício. Outros pais procedem de maneira bem diversa. Alguns, julgando-se extremamente conscienciosos, acreditam que o hábito de fumar é grandemente pecaminoso, e procuram inculcar nos filhos essa crença.

Existem também os casos extremados. Alguns pais têm preferido expulsar as filhas de casa para permitir-lhes o hábito de fumar. Certa vez, o autor deste artigo teve notícias de uma senhora, que havia tomado aquela medida contra uma filha, pois achava que tinha todo o direito e razão de agir assim.

Embora eu use cachimbo e ocasionalmente, fume um charuto (muitas vezes, acho que seria melhor não o fazer), admiro sinceramente aqueles pais que fizeram o propósito de não fumar. É claro, também, que a minha admiração termina imediatamente, no ponto em que os pais assumem uma atitude hipócrita e intolerante a respeito do hábito

(Conclui na pag. 104)

AMBIENTE MODERNO

de linhas clássicas

A IDÉIA de modernização do lar não pode ser levada a ponto de abolir definitivamente tudo que possa parecer mais ou menos antiquado. Melhor é, para se conseguir efeitos mais bonitos, unir à predominância de elementos modernos algumas ligeiras notas clássicas, as quais, por sua vez, aparecerão mais realçadas. E' isso, precisamente, o que se mostra nestas páginas, como sugestão para os interiores modernos.





Vera Clouzot e Paul Meurisse, numa cena de «As Diabólicas». Também trabalham no filme Simone Signoret e Charles Vanel.

"NÃO entre no cinema após iniciar-se a sessão". — "Conte as qualidades do filme, mas não o seu enredo". — "A ninguém fica bem o papel de "desmancha-prazeres". — "O segredo deve ser mantido a todo custo". Essas frases mais ou menos impressionantes são as "chaves" de publicidade

da França e de toda a Europa como a maior revelação dramática do ano. Partiu dela, aliás, a idéia de se aproveitar a trama do romance de Pierre Boileau e Thomas Narcejac e, segundo se informa, Clouzot, logo após a aquisição dos direitos de adaptação da história ao cinema, achou que ti-

nha feito o pior negócio da sua vida. Prova de que o negócio não foi tão mau assim é o fato de o realizador ter obtido com ele o prêmio "Louis Delluc", um dos mais cobiçados pelos cineastas franceses.

Para quem ainda não sabe, Vera é filha do embaixador Gilberto Amado, nasceu em Copacabana e viajou muito pela Europa, em companhia de rígida tutora. Casou-se em 1939 com o homem de teatro Laparra. Em 1940, voltou ao Rio, a chamado de seu pai, e ficou conhecendo Louis Jouvet, o grande ator já falecido. Trabalhou com ele em pequenos papéis, durante uma temporada em teatros sul-americanos, seguindo-o de volta a França, em 1945. Foi nessa época que entrou em contato com Henri-Georges Clouzot, com quem veio a casar-se em 1950, depois de se divorciar de Laparra. Em com-

(Conclui na pag. 97)

Será Isto Uma Miragem?

SUSAN Hayward dá um toque de vida ao deserto, com este sorriso apanhado pela câmera num intervalo de filmagem de «Sangue de Bárbaros», filme de efeito épico, dirigido e produzido por Dick Powell para a RKO, com John Wayne e Pedro Armendariz nos papéis principais. A película, feita dentro de um orçamento multi-milionário, gira em torno das conquistas de Gengis Khan.



Fazendo as Honras da Casa

NUM intervalo de filmagem de «O Bôbo da Corte», nova comédia de Danny Kaye — produção dele mesmo, através da recém-criada «Denna Productions», feita nos estúdios da Paramount — o notável comico e sua companheira Glynis Johns conversam com a bonita Jean Simmons, durante uma visita que a estrela fez ao set. Em seu novo filme, Danny faz uma porção de papéis diferentes, desde o de vilão perverso até o de terno galã.





Cacilda Becker — «a grande Cacilda» — não é apenas uma boa atriz: é uma das boas atrizes que o cinema nacional não soube aproveitar.

Está Faltando Alguma Coisa

CLARO que está faltando alguma coisa ao cinema brasileiro. Melhor ainda, estão faltando diversas coisas, entre as quais contamos a honestidade, a competência, a boa vontade — e tantas outras de significado moral, antes que material.

Possuímos uma literatura belíssima, que, se não teve no exterior a repercussão merecida, foi pela falta de atenção dos responsáveis pela propaganda do que é nosso. Daí, não faltam boas histórias para servir de base a bons filmes. Por outro lado, a paisagem humana, a realidade social do Brasil, com as variadas características que lhe são próprias, fornecem outros tantos motivos excelentes, sobre os quais poderiam decalcar-se boas produções.

Recursos materiais talvez não cheguem a sobrar, mas o que há é bastante para sustentar uma indústria honesta, ainda que de pequena monta. Pelo menos três ou quatro estúdios são dotados de aparelhamento aperfeiçoado, assim como de instalações semelhantes às das maiores empresas estrangeiras. A Vera Cruz, por exemplo, foi criada — e, pelo menos tecnicamente, cumpriu esse desígnio — para rivalizar com as maiores companhias americanas — aventura que, de resto, provocou a tremenda crise da qual a empresa até hoje não se refêz. Além do mais,

(Conclui na pag. 96)

Percalços de Gente «Grande»

SE o leitor deseja ser alto, talvez lhe valha alguma coisa conhecer a opinião de um «homem grande». Rex Reason, que mede 1,80m de altura, acha que muito se fala dos homens altos, mas tôdas as comodidades foram feitas para os pequenos. Ele é quem diz:

— Tomemos por exemplo um objeto indispensável — a cama. As camas comumente usadas são fabricadas para gente que não tenha mais de 1,60 m de altura. Se você é mais alto do que isso, tem duas alternativas: dormir encolhido ou pagar mais por uma cama maior. Outro exemplo: se a altura é mais ou menos mediana, em qualquer casa poderá você encontrar rou-

pas que lhe fiquem bem. Os fabricantes se negam, em princípio, a fabricar roupas de tamanhos especiais, por causa da pouca procura. O resultado é que tôda a gente «grande» tem de mandar fazer roupas sob medida, o que fica muito mais caro.

Outro inconveniente notado por Rex Reason é ter de entrar e sair de automóveis, atos que já lhe valeram boa quantidade de manchas roxas em diversas partes do corpo.

A primeira vista, parecem de menor importância as observações desse ator da Universal. Mas servem como advertência (e consólo) para muito rapazote que, à força de querer imitar certos ídolos da tela, procura até igualá-los na altura.

Fatos & Boatos

★ Esther Williams mudou de estúdio e de estilo. Na Metro, onde esteve durante alguns anos, foi nadadora e nada mais. Agora, contratada pela Universal, vai fazer papéis dramáticos e esquecer, pelo menos por uns tempos, as piscinas coloridas que Mr. Leo lhe oferecia.

★ A RKO está praticamente em novas mãos e sob o controle direto de Howard Hughes. Assim como a direção está mudada, também mudados estão os planos. E, para as futuras realizações da empresa, já se pode anunciar a adoção de novo e revolucionário processo de filmagem.

★ Velhos filmes da MGM, produzidos antes de 1948 foram postos à venda ou para serem alugados. São cerca de três mil películas (incluindo 800 filmes silenciosos e 1.100 «shorts») e a empresa espera apurar no negócio 110 milhões de dólares. A Warner, que também fez um negócio assim, ganhou 21 milhões pela sua «sucata».

★ Quatro anos de casamento, um de separação e dois filhos são os «dados históricos» que restam do consórcio Edmund («O Egípcio») Purdom-Anita («Tita») Purdom, após o divórcio concedido por um tribunal de Santa Mônica.

★ «Mais de metade da verdade» é posta a nu, em o filme «Trial», com o qual a Metro parece querer seguir a linha de «Sementes de Violência», mostrando as práticas e chicanices do Partido Comunista americano. É o primeiro filme anti-comunista americano feito para cérebros adultos.

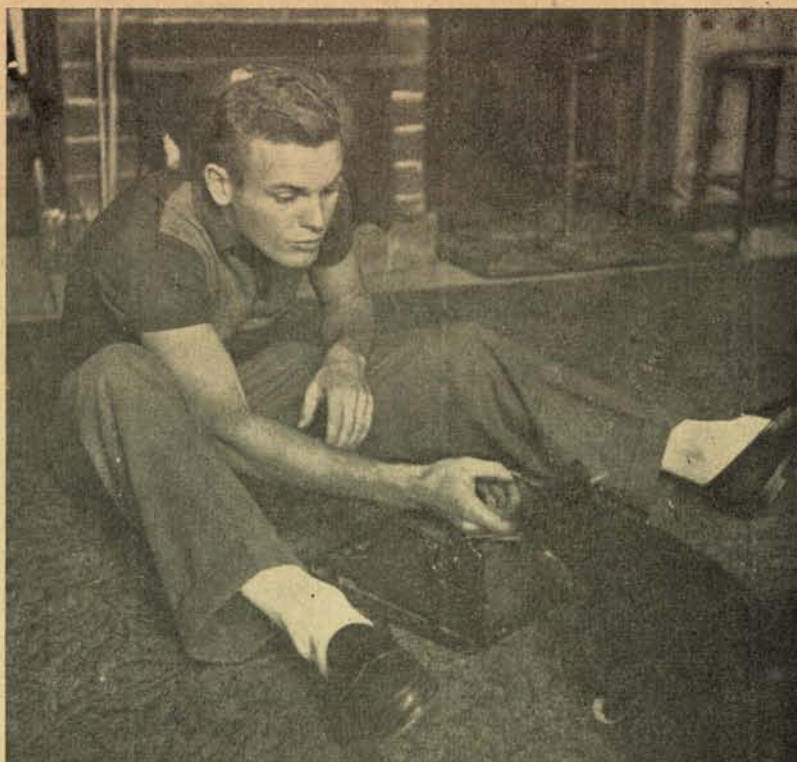
★ Ingrid Bergman, que se encontra em Paris filmando sob a direção de Jean Renoir, pulverizou os boatos de um provável rompimento entre ela e seu marido Roberto Rossellini (pelo qual abandonou Hollywood e suas glórias), quando declarou, numa entrevista: «Quando Roberto se casou comigo, ele já sabia como eram as estrélas».



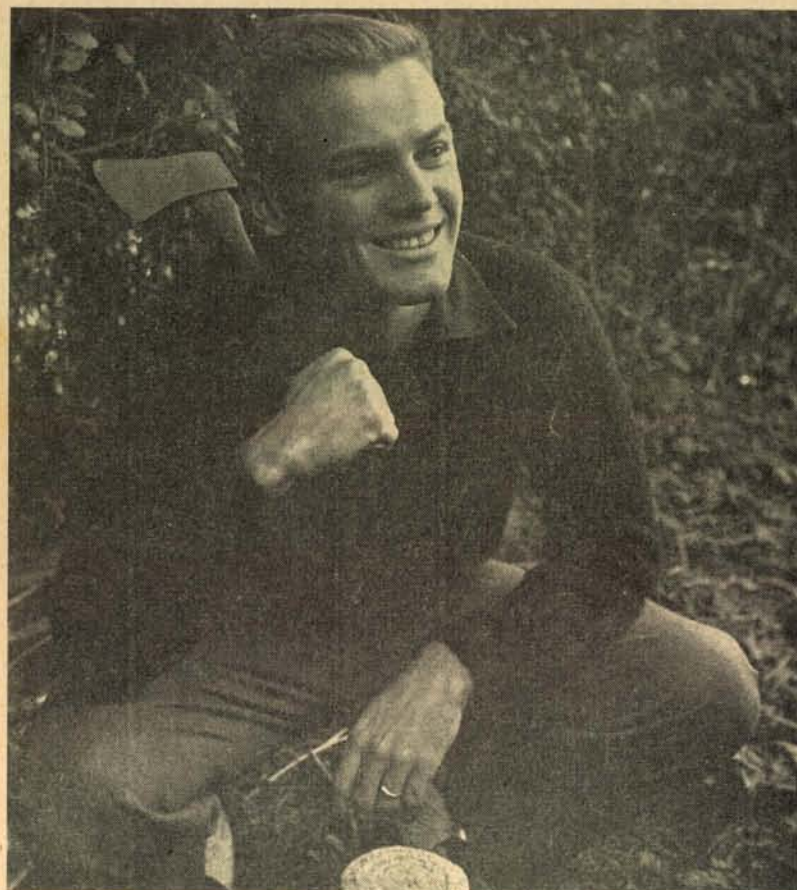
Ingrid Bergman e Renoir

★ Randolph Scott afirmou recentemente, após uma queda, que qualquer ator que se gabe de nunca ter caído do cavalo em filmes de «far-west», o faz porque nunca terá montado, realmente. E os que riam se calaram...

★ Além de ator cinematográfico de elevado padrão artístico, o inglês Robert Morley é autor teatral geralmente apreciado. Sua peça «Como é Triste Ser Bom» é constantemente representada (e aplaudida) na Inglaterra.



Escrevendo as suas sugestões para alterações num «script», o jovem ator Tab Hunter faz uma pausa para brincar com Daffy, o gatinho de estimação.



De como um gigante louro entrou para o cinema por causa do seu «tipo» e venceu pela sua arte.



Embora admita que é o pior cozinheiro do mundo, Tab não se cansa de experimentar a culinária. As eventuais intoxicações correm por sua conta.

POR enquanto, as brasileiras ainda não o conhecem bem, mas, nos Estados Unidos, o maior ídolo das fãs de cinema que estão na adolescência é um rapagão alto e louro chamado Tab Hunter, que entrou para o cinema por causa do seu «tipo» e do seu físico bem feito e alcançou o estrelato à custa do seu talento artístico.

Tab tornou-se um astro popular entre as fãs muito antes de ter feito pelo menos um filme importante. É que as fotos de publicidade, anunciando um filme seu — filme em que seu papel acabou sendo cortado — foram amplamente divulgadas. Assim, ele alcançou a popularidade e virou astro apenas no papel.

Foi somente depois de ter trabalhado em «**Battle Cry**» e, mais tarde, em «**Mares Violentos**», que Tab sentiu que era um ator de verdade. Depois disso foi que os cidadãos mais sólidos começaram a notá-lo.



O machado não é propriamente um instrumento de trabalho. Ele o utiliza para fazer exercícios, indispensáveis para manter a forma.



TAB HUNTER, um novo ídolo da tela

Fotos de Earl Leaf

Tab Hunter mora sôzinho — e gosta disso. Em casa, recebe poucas cartas. Em compensação, o departamento de pessoal do seu estúdio vive a braços com volumosa correspondência a êle dirigida.

Depois das suas atividades no cinema, os maiores interesses de Tab Hunter se voltam para o atletismo e para os esportes, em geral. Êle é detentor de títulos de patinação, esquiação, rodeios e ténis, e, estêve a ponto de ser jogador de futebol.

Os estúdios da Warner, que o têm sob contrato, assim como as revistas destinadas aos fãs de cinema americanos recebem mais cartas com perguntas a respeito da sua vida sentimental do que às de quaisquer outros atores de Hollywood. Tab continua afirmando que pretende ficar solteiro durante muitos anos ainda, mas as **glamour-girls** do cinema e as fãs não acreditam nisso. Embora costume passear com muitas garôtas, êle evita sair com uma delas duas vêzes seguidas — procedimento muito acertado para quem deseja evitar a onda de boatos que, por dá cá aquela palha, inundam a cidade do cinema. Êle garante uma coisa: concentrar-se bastante na sua carreira.

— E' claro que eu pretendo casar-me — diz Tab.

— Mas tenho de cuidar de outros assuntos primeiro.



Francesas em Férias

Geneviève Page ficou mesmo em Paris. Esta fotografia é como um símbolo da graça francesa, num «décor» do Século de Ouro.

Françoise Arnoul preferiu à praia os prazeres do campo. Ei-la entre as flores do verão. Dany Robin é aficcionada da caça, e foi dar uns tiros na pequena floresta de Rambouillet.



CLARO! A gente de cinema não é de ferro. Por isso, não dispensa os períodos de repouso e de reconstituição física e espiritual. Acontecem, então, os intervalos, quase sempre breves, em que essa gente procura os lugares mais calmos, longe das luzes dos estúdios e da agitação da vida profissional.

As francesas seguem a regra geral — e com elas ocorre o mesmo que nos outros países onde há uma cinematografia organizada: saem em férias mas a publicidade vai atrás, com as suas máquinas fotográficas, a fim de colher para os fãs flagrantes do seu repouso. Alguns desses flagrantes é que compõem estas páginas, e têm a finalidade de mostrar que, mesmo em férias, as estrêlas francesas não deixam de cuidar do "charme" — que tem o mesmo significado (cinematográfico) do "glamour" americano, do "fascínio" italiano e de que outro nome tenha noutras terras.

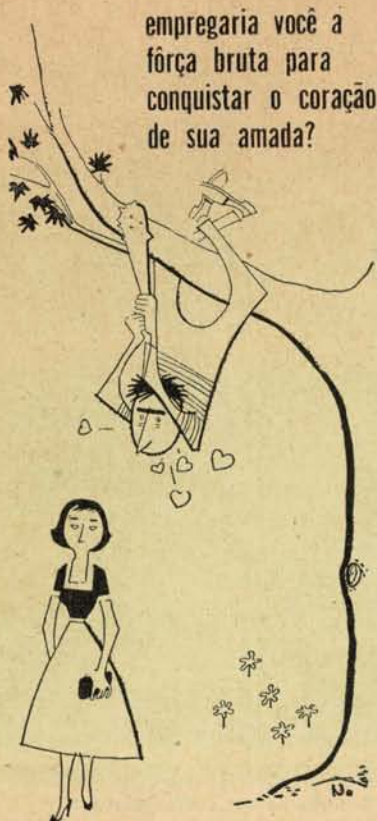
●
Brigitte Bardot preferiu passar alguns dias numa calma casa de campo nos arredores de Paris.



Lise Bourdin foi passear na Itália, gozou férias e acabou fazendo alguns filmes por lá.

Magali Noël passou as suas férias numa praia da Bretanha, com banhos de sol e «far niente».





CLARO que não! Já terminou há muito tempo a Idade da Pedra, único período da existência do mundo em que músculos mais rijos significavam mais sucesso no amor. Hoje, a coisa é diferente, e você de certo escolherá outros métodos se quiser chegar ao êxito, métodos que falem diretamente ao coração de sua eleita.

Da mesma forma, se pretende aumentar suas vendas, você naturalmente escolherá um veículo que atinja efetivamente o melhor público, isto é, o público de maior poder aquisitivo. Assim como para conquistar o coração de sua amada você preferirá sempre o caminho que lhe assegurará a sua conquista, assim também para tornar a sua campanha mais produtiva você elegerá os veículos que lhe possam assegurar a preferência e a simpatia das classes sociais que podem comprar mais.

Venda mais, anunciando em

Alterosa

a revista da família brasileira



Risos, dramas e tragédias num só ato.

OS CASAMENTOS TÊM DE TUDO

ENTRYRE as façanhas (hoje de sabor folclórico) atribuídas a Lampeão, houve um caso de autenticidade discutível, muito comentado e divulgado pelos folhetins de porta de feira. Conta-se que, num ataque a certo povoado sertanejo, o "outlaw" nordestino e seus cabras assaltaram uma casa onde se estavam realizando as festas de um casamento. Virgulino ficou senhor da situação, e, com grotesco senso de humor, fez os noivos dançarem nus, e, entre os arreganhos de sua quadrilha brutal mandou apagar todas as luzes da casa.

O episódio, verdadeiro ou não, serve para ilustrar uma possibilidade real de que tudo pode acontecer antes, durante ou depois de uma festa de casamento. Ainda há pouco, as cerimônias matrimoniais de um dos mais destacados comerciantes do Rio de Janeiro tiveram de ser suspensas, devido à intervenção de u'a amante desprezada, que achou jeito de aplicar no ingrato alguns raspões de bala. Essas atrações extra-programa verificam-se com certa regularidade, e não são privilégio de pais algum.

Saltando do Brasil para a Inglaterra, temos o caso de Sybil

Sterry, de Lowestoft, Suffolk. Ela havia-se embonecado para o grande momento de sua vida. O vestido de noiva estava magnífico e, com a alegria e a expectativa tão comuns nesses instantes, rodopiava feliz pelo quarto. A certa altura dos rodopios, o belo vestido incendiou-se, por contato com um fogareiro elétrico. Dentro de instantes, havia-se transformado numa fogueira. Sybil escapou ilesa. O vestido — vestido-sonho, produto de três meses de meticolosa preparação para um dia maravilhoso — ficou imprestável.

Muita gente que soube do acontecido achou que a culpa era da falta de sorte de Sybil. Havia razões para pensarem assim. Ela havia acabado de sair de um hospital, onde ficara internada durante três meses, curando um braço quebrado. Pouco tempo antes, a mãe de Sybil tinha morrido de repente, enquanto a moça se encontrava num casamento, como dama de honra de uma amiga.

Os fatos ocorridos com certo casal de Yorkshire têm algo de cômico. Terminadas as cerimônias matrimoniais, marido e mulher partiram em viagem de lua-de-mel, usando como transporte uma motocicleta e um "sidecar". Viajavam

Seja Mais Querida

— tornando-se mais bela !

com a costumeira alegria pós-nupcial, mas, a certa altura, o veículo conjugado sofreu uma avaria irremediável, num ponto deserto das charnecas. Não havia sinais de hotel ou pensão, num raio de muitos quilômetros, e os recém-casados deram-se por felizes quando deparraram com uma casinhola da roça. Bateram à porta e pediram pousada. A única ocupante da casa era uma velha de aparência desagradável. Foi de má vontade que ela concordou em alojá-los por uma noite, assim mesmo sob uma condição.

— “Sei lá — disse a velha olhando pelo canto dos olhos a aliança brilhante da noiva. — “Vocês podem ter-se casado, mas podem também estar fugidos. Eu é que não boto a mão no fogo”.

Em seguida, dividiu como melhor lhe pareceu as acomodações para os seus hóspedes forçados. A noiva foi dormir num arruinado sofá, e o noivo, num barracão desligado da casa. A velha tinha decretado a separação de corpos na primeira noite do casamento.

*

Às vèzes, o anedótico se confunde com o trágico, nesses incidentes de casamento. Foi o que aconteceu num povoado de Suffolk, Inglaterra, quando apareceram duas noivas para um só noivo. O casal de noivos realmente comprometidos estava diante do altar para as cerimônias. De repente, houve uma agitação na igreja, e foram ouvidos brados de protesto.

Era o extra-programa do espetáculo: uma velha solteirona estava percorrendo a nave central da igreja. Estava trajada com um rico vestido de noiva, levando um buquê de flores imaculadamente brancas nas mãos enluvadas. Ela era considerada um caso psiquiátrico da comunidade, e tudo indicava que naquele instante estava convicta de que era a noiva. Teria sido levada àquele ato pela força de pensar na realização do seu desejo? O que estava acontecendo era o clímax de muitos anos de frustração? A resposta não tem muita importância. O certo é que a solteirona criou uma situação difícil. Só à custa de muito tato e habilidade conseguiram retirá-la de dentro da igreja.

As variações de incidentes relacionados com o casamento podem assumir aspectos graves. Em Norfolk, uma noiva estava prestes a entrar na igreja quando foi violentamente agarrada por um ex-admirador. O rapaz estava enlouquecido de paixão, e grunhiu enquanto sacava de uma faca: “Já que não pode ser minha, não será de ninguém”. O pai da noiva e alguns convidados intervieram prontamente. O ex-namorado foi



Ganhe nova beleza para sua cútis — siga o método

Gessy

1

Esfregue entre as mãos a espuma de Gessy. Em apenas 15 segundos V. obterá a Micro-espuma.



2

Faça uma leve massagem com esta densa Micro-espuma que contém Creme de Beleza.



3

Enxágue e enxugue o rosto. V. sentirá a pele macia, suave, gostosa e limpíssima também!



Bastam alguns dias apenas para V. mesma comprovar os resultados! Sim, porque o novo Sabonete de Beleza Gessy produz a espessa e cremosa Micro-espuma, que limpa profundamente os poros, removendo tôdas as impurezas. Ao mesmo tempo suaviza — amacia a pele — graças à ação do puríssimo Creme de Beleza dissolvido em sua espuma! Alguns dias apenas e V. mesma poderá ver em seu espelho o quanto está mais bonita!

— contém um maravilhoso

Creme de Beleza!

TAMBÉM EM
TAMANHO GRANDE



impedido de usar a arma, e teve de dar o fora apressadamente.

Outra noiva foi vítima de um ataque diferente, mas nem por isso menos grave. Quando ela e seu cortejo passavam pela nave central, um indivíduo saltou de uma cadeira, e precipitou-se para o grupo, empunhando uma navalha ameaçadoramente. Dada a rapidez dos seus gestos, ninguém pôde impedir o que ele ia fazer. Ato contínuo, o homem retalhou, com requintes de maldade, a cauda do vestido da noiva. Como é fácil de perceber, tratava-se de mais um ex-namorado ciumento, que tentava vingar-se da mulher que o desprezara.

Será que um par de recém-casados passaria de bom grado a primeira noite da lua-de-mel numa canoa descoberta? A pergunta parece ridícula, e é claro que nenhum casal escolheria acomodações tão originais. Sem embargo, um caso idêntico aconteceu, faz pouco tempo, em Essex, Inglaterra. A culpa foi da noiva, que residia à margem de um rio. Terminada a recepção do casamento, o casal ficou esperando um táxi anteriormente contratado, mas o veículo não apareceu. Eles precisavam atravessar o rio de qualquer jeito, a fim de alcançarem uma cidadezinha, onde tomariam um ônibus no ponto de partida para a viagem de lua-de-mel. Os recém-casados não tiveram alternativa senão tomar uma canoa emprestada.

Aconteceu que o noivo, produto típico do asfalto, de manejar canoas não entendia coisa alguma. Logo de início, perdeu um remo. A canoa ficou sem rumo e, eventualmente, encalhou num lamaçal. O pobre rapaz fez tudo o que não sabia para desencalhar a embarcação, mas não obteve resultado algum. A horas tantas da noite nupcial, as coisas complicaram: começou a chover impiedosamente. Os recém-casados não tiveram alternativa senão se abraçarem, para conseguir um mínimo de aquecimento. A noite foi passada a céu aberto e, quando a manhã chegou, os noivos estavam ensopados e em lamentáveis condições. Quando foram salvos, estavam fartos de sua primeira etapa nupcial.

*

Os casamentos na cadeia têm-se multiplicado nos últimos anos, e têm acontecido em muitos países. Via de regra, o condenado casa-se e volta para a cela que ocupa na prisão. Na França, já houve um exemplo em que as coisas se passaram de modo um pouco diferente. Após o casamento, celebrado no interior da cadeia, as autoridades fizeram uma concessão ao noivo: permitiram-lhe passar a

noite nupcial em companhia de sua noiva, e no interior de uma cela. Só que a "cela" era um confortável aposento das dependências do diretor do presídio.

Atualmente, toda noiva faz questão de estar magnificamente vestida, no grande dia de sua vida, nem que se veja na contingência de alugar ou tomar emprestadas algumas peças do enxoval. Antigamente, as possibilidades de um casamento a caráter eram mais remotas. "No dia em que me casei" — conta uma senhora — "as damas de honra é que pareciam ser noivas, e não eu".

A senhora explicou as razões da discrepância. Ela trabalhava como criada, no tempo em que essas domésticas recebiam ordenado muito pequeno, e tinham de usar uma espécie de uniforme. Mesmo assim, conseguiu economizar, de tostão em tostão, durante meses, uma quantia razoável para comprar o vestido de casamento. Em seguida, encomendou-o numa loja situada a centenas de quilômetros do lugar onde morava. A loja prometeu atendê-la prontamente, mas o fato é que, no dia do casamento, o vestido ainda não havia chegado. O pior é que ela não pôde arranjar outras roupas apropriadas às cerimônias. Nem por isso, o casamento deixou de ser celebrado. A noivinha compareceu com o uniforme preto, com punhos e gola de renda, característicos de sua profissão.

Sabemos de outro casamento realizado com roupas ainda menos formais. Aconteceu durante a última guerra. O noivo já estava aflito, pois não havia meio de a noiva aparecer. Ela era da roça, e conseguiu fazer o impossível: esqueceu qual era o dia do seu casamento. A impaciência do rapaz crescia com a espera e, como último recurso, foi organizada uma pequena expedição para localizar a noiva faltosa. O grupo encontrou-a "no batente", enchendo um carro de estêrco. O que não a impediu de movimentar-se apressadamente para a igreja, onde chegou e se casou de culote e botas, e até sem buquê!

Noutro casamento da roça, quiseram empregar o método de procuração verbal. O rapazinho chegou à igreja, procurou o oficiante, declinou a sua condição de irmão do noivo e explicou ingenuamente:

TESTE

(Respostas da pag. 69)

- | | |
|------------|------------|
| Nº 1 = Não | Nº 5 = Não |
| Nº 2 = Não | Nº 6 = Não |
| Nº 3 = Sim | Nº 7 = Sim |
| Nº 4 = Sim | Nº 8 = Não |

"Meu irmão está muito ocupado, e por isso me mandou substituí-lo — só durante as cerimônias, tá bem?" O oficiante explicou que a substituição não era possível, e o intermediário saiu surpreso com a negativa.

Existem também os chamados "casamentos a contra-vapor". Certa vez, num condado inglês, um rapaz da roça foi literalmente arrastado para o altar. A noiva estava em compasso de espera na igreja; as horas passavam, e nada do noivo. Finalmente, quem apareceu foi a mãe do faltoso. Vinha toda envergonhada. Aproximou-se do pai da noiva e contou-lhe baixinho: "Ele está nervoso. Com um medo danado de casar".

O futuro sogro e respectivos filhos abalaram-se da igreja, tomando o rumo da casa do noivo mofino. Encontraram-no todo vestido, como manda o figurino no dia de casamento. Ao lado dele, descobriram uma garrafa de uísque e um copo que revelavam muita coisa. Futuros cunhados e sogro não tiveram outro recurso senão conduzir o noivo a muque até a igreja. Chegados ao templo, o nervosismo desapareceu. "Vamos acabar com isto" — bradou-lhes o rapaz. — "Agora estou passando bem". Estava sim, mas a garrafa, avolumando-se no seu bolso, contava a razão do inesperado contra-vapor. — *Wills Letteringhan.*

Está Faltando...

Conclusão da pag. 89

produções de montagem bastante dispendiosa — os "musicnavalescos" da Atlântida, por exemplo — mostram que não há crise financeira nos domínios da nossa cinematografia.

O material humano, por outro lado, em que pese o pouco ou nenhum aperfeiçoamento artístico — natural, aliás, num meio onde nunca se pensou nisso seriamente — é capaz de sair-se bem, em muitos casos. Basta citar os exemplos de Tônia Carrero, Glaúce Rocha, Dóris Monteiro, Ruth de Souza, Cíldia Becker, Jackson de Souza, Miro Cerni, Jardel Filho e mais muita gente que sabe trabalhar direito — e que às vezes quer e não pode fazê-lo.

Realizadores também existem em número razoável — mas é aí que parece estar o grande erro, ou, por outras palavras, a grande injustiça do cinema nacional. Há pelo menos duas dezenas de homens capazes, dotados de idéias cinematograficamente sadias, honestas, competentes e cheios da melhor vontade, incompreensivelmente conservados à margem do negócio do cinema, propriamente

dito. Dizer que são eles mesmos que escolhem essa posição é desconhecer o trabalho que vêm empreendendo sôzinhos. Enquanto isso, maior número de elementos de reduzida ou nula competência, põe-se à sombra dos "grandes" do negócio, e vão deixando sair filmes inconseqüentes, que nada acrescentam à cinematografia indígena. É o culto dos medalhões, ainda muito arraigado entre nós, a impedir que germine a semente já lançada — é verdade que em terra não muito generosa, mas que, como na carta de Caminha, "em se plantando tudo nela dá".

Leis de proteção ao cinema nacional, as mais das vêzes pedidas exatamente por aqueles que nada fazem para incentivá-lo, antes preferindo incentivar apenas a sua gana de lucros, auxílio oficial e tudo mais cuja falta se invoque como causa da lentidão com que se desenvolve a nossa indústria do filme não resolverá coisa alguma enquanto não houver, na direção dos seus destinos, maioria de elementos de reconhecida competência, honestos e de boa vontade. Fora disso, não vemos outro caminho senão o mesmo que atualmente se percorre — a passo de cágado.



Um Mergulho no...

Conclusão da pag. 88

panhia do marido, veio ao Brasil em lua-de-mel e nessa época estiveram a ponto de fazer um filme que, por motivos de ordem financeira, não pôde ser realizado.

Em vista da "proibição" imposta pelos distribuidores de "As Diabólicas", pouca coisa mais se pode acrescentar. Vale, porém, registrar o resumo humorístico que o crítico cinematográfico da revista *Time* fez do filme: "Um belo filme cômico de horror, em francês, com um fundo moral: você pode jogar um corpo n'água, mas não pode fazê-lo mergulhar".



Bazar Feminino

Conclusão da pag. 63

Sim, eu me casaria com uma pequena que não soubesse cozinhar, desde que fôsse inteligente. 6 — O trato disgestivo não é o caminho para o coração do homem. Pelo menos, não o é, quando se trata de um homem jovem.



A natureza nada produz em vão.
— Sir Thomas Browne.



*A estrelinha
de amanhã*

já é "fan" do Talco Gessy



Todo o cuidado é pouco com a futura estrela... Para viver mais alegre e bem disposta, ela usa o Talco GESSY após o banho e ao mudar as fraldas. Puro e perfumado, o Talco GESSY evita assaduras, brotoejas e irritações da pele.



Ideal para o bebê... bom para a família toda!



A MORTE DE MESQUITINHA

Embora não fôsse um nome intimamente ligado ao sem-fio, queremos, ou melhor, achamos que não devíamos deixar de noticiar aqui, o desaparecimento inesperado (vítima de um ataque cardíaco) do célebre comediante de nosso cinema e teatro musicado, Mesquitinha. Ele foi, sem dúvida, um de nossos mais característicos artistas, dono de uma personalidade muito marcante. Será lembrado por muito tempo, por seus filmes, revistas, etc. Na foto, colhida na capela onde seu corpo foi exposto, aparecem um membro da família e seu grande amigo e colega Oscarito, que foi levar a Mesquitinha seu último adeus!

Somente agora, devido aos seus intransferíveis compromissos, Ivon Curi pôde oferecer à crônica especializada o prometido churrasco, com o qual homenageou a imprensa, em virtude de sua eleição como «Melhor Cantor» de 55, e «Rei do Disco», no mesmo ano. A festa compareceram também os artistas eleitos juntamente com Ivon, e diretores da Victor e da Nacional do Rio. O encontro serviu de ensejo, outrossim, para que o renomado astro apresentasse de público as suas despedidas, uma vez que partiu, dia 19 de junho, com destino à Europa. Ivon Curi apresentar-se-á, em sua *tournée* pelo Velho Mundo, em Lisboa, Londres e Paris. Êxito absoluto é o que todos lhe desejam, durante os seus dois meses fora do Brasil.



RÁDIO-NOTÍCIAS

DO RIO

* Sandra Helena, uma novata apoiada pela veterana Odete Amaral está destinada a se constituir numa boa revelação.

* Walkiria Santos outra novata que possui bela voz deverá firmar compromisso com a "Sociopral", iniciando, assim, sua carreira profissional.

* Em sua mais recente excursão, Nelson Gonçalves visitou as seguintes cidades: Almenara, Resplendor, Conselheiro Pena, Pedra Azul, Teófilo Otoni e Carlos Chagas. Visitou, também, a capital do Paraná, onde logrou grande êxito, como nas demais.

* Por outro lado, Galhardo esteve em Olímpia e Ibiatinga, devendo exibir-se brevemente, em S. João Nepomuceno. Ele está evitando viajar, pois sua esposa acaba de dar à luz ao seu primeiro filho.

* Juiz de Fora próspera cidade, recebeu as visitas de Sílvio Caldas, Cauby e Francisco Carlos. Esses dois últimos foram juntos e cantaram em dueto.

* Olivinha de Carvalho confessou-nos que está noiva de Hilton Gomes, locutor da TV-Tupi, que

apresenta, entre outros programas, as audições da fabulosa Leny Everson.

* Ester de Abreu fez temporada no Copacabana Palace.

* A nova boate Vendome, que fica no centro da cidade, tem exibido cartazes como Angela Maria, Chico Carlos, Nelson Gonçalves, etc.

* Antes de regressar à América, Cauby também deverá fazer uma temporada de 15 dias na boate do Copacabana. O intermediário do negócio foi o popular cronista Ibrahim Sued, de quem, aliás, esse cantor vem de gravar o samba "O Amor Não é Brinquedo". O co-autor da música, o novato Mário Jardim, vem sendo apontado pela imprensa de todo o país e pela jornalista Iná de Souza, de Ubatuba, como plágio.

* Está fazendo sucesso, na E-8, a nova e sensacional novela de Cícero Acaíaba, "Adeus Para Sempre". A música-tema desse seriado é o beguine "Judeu Errante", gravado, originalmente, na Columbia, por Alcides Gerardi, grande côro e conjunto e, depois, por Nilo Sérgio e Sua Orquestra de Boate em selo Musidisc.

DE SÃO PAULO

* Leny Everson cumpre temporada de 20 dias na boate do Copacabana Palace, a mais fina do Rio. Por essa razão, está licenciada nas Associadas paulistas.

* Um mês de sensacionais festejos, eis como a ativa Rádio Record está comemorando o seu "Jubileu de Prata". Dentro da vasta programação destacou-se a noite de 1º de julho. Chamou-se "Noite de Concerto de Música Popular", e dela participaram os maiores astros e estrelas de nossa música, e uma orquestra de 60 figuras, da Rádio Nacional, do Rio. Paulo Tapajós, diretor artístico dessa emissora, foi quem organizou a bela noite, e o maestro Radamés Gnattali foi o autor dos arranjos e o condutor da grande orquestra.

* Dizem que Isaurinha vai cantar em Portugal. Não há dúvida de que agradará.

* Randall Juliano e Idalina (ex-noiva do conhecido comico Badaró, atualmente atuando no elenco fixo da Nacional carioca), é o novo romance paulista mais comentado.

* J. Pereira, popular crítico de discos de diversos jornais paulistas, está produzindo para as Associadas vários programas. Inclusive dentro da nova programação do almoço. Aliás mais dois outros bons cronistas bandeirantes, tam-



CAUBY (FINALMENTE) NA RÁDIO NACIONAL E NA TV-RIO

Cauby Peixoto, sem dúvida o cantor mais discutido do momento, assinou, finalmente, com a Rádio Nacional do Rio, assim que ele e a Tupi chegaram a um acordo, no dia 29 de maio, na Justiça do Trabalho. No flagrante, apanhado em pleno programa César de Alencar, Cauby dá aos seus fans, a grata novidade. Seu contrato começará em agosto próximo e, quando ele partir para a América (em setembro), as suas audições semanais serão gravadas lá e enviadas, por via aérea, a fim de serem retransmitidas pela E-8, no Brasil, em caráter exclusivo. Afirma-se que César de Alencar gravará, nos Estados Unidos, os primeiros quatro programas de Cauby. Consagrado intérprete já estreou também na TV-Rio, onde se apresenta às segundas feiras às 20,15 horas.

bem produtores dêsses mesmos prefixos, escrevem para a citada programação, que leva duas horas e meia no ar. São eles: Mauro Pires e Oscar Nimitz.

* David Raw (ao que parece) foi quem levou para a Bandeirantes a cantora carioca Maria Neide, que estava sem prefixo no Rio, ultimamente.

DE MINAS

* Aguinaldo Rabelo está apresentando dois novos e bons programas para a TV-Itacolomi: "Sete Dias", aos domingos, e "Parada de Sucessos", às terças-feiras, ambos às 21 horas.

* O contrato de Ivon Curi terminou com a TV-Itacolomi. Elias Salomé e os seus garotos-artistas do "Clube dos Cariúnas" tomaram conta da programação das terças-feiras, às 19 horas, na "Boate Mirim". Os programas estão cada vez melhores...

* Marilú e Iêda Prado, são os nomes das duas novas cantoras do "cast" da Rádio Inconfidência, a emissora-padrão de Minas.

* Cantou e correspondeu de ponta a ponta em Belo Horizonte o jovem intérprete nordestino que é Jairo Aguiar, que nos trouxe o bonito samba "Uma noite do Rio", em disco Copacabana. Em suas audições na PRI-3, Jairo Aguiar pôde apurar que já está ficando famoso neste rádio brasileiro.



ORLANDO SILVA EM MINAS

Orlando Silva está cantando agora, todos os domingos à noite, através da Rádio Guarani e, às segundas, na TV-Itacolomi. Boa aquisição do rádio mineiro! Ei-lo, aqui, abraçado por seu protegido, o cantor do rádio paulista Orlando Dias, que segue a trilha do «cantor das multidões».

Carlos Galhardo: Novo Programa na Record

Durante o mês de festividades que assinalaram o Jubileu de Prata da Record, o veterano Carlos Galhardo ganhou novo e ótimo programa, que vai ao ar às terças-feiras, às 20 horas. Na foto, ele e seu grande amigo, o cronista Borelli Filho, divulgador da Mayrink, emissora na qual se apresenta Galhardo, no Rio.



DISCO-NOTÍCIAS

* Nilo Sérgio, diretor da Musidisc, ofereceu um grandioso coquetel à imprensa, amigos e seus artistas, ao ensejo de sua partida para o Velho Mundo e a América, onde tratará de assuntos ligados à sua fábrica. Vai buscar gravadoras estrangeiras para representar, e trocar matrizes de suas edições, a fim de divulgar nossa música lá fora.

* Outro grande coquetel foi promovido pela Continental/Todamérica, quando do lançamento dos discos norte-americanos Kapp (agora distribuídos pela primeira), e para comemorar também a volta de Schneider à direção artística da segunda.

* A Sinter, por sua vez, não ficou atrás. Quando do lançamento dos primeiros discos Montilla, que está representando, também fez realizar, no amplo Clube dos Banqueiros, um ótimo coquetel, que esteve concorridíssimo.

* Houve, ainda, mais uma festa do disco. Esta, promovida pela RCA, que fez lançar seus discos «45» e as eletrolas especiais para tocá-lo. Não cremos no êxito dessa nova promoção de vendas da grande gravadora. As vitrolas são caras e, tocando apenas discos de 45 rpm, que ainda não se impuseram, entre nós, têm poucas possibilidades de virem a ser adquiridas pelo povo, pelo menos, de imediato.



Conceito de Felicidade

MARIA MADALENA

MINHA boa Neusa: Ser feliz não é tão difícil como você imagina. Toda a amargura que sinto em sua cartinha, bem examinada, se reduz a uma simples maneira de interpretar a felicidade.

Você parece que se deixou dominar por essa onda de materialismo que invadiu a sociedade moderna, esquecendo-se, assim, da transitoriedade dos bens terrenos, e da eternidade dos bens espirituais. Nisto, e somente nisto, reside toda a sua amargura. Veja-mos porque.

Você é casada e tem um bom marido; pobre mas bom. Seus filhos são normais e gozam boa saúde, dando-lhe apenas os mesmos trabalhos que toda mãe pode esperar de filhos pequenos, e compensando-a, também, com as mesmas alegrias que as crianças, e só elas, sabem proporcionar-nos.

Salvo os trabalhos e as preocupações que são comuns a qualquer mãe e dona de casa, nada mais existe que perturbe a sua

paz e a sua tranqüilidade. Que mais pode desejar na vida? Riquezas? Luxo? E de que lhe serviria tudo isso, bem examinadas as coisas?

A felicidade, minha querida amiga, reside apenas no conceito que dela fazemos. Para muita gente, para a grande maioria da humanidade, ela consiste exclusivamente no que já lhe sobeja. Evite, assim, erguer suas vistas muito alto. Compreenda que seu marido não é culpado de que falte a vocês um pouco do supérfluo, e acredite que este em nada contribui para a felicidade, que se encontra mais entre pobres do que entre milionários.

Aqui mesmo em nossa Belo Horizonte, você terá facilmente oportunidade de verificar o seu erro. Visite, por exemplo, as enfermarias da Santa Casa, a Cidade Oza-

nan e tantas outras instituições onde a enfermidade e a miséria campeiam. E verá que mesmo ali, onde falta quase tudo, inclusive, muitas vezes, o medicamento que ameniza a dor, você vai encontrar gente feliz, alegre, agradecendo a Deus pelo abrigo que encontram e pelo carinho que recebem. E creia que tais visitas lhe seriam muito úteis, quando menos para ensiná-la a conhecer o que é realmente a felicidade. Porque você se sentirá feliz, bem mais feliz que as ricas freqüentadoras de boates, se levar a esses que realmente sofrem a falta de quase tudo, um pouco da sua caridade, ainda que somente a caridade moral, que vale tanto ou mais que a material. Ser feliz, minha filha, é aceitar a vida que nos foi destinada por Deus, procurando vivê-la do melhor modo possível, medindo as nossas ambições mais pelos bens eternos que nos esperam do que pelas ilusórias aparências das riquezas terrenas. — Maria Madalena.

Toda correspondência para esta seção deve ser dirigida a Maria Madalena, "Caixa de Segredos", Redação de ALTEROSA, Caixa Postal 279, Belo Horizonte.

MARA LÚCIA — Goiás — A sua carreira é tão boa quanto outra qualquer, e discordo completamente dos motivos invocados para seus receios. O comércio, hoje, anda repleto de moças, e até mesmo de senhoras, sem que isto constitua nenhum desprestígio para a mulher. O conceito moral que podemos conquistar não pode sofrer nenhum abalo pelo fato de trabalhar em uma profissão honrosa, seja ela qual for. E já se foi o tempo — felizmente bem longínquo — em que era considerado desprezível o trabalho feminino.

EUGÊNIA — São Paulo — O que você me pede não é próprio de um consultório sentimental,

mas de um professor de português. E como não disponho de espaço suficiente, lamento não me ser possível fornecer-lhe o modelo desejado. Sugiro que redija a carta com os seus próprios pensamentos, e peça, em seguida, a alguém competente para revê-la e retocá-la.

ESPÔSA AFLITA — Paraná — A minha boa amiga se excede em suas preocupações, aliás sem qualquer fundamento. Se todas as espôsas de viajantes seguissem a sua tese, esta profissão não poderia existir. Você deve compenetrar-se de que a felici-

dade conjugal repousa, sobretudo, na confiança mútua, sem a qual não é possível haver paz e harmonia entre os cônjuges. Insistir em que seu marido deixe a profissão que já tinha quando se uniu a você, constitui uma levianidade de sua parte, além de motivo para atormentá-lo, pois o homem nem sempre pode obter nova colocação, que supra suas necessidades, de uma hora para outra.

Em seu próprio benefício e de seu lar, concito-a a refrear as suas suspeitas e afastar os maus pensamentos que a afligem. Confie em seu marido, como retribuição da mesma confiança que ele tem em você, e verá como a vida voltará a sorrir-lhe.

LOURINHA — Minas — Fico muito reconhecida às suas generosas palavras e creia que nada fiz para merecer tanta bondade. Cumpro apenas um dever, e nada mais.

CARMEN SEVILHA — São Paulo — Discordo, minha filha, e com pesar, das suas idéias. Não acredito na possibilidade de uma perfeita compreensão entre duas pessoas de níveis diferentes de educação e cultura. Especialmente quando a deficiência é do lado masculino. Para seu marido, você deve esperar por um rapaz do seu mesmo nível social e de educação, para que tenha assegurada a sua felicidade.

Esse entusiasmo que sente hoje por ele, quando chegar a época do convívio diário irá certamente sofrer um grande arrefecimento. E então, não tenho dúvidas, você considerará como sérios defeitos tudo que agora lhe parece interessante e pitoresco. Uma coisa é a gente ver uma pessoa de quando em vez, por algumas horas. Outra, muito diferente, é viver com essa mesma pessoa, dia a dia, todas as horas e todos os minutos de nossa vida!

Reflita bem e não se precipite.

ITUITABANO DE B. HORIZONTE — Penso que o senhor deve agir com certa cautela, se é que estima essa moça. Caso contrário poderia criar para ela uma situação de vexame, caso se concretizasse a ameaça de escândalo do antigo namorado que ela pretende esquecer. Este, com o tempo, e só pela atitude de reserva e desinteresse da moça, há de compreender e afastar-se, pois não é admissível que nesta altura, em pleno século XX, ainda se possa conceber a hipótese da mulher ser coagida por quem ela não ama. Cabe a ela, portanto, com a atitude que tomar, abrir o caminho para a sua aproximação, e creia que só não o fará se não quiser.

M. A. S. — Mato Grosso — Infelizmente não me é dado satisfazer o seu pedido, já que esta seção não tem, entre as suas finalidades, a de promover casamentos por correspondência. Justamente por se tratar de uma seção séria, e por isso mesmo rigorosamente sigilosa, é óbvio que não posso revelar os endereços das leitoras que me distinguem com a sua confiança. Peço desculpar-me, mas o senhor facilmente compreenderá que o meu dever impede-me de atendê-lo.

(Conclui na pag. 111)



Todo mundo
já tem ...
na "FARMACINHA" do lar

A senhora também não deixará faltar, para inúmeras aplicações domésticas, os famosos Esparadrapos York — em qualquer medida e largura. E não se esqueça de que o Esparadrapo York cõr da pele não aparece: é ideal para curativos nas crianças, porque o esparadrapo não se suja.

GAZETEX *

também é indispensável!



RÁPIDA
PRÁTICA
MODERNA
* à base de
cloro mercúrio



Gazetex adere somente sobre si mesma, firmando pulsos, tornozelos, ou juntas destroncadas. Use Gazetex nas luxações em geral e para alívio das dores produzidas por varizes.

Quem conhece... confia!
indústrias york s.a.

-produtos cirúrgicos

R. PROF. APRÍGIO GONZAGA, 435 - TEL. 70-1317 - C. POSTAL 8693 - SÃO PAULO

Grant

Representantes em todo o país

75.651

Não se emocione, querida. Aposto que é o cobrador da casa de modas.



brotonhos & balzaqueanas

DON FLOWERS

(King Features Syndicate)

Especial para «Alterosa»

Ele disse que gosta de tôdas as moças. Estou entre elas, não estou?



Ora, mas o senhor já deve estar acostumado com todos os excessos.



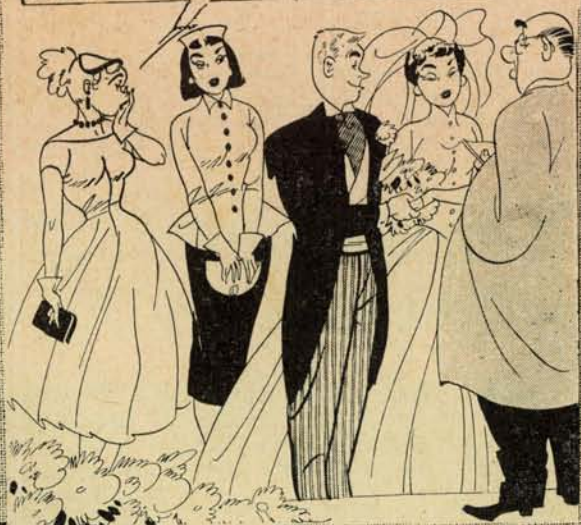
É preciso enfeitizar a platéia e retê-la na boíte... Está caindo uma chuva horrível lá fora!



E como prova de que gosto de você estou comendo isso!



Só queria ver se êle ia levar até o fim essa palhaçada.

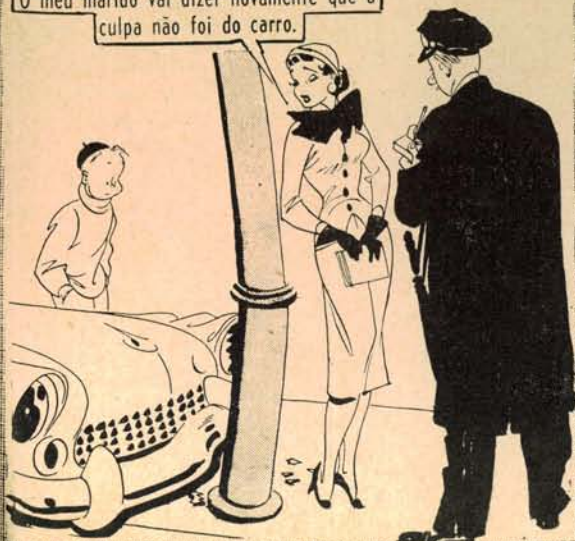


É uma espécie de greve porque o público não aplaudiu

ontem.



O meu marido vai dizer novamente que a culpa não foi do carro.



Dispensei a lavadeira por sua causa. Agora, só quero ver quanto você vai me pagar por êste serviço.



Vozes na Treva

Conclusão da pag. 32

dia no qual se moviam homens, mulheres e crianças, lhe parecera um carrossel louco de inquietações, de amarguras e de dores. Depressido, encerrara-se no hospital e, decidido a querer esquecer a vida que se movia em torno de si, se havia inteiramente engolfado no trabalho. Fizera de sua fadiga uma missão. Quando, depois de seu plantão no hospital, voltava à casa, sentia-se exausto, mas quase feliz. De uma felicidade que durava no máximo duas horas. Depois, de fato, sentia a solidão que o cercava, e então tornavam a fazer-se ouvir, em surdina mas firmes, as advertências de sua mãe e as da pequena irmã feliz.

— Não fique sozinho, Jorge — dizia a mãe, — pense em formar uma família...

E Lisa, a irmãzinha:

— Não vê como sou feliz? Tão feliz que tenho medo de minha própria felicidade...

Uma família. Como se tivesse sido fácil, naquele caos, escolher, encontrar uma companheira... Oh! mulheres não faltavam... mas valiam a fidelidade de uma existência inteira? Lisa era feliz, sim... mas Lisa tinha uma pequena alma luminosa, que havia procurado outra alma luminosa...

— Procuo uma alma — dizia, não um homem; porque a alma é eterna e... se tiver de morrer em breve... ele amará igualmente a minha alma. Depois haveremos de encontrar-nos de novo...

A lembrança da irmã perturbou-o. Havia morrido, como tinha inconscientemente pressentido, dois anos depois. Mas havia encontrado a sua alma, fora feliz.

E... ele agora? Uma mulher, da qual até havia pouco antes conhecia apenas a voz, estava para morrer. Só ele, talvez, pudesse salvá-la... Enfiando o bisturi na carne martirizada, cortando sem piedade. Salvava um corpo, como sempre? Algum dia indagara diante de centenas de pacientes doloridos, que alma tivessem e se valia a pena salvá-los por aquela alma ou somente pelo corpo? Nunca fizera a si mesmo essa pergunta. Havia agido friamente, certo somente daquela carne ferida, abandonada em suas mãos.

Mas agora tudo era diverso. Sentia que era diverso. Se o corpo tivesse cedido, também a alma teria perecido... A alma da mulher, que ele tinha encontrado em uma noite de guerra e depois de tantos anos reencontrado nas simples páginas de uma carta...

Uma mulher. A sua mulher.

Nunca sentira tal certeza. Havia passado distraído através de tantas aventuras, cinico e amargo, talvez desolado por não encontrar,

entre tantas mulheres, a Única. Mas agora, de repente, se avizinhou dela e quem sabe pela última vez.

Retê-la. Vê-la viver no corpo curado, tê-la a seu lado, terna, afetuosamente... companheira inteligente da vida inteira.

de fumar, especialmente no que diz respeito a seus filhos.

Os pais fortemente contrários ao fumo podem tomar atitudes as mais sensatas a respeito do mesmo. Devem, acima de tudo, fazer o máximo de esforços para granjear a mais sincera estima

furiosamente, empurrando com violência os numerosos espartanos, enquanto os sargentos fustigavam os combatentes de Xerxes ao ponto de seus açoites ficarem tintos de sangue. Dezenas deles precipitaram-se no mar pela borda do desfiladeiro, centenas eram pisados. Tratava-se de um clássico ataque asiático: hordas ululantes atirando, em abandono suicida, contra uma força melhor armada e disciplinada, desgastando-a pelo puro peso do número, completamente indiferente às baixas.

Os espartanos permaneciam firmes, lutando como demônios, massacrando os asiáticos até que o próprio solo em que pisavam ficou encharcado de sangue. Muito antes que suas lanças se quebrassem, tão mortífero era o ataque contra eles, tiveram de combater com espadas. Contra semelhante inimigo, não poderiam ir muito longe, mas morriam dando trabalho. Mesmo os espartanos feridos, enquanto jaziam sangrantes no solo, acutilavam, até que os persas corriam aos enxames contra eles. Cada vez que um espartano tombava, seu hilota rachava uma cabeça ou duas com sua maça antes de ser golpeado. À retaguarda, nas fileiras dos

PASSATEMPO

(Resposta da pag. 36)

O transatlântico desenvolvia velocidade de maior, isto é, 55,53 km por hora.

Pouco sabia dela, mas as suas próprias palavras lhe diziam tudo:

"Sinto que sou uma pequena mulher insignificante, com uma alma luminosa".

Isto! Queria!

Tocou chamando a enfermeira.

— Tudo pronto? Apresses-se!

Depois, decidido, entrou na sala de operação.

Nossas Crianças

Conclusão da pag. 82

e afeição dos seus filhos, pois é quase certo que, agindo com moderação e bondade, conseguirão mantê-los à margem do vício. Tenho para mim que é preferível deixar uma criança fumar e gostar da gente que fazê-la criar ressentimentos contra nós e, ainda assim, continuar fumando.

Páginas da História

Continuação da pag. 40

téspios, Demófilo olhava atentamente o progresso da batalha. Não havia ainda ataque por tal lado. Começou a imaginar se a outra expedição tinha, afinal, chegado a tempo de conter Os Imortais, antes que pudessem descampar pela trilha da montanha. Assim, poderia ele movimentar seus homens e colocá-los em auxílio dos espartanos.

Um grito de triunfo veio das linhas dos combatentes persas. Leônidas estava dobrado sobre os joelhos, com o sangue correndo de uma acutilada à altura das axilas. Antes que seu hilota pudesse de novo levantá-lo sobre seus pés, ele tombou para a frente sob uma chuva de acutiladas de espada que lhe causaram todos os ferimentos, menos a decapitação.

Uma voz algo afastada exclamou:

— Leônidas!

Era Demócrito que abria seu caminho para a frente através das fileiras.

— Morreu! disse um hilota.

— Então, quem ficará no comando?

— Alfeu, se ainda estiver vivo. Se não estiver, seu irmão Maro.

— Alfeu! gritou Demófilo. Um de vossos homens chegou da vila. A força que Leônidas mandou chegou muito tarde. Os Imortais estão descendo no passo em nossa retaguarda. Escutai, Alfeu. E' um negócio duvidoso isto de combater em duas frentes, ainda na expectativa de ser apunhado pelas costas. Deixai-nos irromper pelas rochas defronte dos campos e terminar aí o assunto.

— Muito bem. Devemos, no mínimo, descer face a face com eles.

Ponde vossos homens de partida desde já e nós recuaremos tão logo eles se movam. Quando passardes pelas fileiras de Leontíades, dizei-lhe o que estamos fazendo.

Dentro de poucos minutos Alfeu viu os téspios correndo para a retaguarda em direção ao muro e aos campos. Seus próprios homens já estavam alertados. A uma ordem sua, cessaram o combate e foram-se atrás dos téspios. O corpo de Leônidas ia com eles, dobrado sobre os ombros de Maro.

Os tebanos estavam movendo-se muito vagarosamente, tão vagarosamente que os espartanos passaram por entre suas filas e chegaram primeiro ao muro. Num momento em que não estavam sendo observados, Leontíades e seus tebanos jogaram fora suas armas e voltaram-se para os persas com as mãos ao alto.

A rendição não foi de todo bem sucedida. Os persas, dementados pelo combate, acutilaram um bom número de tebanos desarmados antes que seus oficiais pudessem detê-los. Tal confusão e a passagem do restante dos tebanos para a retaguarda persa como prisioneiros atrasou os persas por alguns instantes.

Atrás, do outro lado da muralha do acampamento grego, a passagem se alargava novamente até cerca de oitenta metros. Um enorme esporão de pedra projetava-se aí na raiz da montanha, formando uma plataforma natural vários metros acima do nível do solo. Era isso que os espartanos e téspios estavam querendo. Enquanto grimparam pela pedra, Os Imortais estavam já à vista e, do outro lado, os vanguardeiros persas enxameavam sobre a muralha de pedra. Alfeu avaliou rapidamente a situação. Tinha umas poucas centenas de téspios e talvez cinquenta espartanos ainda em condições de combater. Não podia demorar.

Haidarnes estava dirigindo Os Imortais com dureza, para compensar a perda de tempo. Atingido o fim da trilha, seus homens estavam tão exaustos pelas doze horas de marcha sem interrupção, que foi compelido a conceder-lhes descanso antes de prosseguir. Durante esse descanso, dado de má vontade, havia visto um grande corpo de tropas gregas deixar a passagem e dirigir-se ao encontro dele. Esse corpo, todavia, tinha se retirado em direção ao sul, assim avistara as forças persas.

Haidarnes debatia consigo próprio se devia persegui-los no rumo do sul, na suposição de que esses gregos haviam abandonado totalmente as Termópilas. As ordens tinham sido para romper a passagem pela retaguarda e na organização militar persa existia pouca

«ÓCULOS DE PRECISÃO NUMA CASA DE TRADIÇÃO»

CASA ABREU

oferece-lhe esta oportunidade para seu conforto pessoal: ÓCULOS, CANETAS e CONSERTOS, com a tradicional garantia da nossa casa, pelo REEMBOLSO POSTAL

Ord. 039 — Canetas Regina, artigo de fina qualidade, e grande aceitação: pena de ouro em várias espessuras. — Cr\$ 350,00.

Ord. 025 — Canetas Lincoln Escolar, modelo especial para estudantes, de grande durabilidade e em lindas cores. — Cr\$ 180,00.

Ord. 027 — Caneta Imperator, modelo popular com tanque de capacidade para maior quantidade de tinta. — Cr\$ 130,00.

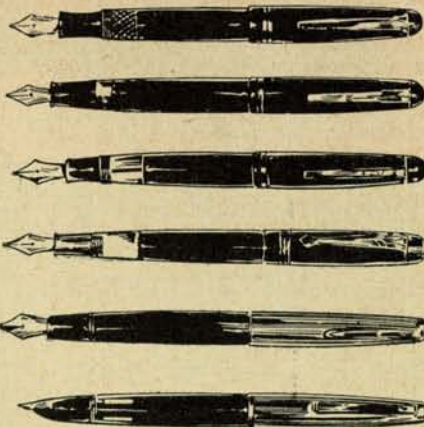
Ord. 018 — Canetas Compactor Escolar sem borracha, para evitar ressecamento, pena de aço. — Cr\$ 180,00.

(Disponos de todos os modelos de Canetas Compactor).

Ord. 071 — Canetas Parker V. S. pena de ouro e tampa de Aço Inoxidável. — Cr\$ 650,00.

Ord. 18 — Luxuosa caneta Lincoln com pena especial de Osmio, podendo ser usada em avião.

Com tampa folheada .. Cr\$ 750,00
Com tampa de aço.... Cr\$ 650,00



PEÇAM CATÁLOGO

R-122 — Armação de tartaruga grossa para homem. Última novidade em fino acabamento. Cr\$ 450,00.

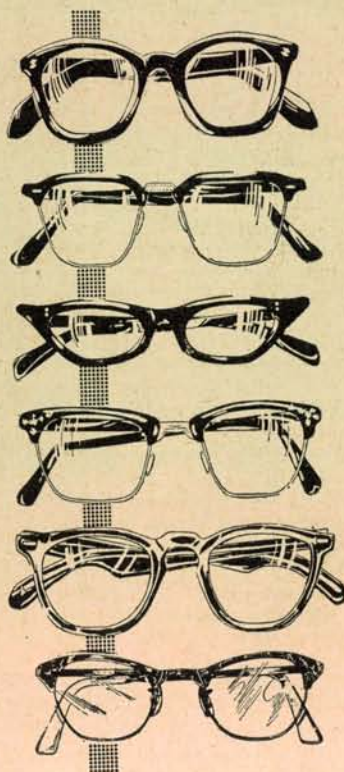
R-132 — Armação de Zilo em cores de tartaruga ou preta. Artigo para homem, inteiramente folheado e garantido. Da mais fina qualidade. Cr\$ 900,00.

R-79 — Armação "Gatinho Tang" em diversas cores. Último lançamento para senhoras e senhoritas. Em coloridos ou graduados. Com lentes Ray-Ban: Cr\$ 500,00. Com lentes Verluz: Cr\$ 400,00.

R-70 — Armação de Zilo-Metal para senhoras e senhoritas. Requitado acabamento e graciosas aplicações. Com lentes Ray-Ban: Cr\$ 900,00. Com lentes Verluz: Cr\$ 800,00.

R-3 — Armação de Zilo em cores Demi-Ambar (Tartaruga) e preta. Artigo do mais fino acabamento, com hastes semi-retas e anatômicas. — Cr\$ 780,00.

R-50 — Armação inteiramente metálica do mais apurado padrão de qualidade. Artigo de requintado acabamento, grande moda. Disponos de modelo inteiramente folheado, assim como com adornos em cores diversas.
Inteiramente folheado: Cr\$ 1.500,00
Com adornos coloridos: Cr\$ 2.600,00



Se bem não escreveu não foi ABREU quem vendeu

CASA ABREU

Matriz : Av. Afonso Pena, 570
Filial : Av. Afonso Pena, 409
Fone : 2-0782 — Belo Horizonte

liberdade de adotar decisões pessoais. Estava ainda na tentativa de uma decisão, quando uma patrulha, que havia mandado em reconhecimento, informou que estavam ainda combatendo na passagem. Haidarnes fustigou seus homens para a frente, rumo à curva, a fim de estar presente à matança.

Enquanto Os Imortais rompiam a passagem, Haidarnes à testa deles viu os gregos subindo pelo esporão de pedra, enquanto as forças de Mardônio estavam avançando rumo ao muro de pedra. Em uma carga desesperada, Haidarnes lançou seus homens justamente a tempo de cercar o esporão de pedra por todos os lados, e, efetivamente, impedindo Mardônio de chegar. Tencionava que as honras da batalha fossem todas para seu próprio regimento.

Alfeu olhou impassivelmente, rocha abaixo, para os persas que se juntavam na base dela. Ordenou que os espartanos ficassem atrás, do lado do declive da montanha, para um descanso devido aos seus futuros esforços. Os téspios formavam massa compacta às bordas da plataforma, a fim de morrerem em primeiro lugar.

Durante certo tempo, Os Imortais mantiveram distância e lançaram uma barragem de flexas e de lanças-projetis sobre a posição grega. Haidarnes observava impaciente o efeito. Se isso durasse muito, Mardônio ordenaria-lhe que levasse seus regimentos para trás e deixasse que os outros persas tomassem conta da tarefa. Deu ordem de cessar arremessos e aproximar. Obedientemente, Os Imortais embainharam suas espadas e tentaram escalar o promontório, enquanto os téspios os acutilavam e os golpeavam de cima.

Os espartanos estavam sentados, ganhando alento. Alfeu foi mancando até eles e sentou-se por uns momentos. Para quaisquer propósito práticos, seu comando estava chegando ao fim. Poderia ter recursos para uns minutos mais. Estava gravemente ferido na coxa, que ainda sangrava lentamente. Assim estavam também três outros feridos.

Depois de uma pausa para respirar, Alfeu levantou-se firme para dar uma olhadela sobre a batalha. Os téspios tinham perdido considerável número de homens sob a implacável pressão dos persas. Os Imortais conseguiram manter um finca-pé no promontório e pelejavam para aumentar sua área. Demófilo foi acutilado por trás, morrendo com cinco ou seis ferimentos, mas Ditframbo assumira-lhe o posto. Reanimava os téspios e conduzia-os à frente, num esforço sobre-humano para varrer os persas diretamente da rocha e fa-

zê-los cair sobre as cabeças dos que estavam por baixo. Em face disso, Haidarnes em pessoa entrou na batalha com uma companhia de tropa fresca e depressa reconquistou o terreno perdido. Lentamente, os téspios eram empurrados para trás na direção da montanha, cedendo a duras penas cada palmo de terreno. Já não existiam mais homens que bastassem para assegurar o domínio daquele esporão rochoso e, à medida que se tornavam exaustos, suas baixas se tornavam mais rápidas. Os espartanos, ainda sentados, observavam a gradual retirada em direção a eles.

— Levantemo-nos, rapazes, e consigamos enrijecer nossa última fibra, disse Alfeu. Em um minuto chegará a nossa vez.

Os téspios combatiam já ao fim, seu perímetro de defesa rompia-se gradualmente na medida de suas



Guerreiro Grego

baixas, até que, afinal, os persas romperam suas linhas, cercaram os restantes e os mataram. Restavam unicamente os espartanos.

Estes formavam um semicírculo, com base na escarpa rochosa atrás deles, a três e três de fundo, com seus mortos e agonizantes no centro. Haidarnes riu, quando os viu tão poucos. À sua direita, na passagem, podia ver Mardônio em seu cavalo, fremindo de raiva por não lhe ter sido possível fazer avançar seus homens entre a sólida massa de Imortais que os separavam do rochedo. Haidarnes afinal de contas, estava fazendo o seu cartaz às custas do marechal de campo.

Contendo seus homens por um instante, Haidarnes gritou através dos poucos metros que os separavam dos espartanos, tendo o cuidado de fazer com que sua voz fosse também ouvida por Mardônio.

— Jogai vossas armas ao chão e mãos ao alto! Não sereis mortos se vos renderdes.

Que triunfo sobre Mardônio se

Haidarnes pudesse presentear Xerxes com uns cinquenta prisioneiros espartanos. Gritou de novo em seu mau grego:

— Não sereis molestado se vos entregardes agora!

Como resposta, um espartano da primeira fila deliberadamente cuspiu nêle e um outro, que ainda tinha uma lança perfeita, lançou-a contra êle, ferindo um oficial ao lado de Haidarnes. Mardônio deveria estar sorrindo ante isso, compreendeu êle. Apressadamente, antes que um mensageiro pudesse chegar com uma ordem do marechal de campo, Haidarnes conduziu o último assalto aos espartanos.

Os fatigados, batidos e sangrentos espartanos reuniram suas últimas reservas para fazer face ao assalto e contê-lo. Eles já se consideravam nada mais nem menos do que mortos, mas haveriam de liquidar tantos persas quanto pudessem. As escarpas da montanha, atrás, faziam repercutir os surdos ruídos de gritos e o estalar das espadas nos escudos e armaduras. Homem após homem, o semicírculo da resistência diminuía, mas os persas mortos faziam pilhas três vezes mais depressa do que os espartanos. Alfeu tombou afinal, acutilado até à morte e pisados pelos Imortais em seu avanço de polegada a polegada. Trinta espartanos ainda combatiam, depois vinte e, por fim, uma dúzia, com suas costas quase na parede da montanha. Evitando um golpe de espada em sua cabeça, Maro olhou rapidamente sobre os ombros para ver se estava chegando muito perto da borda do precipício. Nisso deu com os olhos em Dienécio, que se erguia, com as mãos e os joelhos, de uma poça de seu próprio sangue.

— Levantai-vos, Dienécio! gritou Maro. Ficaí de pé, rapaz!

Cegado pelo sangue e meio inconsciente, Dienécio ouviu e balançou-se sobre os próprios pés. Perdida a espada, perdido o escudo, as pernas falhando em se manterem têsas, apanhou uma pedra do tamanho de uma cabeça e arremessou-a, por entre dois espartanos, a fim de atingir a cara do persa mais próximo. Logo em seguida, tombou de novo e morreu.

Os últimos quatro espartanos, com as costas para montanha, porreando sangue da cabeça aos pés, sem os escudos, com as espadas quebradas ou arrancadas de suas mãos, combateram os sitiados persas com os próprios punhos até serem mortos.

Mais tarde, nesse dia, Xerxes atravessou a cavalo o passo das Termópilas. Viu as pilhas de cadáveres de persas marcando a posição do primeiro ataque matinal, quan-

(Conclui na pag. 110)

Cartas à Redação

Conclusão da pag. B

bido em São Paulo precisamente nos dias em que se casou.

PAULO ELIZIO TREVISANI — PRESIDENTE PRUDENTE — SP

Parte das notícias que aparecem na seção de cinema depende da chegada, a esta Redação, do noticiário fornecido pelas próprias companhias produtoras e distribuidoras. E, já que o redator encarregado não pode prever quando será lançado um filme anunciado, é natural que, ocasionalmente, as notícias "fiquem velhas". Quanto ao lamentável engano a respeito do filme de Grace Kelly, prende-se a um erro de interpretação do mesmo redator, ocasionado por aquela mesma razão — e conjugado com ela.

RECEBI com surpresa e bastante satisfação o primeiro número da assinatura semestral que me foi oferecida como prêmio, no concurso instituído por essa revista. Com a presente, trago a V. Sas. os meus sinceros agradecimentos e quero enaltecer a realização desse concurso.

Lendo toda a revista para poder julgar o que mais me agradava, tornei-me, a partir de então, um leitor assíduo de todas as suas seções. Hoje, posso dizer que, ao invés de ganhar um, ganhei dois prêmios: a assinatura e uma fonte de cultura, pois tinha o hábito de ler somente algumas seções especiais, de interesse particular. Digo agora, sem receio de errar, que não conheço nenhuma outra revista que a essa se equipare.

OSMAR L. V. GENÓFRE — RIO

CONSIDERO ALTEROSA a melhor revista brasileira, quer na sua parte moral, quer na parte educacional e, sobretudo, pela sua orientação sadia e cristã, coisa rara nos dias presentes.

MABEL GOMES MENDES — OLINDA — PE

Oferecimento de Colaborações

SABENDO que V. Sas. sempre desejam apresentar a seus leitores os mais variados e selecionados artigos, venho oferecer a essa distinta revista a minha colaboração. Poderei fornecer a V. Sas., entre outros, artigos versando sobre assuntos históricos, educativos, sociais e outros de interesse geral.

JORGE GLOBIG — BLUMENAU — SC

Aceitamos colaboração espontânea dos leitores, sob a condição de podermos submetê-la à apreciação de uma Comissão, e sempre com a ressalva de que não devolvemos os originais, em hipótese alguma.

O DIREITO DE TEMPERAR-SE

A **ESCULTORA** americana Janet Scudder estava modelando a cabeça de um velho parisiense que usava e abusava do alho na sua alimentação. Como resultado, ele rescendia um cheiro tão forte que a escultora sentia-se mal, e tinha dificuldade para concentrar-se no seu trabalho.

Eventualmente, descobriu que as balas de hortelã eram boas para neutralizar o cheiro do alho e, por isso, entrou a chupá-las em grande quantidade. Certa manhã, notou que o modelo estava com jeito de doente, e perguntou-lhe:

— O senhor está sentindo alguma coisa?

— Olha, senhorita, se você deseja que eu continue a posar, terá de dar um sumiço nestas malditas balas de hortelã. É o cheiro delas o que me faz passar mal!

a Felicidade
À SUA ESPERA!



HÉLIO

Um
novo
milionário
cada
semana

LOTERIA DO ESTADO
DE MINAS GERAIS

A NOSSA LOTERIA

SEVERO ESCRÚPULO NA GESTÃO DA COISA PÚBLICA

Em sua primeira mensagem à Assembléia Legislativa, o Governador Bias Fortes fixa diretrizes e expõe os propósitos do seu governo — A agricultura e a pecuária como base da expansão da economia mineira.



Governador Bias Fortes

“A FIDELIDADE a certos princípios de moral política, de que dá testemunho a nossa conduta no exercício de vários postos de administração, parece bastante para assegurar que nos desviaremos da linha do mais severo escrúpulo na gestão da coisa pública”. Com essas palavras, o Governador Bias Fortes iniciou a sua primeira Mensagem à Assembléia Legislativa do Estado, Mensagem que se distribui por várias páginas, focalizando detalhadamente as diretrizes e os propósitos do seu governo.

Acentuando o seu propósito de manter e fazer manter uma linha de severo escrúpulo na gestão da coisa pública, declarou o governador de Minas, ainda no início da introdução à sua Mensagem, que “o prestígio das instituições democráticas impõe aos homens que as servem, no Governo ou em outros postos de representação popular, o dever de não transigirem com interesses privados, em detrimento das verdadeiras conveniências coletivas”.

Em seguida, em palavras ligeiras, mostrou êle a necessidade de perfeito entendimento político para se garantir a sorte da democracia no Brasil e, passando a falar do seu respeito aos direitos da oposição, deixou bem claro que não se mostra nem se mostrará envaidecido pela vitória, frisando: “Não conquistamos o poder para hostilizar aos que ontem estiveram contra nós, mas que poderão, amanhã, trazer lealmente, à Administração que constituímos, a ajuda da sua cooperação em benefício da terra mineira. Que continuem êles a dissentir da orientação dos Partidos Coligados. É natural que assim procedam. Mas que não se recusem a Minas os serviços de tantos homens eminentes, que as circunstâncias colocaram em campo político que não é o nosso”.

Concluindo a parte inicial, garantiu o governador a sua impermeabilidade às insinuações do ódio partidário, como o melhor meio de conservar a confiança dos mineiros e de preservar a autoridade moral da alta magistratura que vem exercendo, por delegação expressa do povo.

Com o propósito de “não esconder certas verdades ainda mal percebidas por grande parte dos mineiros”, passou o governador a tratar da exportação desordenada das matérias-primas do nosso subsolo, dizendo-se confortado com o empenho das classes produtoras do Estado em defender os interesses fundamentais da nossa economia. “Cumpre-nos acentuar — declarou, a propósito — que a exploração das jazidas mineiras é um assunto para o qual precisa o Governo voltar interessadamente as suas vistas. Se é verdade que a êsse assunto estão vinculadas as exigências do desenvolvimento geral do Brasil, não é menos certo que a elas vem sendo sacrificado o futuro de Minas”. Base da solução desse problema seria, disse êle ainda, a reforma do Código de Minas, de maneira a favorecer tôdas as regiões do país onde existam matérias-primas indispensáveis à indústria de base, acrescentando: “Minas não pode recusar ao Brasil uma parte das riquezas do seu subsolo. Mas não deve renunciar ao direito de também instalar no seu território as indústrias que se nutrem das nossas reservas minerais”. Justificando essa afirmação, a Mensagem mostra, no mesmo capítulo, que organizações industriais sustentadas com a matéria-prima de procedência mineira contabilizam uma receita superior a tôda a arrecadação do nosso Estado.

“Não estamos falando em nome do atual Governo, ao fim do qual consideraremos encerrada a nossa passagem pela vida pública — disse ainda, ao mesmo propósito. — Formulando êste apêlo, nós o fazemos em nome da comunidade mineira, que, votada permanentemente ao serviço do Brasil, espera que os detentores transitórios do poder façam justiça aos seus sentimentos de profunda identificação com os interesses impessoais da Pátria comum”.

A agricultura e a pecuária, consideradas como básicas para a solução do problema da expansão da economia mineira, tiveram particular atenção do Sr. Bias Fortes nessa Mensagem, na qual êle promete tudo fazer para restaurar aquelas duas

fontes de riqueza pública e privada e, acentuando a sua descrença nos nossos processos burocráticos, anuncia: "Ofereceremos à consideração dessa augusta Assembléia, resumido em projeto de lei, o nosso ponto de vista sobre a criação de uma sociedade de economia mista, que, em estreita colaboração com a classe rural, ponha em prática as medidas indispensáveis à revitalização da nossa economia agro-pecuária". E acrescenta, mais adiante: "Estamos convencidos de que transformada em lei essa proposição, daremos um passo à frente no sentido da mobilização dos recursos com que a natureza nos dotou. É de salientar-se que o problema da conclusão das obras empreendidas na administração passada, do Frigorífico de Carreira Comprida e da Fábrica de Fertilizantes de Araxá, há de encontrar nessa nova organização os elementos indispensáveis ao seu solucionamento".

Passa em seguida a conjugar o problema anterior com o da eletrificação da zona rural e dos transportes, acentuando: "Levanta-se um verdadeiro clamor, no Estado inteiro, em torno da questão da deficiência do nosso sistema de comunicações, uma vez que a Central do Brasil vive em função do transporte de minérios para os parques metalúrgicos sediados fora de Minas" — para dizer, mais adiante: "É indispensável, pois, que a União colabore mais eficazmente na remodelação e aparelhagem das estradas de ferro que cortam o nosso território, a fim de que elas possam, de fato, atender às necessidades do desenvolvimento da economia mineira".

Tratando, logo após, da construção e pavimentação de estradas de rodagem, como auxiliares das vias férreas deficientes, conclui S. Exa. o capítulo referente aos transportes, chamando "a atenção dos homens públicos de Minas e do País para uma questão que é nacional e não mineira, ou seja, a navegação no São Francisco". E anuncia as gestões junto ao Governo Federal e à Comissão do Vale do São Francisco para o início da barragem das Três Marias, "que, uma vez realizada, resolverá o problema da navegação do Médio e do Baixo São Francisco, além de trazer consideráveis vantagens para o aproveitamento econômico da região".

No capítulo seguinte, trata o Sr. Bias Fortes da necessidade de nova discriminação de rendas, para que se "atribua um quinhão mais justo aos Municípios e às Unidades Federativas". E afirma: "Esta é uma questão em face da qual os Estados e Municípios não podem continuar indiferentes. O Congresso Nacional precisa estabelecer as normas de uma partilha de rendas que, acudindo à deficiência da receita das Unidades Federadas, reorganize em novas bases o sistema de distribuição das rendas internas".

Frisando a responsabilidade da Assembléia Legislativa a esse respeito, considera de urgência que se ponha "térmo à prática da votação de orçamentos deficitários", se se deseja, como está dito mais adiante, "conduzir os negócios públicos com lucidez e bom senso".

Expondo a urgente necessidade de revisão do regime tributário vigente em Minas, passa, a seguir, a explicar o sentido da compressão de despesas determinada pelo Governo, mostrando, por outro lado, a sua preocupação de melhorar o aparelho fiscalizador e arrecadador.

No mesmo tom, expõe S. Exa. o problema orçamentário dos municípios, e diz, a certa altura: "A tentação de realizar obra de fachada vem empolgando o ânimo de alguns administradores municipais, que, não tendo a previdência de acumular recursos, para a execução de serviços mais indispensáveis, malbaratam a receita em melhoramentos adiáveis e não produtivos".

Acentua, então, o propósito do Governo de auxiliar as prefeituras do interior, através de empréstimos, na construção de obras destinadas a criar relativo conforto para as populações.

Passa, logo após a tecer considerações a respeito das cidades hidriáticas, que ficaram, com a opção do Governo do Estado, em pé de igualdade com os demais Municípios, acentuando: "Se, de um ponto de vista puramente teórico, lucraram elas com a orientação adotada, viu-se o Governo Estadual na contingência de não interferir, sob qualquer pretexto, nos negócios que se deslocaram para a órbita exclusiva da autonomia local".

Após mencionar os acontecimentos mais significativos dos primeiros meses do seu governo, o Sr. Bias Fortes registra as visitas recebidas pelo Estado e passa a falar da visita que fez ao Estado do Espírito Santo, atendendo a um convite do governador Francisco Aguiar, ocasião em que se trataram de problemas administrativos que interessam aos dois Estados.

Focaliza, então, o seu propósito de dar solução à questão de limites com o Espírito Santo, fazendo notar que "o desencontro de opinião com referência aos limites não teve força para comprometer os vínculos de fraterna amizade que nos ligam ao povo do Espírito Santo". Relatando o que já se tem feito a esse respeito, conduzidas as gestões pelo Sr. José Ribeiro Pena, Secretário do Interior, diz adiante o Sr. Bias Fortes: "Estamos convencidos de que o momento é mais do que oportuno para que se elimine esse ponto de atrito nas relações administrativas entre dois Estados tão ligados um ao outro pela afinidade de formação política e espiritual". E acentua, em conclusão: "Seria desnecessário acrescentar que a solução da pendência de limites entre Minas e o Espírito Santo influiria benéficamente nas condições gerais da vida política do País, atuando como exemplo de que o sentimento de compreensão e concórdia é ainda uma das forças que disciplinam a conduta dos responsáveis pela sorte do Brasil".

Com relação aos vínculos históricos e geográficos que ligam os Estados de Minas e da Bahia, S. Exa. teve oportunidade de tecer considerações, concluindo por noticiar os entendimentos mantidos com o governador Antônio Balbino no sentido de se assinarem "convênios que permitam aos dois Estados resolver em ação conjunta os problemas de interesse recíproco".

Tema seguinte da larga exposição é o apoio que tem o atual Governo de Minas assegurado ao Sr. Juscelino Kubitschek em virtude do compromisso assumido pelo povo mineiro, "quando se tornou árbitro da competição eleitoral que elevou à suprema magistratura da República o ilustre homem público deste Estado", "com ele cooperando permanentemente para o êxito do seu programa de consolidação da normalidade democrática e restauração do equilíbrio econômico-financeiro". Afirmando que "Minas responde perante a opinião brasileira pelo resultado desse esforço a que se entrega o Sr. Presidente da República", conclui S. Exa.: "Acredita-se que Minas não pode trair a sua vocação histórica, que tem consistido, acima de tudo, na defesa da ordem e da tranquilidade da vida nacional. Hoje, mais do que nunca, corre-nos o dever de uma rigorosa vigilância contra as forças de desagregação que nos ameaçam. A atitude do Governo Mineiro, prestigiando as instituições e apoiando sem reservas a ação do Presidente da República, é a única que o Brasil impõe, nesta hora, aos que desejam realmente servi-lo".

(Conclui na pag. 114)

Páginas da História

Conclusão da pag. 106

do Mardônio fizera uma arremetida com milhares de homens. Mais tarde, um ajudante tomou as rédeas de seu nervoso cavalo e conduziu-o através da mal cheirosa desordem dos locais dos primeiros dois dias de batalha, onde os espartanos derrotaram Os Imortais e os outros gregos puseram em debandada os etíopes, os assírios, os bactrianos, os cáspios, os cínrios e todos os demais. Xerxes passou a cavalo sobre as ruínas do muro, que havia sido novamente demolido para dar passagem na direção do acampamento grego, indo até o promontório rochoso em que os espartanos e téspios fizeram sua derradeira resistência. Parecia mais uma montanha de corpos, com as rochas da base quase cobertas pelos cadáveres.

Xerxes refeitou seu cavalo e ficou olhando os mortos, perplexo pelas baixas que lhe tinham custado a abertura da passagem. Quantas batalhas como essa teria ainda de travar antes de conquistar a Grécia? Depressa, porém, seus modos se alteraram.

— Trazei-me a cabeça do comandante deles! disse a Mardônio, que cavalgava a seu lado.

Mardônio passou a ordem a um de seus ajudantes. Rei e marechal de campo observavam em silêncio enquanto um oficial subia cuidadosamente o promontório e abria caminho por entre os mortos para chegar ao topo. Viram-no parar e remexer corpos, à procura daquele que desejava. Viram-no arrancar a espada e golpear com força, duas ou três vezes, aquilo que jazia a seus pés.

Retornou até Xerxes e entregou-lhe a cabeça de Leônidas, segurando-a por seus bastos cabelos. Xerxes encarou amargamente a cabeça do morto. Sob sua máscara de sangue, afigurava-se pálida e magra. Mas os olhos estavam abertos e pareciam fixar-se em Xerxes.

Xerxes contemplou por muito tempo, com a ira subindo inutilmente à garganta. Esse homem, com poucos soldados, havia atrasado por sete dias o maior exército e maior rei em todo o mundo.

Quando Xerxes pôs-se de novo em movimento, a cabeça de Leônidas era transportada, na ponta de uma lança, à frente dele. O exército persa, em formação de marcha, dirigia-se para o sul, em demanda de Atenas e, depois, de Esparta.

No coração de Xerxes, todavia, pesava a amarga suspeita de que, forçando o passo das Termópilas, havia perdido o tempo que, finalmente, o faria perder a guerra.

E, assim, seis meses mais tar-

de, tal suspeita se confirmou.

Os gregos mortos nas Termópilas foram sepultados no próprio passo. Os espartanos juntos em um túmulo; os demais aliados em um outro. O túmulo dos espartanos ficava próximo do promontório, onde fizeram sua resistência final. Sobre ele, na própria rocha, um monumento foi erguido depois da guerra. Em honra de Leônidas, era uma estátua, em tamanho natural, de um leão, que se voltava para o lado da passagem em que os persas tinham chegado. Em sua base foi gravado este epitáfio para os espartanos:

IDE E DIZEI A ESPARTA
QUE CUMPRIMOS NOSSA MISSÃO
E MANTIVEMOS O PASSO
ATÉ O ÚLTIMO HOMEM!
— RODERICK MILTON

O Direito de Ouvir

QUANDO está ouvindo a música que lhe agrada o maestro Arturo Toscanini alheia-se ao mundo, e não deixa coisa alguma diminuir a riqueza daqueles momentos de pura apreciação artística.

Antes da última guerra, quando ainda morava na Itália, foi visitado pelo violinista Yehudi Menuhin, que ia executar uma tocata especialmente para ele. Quando o violinista começou a tocar Toscanini ficou extasiado. Era todo ouvidos para a belíssima interpretação, e no recinto tudo havia silenciado para fazerem-se ouvir somente as notas do instrumento.

A dado momento, o encanto foi quebrado pelo tilintar insistente do telefone. Menuhin não teve idéia do que devia fazer. Toscanini teve. Apanhou uma tesoura, inclinou-se para um lado e cortou o fio do aparelho. Isto feito, reclinou-se de novo na poltrona como se nada houvesse acontecido, e voltou a imergir-se nas ondas musicais do violino.

Mãos Interpretadas

SEGUNDO alguns estudiosos, a mão larga revela grande visão, bom senso, e diversidade de tendências por parte de seu dono. Quanto a mão comprida e estreita, afirma-se que corresponde ao indivíduo sonhador e revela certo egoísmo.



Algo novo...

Bolinhos de arroz!

Misture bem

- 1 ovo batido
- 1 xíc. de leite
- 1 xíc. de arroz cozido
- 3 colheres de manteiga derretida



Peneire juntos e adicione à primeira mistura



- 1 1/2 xíc. de farinha de trigo
- 5 colheres (chá) de Fermento em Pó ROYAL
- 1/2 colher (chá) de sal
- 2 colheres (chá) de açúcar



Misture tudo rapidamente. Encha 2/3 partes dos moldes previamente untados. Deixe cozer em forno moderado, durante 30 minutos. É o suficiente para 12 bolinhos.



Você terá bolinhos mais leves e saborosos, pois a ação uniforme do fermento em Pó ROYAL proporciona sempre os melhores resultados.



Caixa de Segredos

Conclusão da pag. 101

BORBOLETA MINEIRA — O que você tem, minha querida, é necessidade de um pouco mais de energia materna. Sua mãezinha talvez não saiba ainda o risco que corre deixando-a assim, inteiramente livre em seus delírios juvenis. Não que eu seja contra a liberdade que a mulher deve ter para decidir das coisas de sua vida sentimental, mas simplesmente porque você ainda não tem idade suficiente para usar essa liberdade com critério e discernimento que só os anos nos trazem. Todas as suas decepções partem desta liberdade excessiva e temporânea que lhe concede sua mãe. Fosse você minha filha, e não teria tanto de se gabar, e muito menos de se lamentar pelo que tem recebido de desilusões. Pergunte à sua mãe se não tenho razão, mas conte-lhe, antes, tudo que me disse em sua carta.



A Lei Dêle Era...

Conclusão da pag. 2

ferentes. A polícia da Cidade do México reservou-se o direito de julgá-lo em primeiro lugar por ter atirado contra Pineda. Em seguida, o entregará para outros julgamentos. Espera-se que Tinajero, que tem agora 26 anos, será sentenciado (no México não tem pena de morte) pelo menos a 384 anos de prisão, como castigo por todos os seus crimes.



O Nizam Está...

Conclusão da pag. 6

traídas por êle. De saída, o Nizam pagou uma soma mirabolante, superior a 160 milhões de cruzeiros ao câmbio de 35, e o Príncipe prometeu emendar-se. O fato, porém, é que a emenda não consertou o soneto. Dentro do prazo de 12 meses o Príncipe tinha feito dívidas num montante de 500.000 dólares excedentes à sua mesada. Ai, o Nizam deu o basta. Disse que o filho de Azam, de 23 anos e atualmente na Inglaterra, é quem vai ser o herdeiro do Nizam. Ao mesmo tempo fez anunciar num jornal que, a partir daquela data quem emprestasse dinheiro a seu filho Azam «teria de arcar as consequências do seu próprio ato, e responsabilizar-se por suas próprias perdas. «E' que eu já não sou homem rico» acrescentou o pobre do Nizam «tudo o que eu tenho está imobilizado em palácios e obrigações financeiras».

A VOZ DO BRASIL

COMPILAÇÃO DE
NEIL R. DA SILVA

• Ah, sexo frágil de meus dias! Quando eu tinha dez anos (e não faz muito tempo) fazia a cara mais espantada dêste e do outro mundo se via uma mulher guiando automóvel, e hoje não me espanto nem se vejo um automóvel guiando uma mulher... As polícias femininas pululam por toda parte e a força da lei torna-se muito mais coercitiva se tem a exercê-la cassetetes perfumados salpicados de pó-de-arroz...

SANDRO PEREIRA REBEL
FOLHA DO POVO — CAMPOS — RJ

• Não é apenas para deixarmos de ser completamente analfabetos que vamos para a escola, não senhores. A escola é o cadinho onde se fundem e se misturam os grandes ideais que, concretizados, irão tornar mais amena, mais salutar, mais condigna e dignificante a vida não só de uma família mas, especialmente, de um povo.

N. J. RODRIGUES
JORNAL DA MANHÃ — PONTA GROSSA — PR

• Em regra, quase todas as atitudes hostis exercidas pelos homens públicos contra o poder constituído são represálias que simbolizam a insatisfação, por não terem sido atendidos em exigências demasiadas. Acontece que ainda somos profundamente imperfeitos e por isso oferecemos um vasto campo para que o egoísmo se desenvolva livremente.

MANOEL ALVES QUADRADO
DIÁRIO DA TARDE — CURITIBA — PR

• Crédito colocado em mãos de atividades especulativas gera males. Ao passo que pôsto à disposição da produção força o restabelecimento do necessário equilíbrio. Enfim, crédito sem seletividade será sempre inflacionário.

DIÁRIO DE S. PAULO — SP

• Enquanto em torneios fúteis
Discutem os maiores,
O preço das coisas úteis
Vai dando saltos mortais.

DJALMA ANDRADE
ESTADO DE MINAS — BELO HORIZONTE

• Não é de admirar que o governo seja um condensador de crises, se o próprio partido do Presidente da República é quem puxa a fieira da desordem política.

O GLOBO — RIO

• Em vez da instalação do dissídio, que é a «greve jurídica», recorrem as entidades sindicais à paralisação do trabalho, trocando as soluções legais pelos métodos de força ou outras formas de imposição da vontade. Convém não esquecer que as fórmulas jurídicas são impostas pela civilização. Desprezá-las seria regredir.

DIÁRIO CARIOCA — RIO

• Estamos todos sentindo hoje, mais do que nunca, que o prestígio das instituições democráticas impõe aos homens que as servem, no governo ou em outros postos de representação popular, o dever de não transigirem com interesses privados, em detrimento das verdadeiras conveniências coletivas.

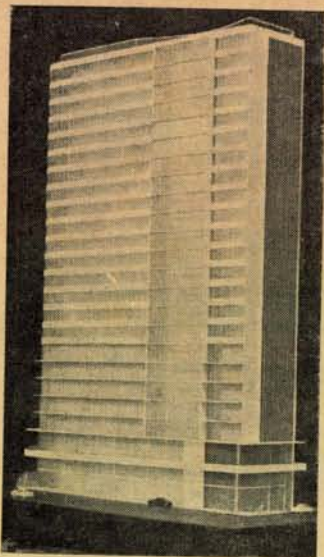
GOVERNADOR BIAS FORTES
MENSAGEM À ASSEMBLEIA LEGISLATIVA

• O PSD acabou sentindo a falta da UDN, porque, organicamente, ambos são iguais e se completam como duas metades de laranjas.

HENRIQUE PONGETTI
O GLOBO — RIO

• Se ao operário é assegurado um mínimo elevado e a partir daí o seu trabalho é remunerado na medida justa do esforço que dá à empresa a qual contribui ainda com uma quota parte igual à dêle, operário, para a previdência social, não há razão para fazer recair nos ombros do empregador obrigações maiores. As garantias excessivas com que as nossas leis cercam o empregado têm resultado numa verdadeira indústria de indenização, com graves prejuízos para a produção nacional.

GENIVAL RABELO
REVISTA "PN" — RIO



A CIDADE CRESCCE PARA O ALTO

*Fotografia da ma-
quete do novo e im-
ponente edifício que
será construído pe-
la Cia. de Seguros
Minas-Brasil.*

**Nova e majestosa obra arquitetônica,
para servir de sede à Cia. de Seguros
Minas-Brasil — A maior área construída
da Capital.**

CRESCENDO "para cima", por força da necessidade de se reduzirem as distâncias e a perda de tempo de locomoção, o centro comercial de Belo Horizonte propriamente dito vem ganhando um aspecto cada vez mais acentuadamente característico de cidade moderna, com a aparência urbana só comparável à das maiores metrópoles do mundo inteiro. Esse desenvolvimento se processa com dinamismo e intensidade tamanhos que quase a cada dia se verifica o início ou a conclusão de construções novas, criando um patrimônio urbanístico valiosíssimo não só pelo valor intrínseco de cada um dos seus elementos, mas, principalmente, pelo valor de conjunto.

Agora mesmo, com o futuro início da construção do edifício-sede da Cia. de Seguros Minas-Brasil, Belo Horizonte vai ganhar nova e majestosa obra arquitetônica, que marcará uma etapa no desenvolvimento da cidade. Concebido e projetado pelo arquiteto mineiro Ulpiano N. Munis, o edifício terá uma área construída de 20 mil metros quadrados, em 25 pavimentos, em linhas rigorosamente modernas e funcionais, seguindo as últimas concepções da experiência urbanística. Terá, aliás, a maior área construída de Belo Horizonte, se não se levar em conta o gigantesco conjunto residencial e burocrático que se vai erguendo na Praça Raul Soares. O custo da construção está estimado em 100 milhões de cruzeiros, algo elevado, é certo, devido às minúcias arquitetônicas e funcionais de que será dotada, dentre as quais vale como exemplo a fachada do prédio, que será quase que totalmente de vidro, proporcionando iluminação natural a todas as suas áreas.

O edifício-sede da Cia. de Seguros Minas-Brasil, que ficará situado na confluência das Avenidas Afonso Pena e Paraná e Rua dos Caetés, servirá, além de suas funções específicas, para consolidar ainda mais a posição invejável da grande empresa de seguros privados, cuja linha de expansão decorre do largo descortínio e da ponderável bagagem de experiência que apoiam a ação dos seus diretores, Srs. José Oswaldo de Araújo, Carlos Luz, Aggeio Pio Sobrinho e José de Magalhães Pinto. Com efeito, o novo prédio servirá de marco importantíssimo do progresso da Capital Mineira e, em particular, da companhia de seguros, que já se firmou como das mais sólidas do país. Vai ser assim o edifício-sede da Cia. de Seguros Minas-Brasil, cuja construção se iniciará dentro de alguns meses.

Severo Esscrúpulo na Gestão...

Conclusão da pag. 109

O Governador Bias Fortes concluiu a introdução à sua primeira Mensagem à Assembléia Legislativa agradecendo os testemunhos de solidariedade com que os Srs. Deputados têm prestigiado a atual administração, tornando menos árdua a sua tarefa. E termina: "Estamos certos de que o vosso patriotismo esclarecido e vigilante continuará a concorrer para que se mantenham inalteradas as relações de harmonia e entendimento entre os poderes do Estado, sem prejuízo das prerrogativas de independência de cada um deles. Somente assim poderemos ser dignos do exemplo daqueles que nos precederam no exercício das funções a que fomos elevados pelo voto dos mineiros".

* * *

Terceira Edição de «Encantamentos»



A CABA de sair, em terceira edição, "Encantamentos", volume de versos de Nabor Fernandes, vitorioso poeta de Marquês de Valença (RJ), já bastante conhecido do público e da crítica brasileiros. Contendo o melhor da obra do poeta, "Encantamentos" é como um límpido espelho de sua alma inspirada, e teve, por isso mesmo, a mais carinhosa acolhida, da parte dos seus admiradores, fato que fica suficientemente provado pelo aparecimento de mais esta edição.

"Encantamentos" pode ser pedido diretamente ao seu autor, através da Caixa Postal 52, em Marquês de Valença.

* * *

O Valentão da Antártida

A FOCA é o grande pirata da Antártida, e faz do pinguim a sua vítima principal. Quando surpreende um pinguim dentro d'água, este está com os minutos contados. Crava suas presas fortes como aço na pata da ave, e arrasta-a para o fundo do oceano. Segundos depois, a operação está concluída, e apenas os despojos da vítima boiam na superfície. A foca depena o atacado com uma rapidez impressionante, e com a mesma ligeireza devora-o, e lança fora os seus ossos; o pinguim desaparece mas, em coisa de instantes, a sua pele, o bico, as patas e as nadadeiras estão flutuando sobre o mar vermelho de sangue.

A foca é, inquestionavelmente, um animal de rapina que assoma de imprevisito, vinda das profundezas marinhas, e cai sobre as aves pousadas no oceano. Seu único inimigo é uma espécie de golfinho pequeno e manchado de branco, que ataca a torto e a direito qualquer coisa que se movimenta dentro d'água.

* * *

Amar é bom; ser amado, melhor; um é servir; outro é ser senhor. — Provérbio espanhol.

O Enigma dos Macacos

NO Chile existe uma árvore maliciosa que faz lembrar a Esfíngie mitológica. Ela é um enigma para os macacos que a vêem, passam perto dela, e param enfeitiçados e curiosos com os detalhes do seu aspecto.

Os símios dão meia-volta, obliquam a cabeça para um lado e outro, fecham a cara, e fazem toda e qualquer tentativa para encontrarem uma solução. Tentam subir na árvore, fazem força, mas não o conseguem. Ficam possuídos da maior cólera deste mundo, dão pulinhos de raiva, e expressam a sua impotência com gritos estridentes. Acabam batendo em retirada, profundamente decepcionados, com os pêlos eriçados e a boca soltando as pragas mais impubescíveis.

Esta árvore parece um verdadeiro saco de manhas e artimanhas. Seu tronco e seus ramos têm escamas imbricadas (superpostas umas sobre as outras, como as telhas de um telhado) e são, naturalmente, apontadas para baixo. Tem o talhe reto de uma palmeira, e os seus 15 ou 20 metros de altura são constante desafio para os macacos. Eles ficam se coçando de vontade de morderem as escamas novinhas, de se empanturrarem com as sementes gostosíssimas, de beliscarem os brotinhos que acabam de nascer. Tentar subir eles tentam. Dão grandes saltos para atingir aquelas delícias que os tantalizam, mas as escamas são lisas como vidro, e não «dão pé» para as suas patas impacientes. Caem sobre a sua zona traseira com um barulho fôfo, esfregam-se, coçam a cabeça, mas acabam ficando humilhados debaixo da árvore maquiavélica.

Ora, a coisa mais dolorosa para um macaco é encontrar alguma coisa mais sagaz do que ele. E quando isso acontece, o que lhe resta fazer senão retirar-se, pensando nas delícias inatingíveis e mal-dizendo a árvore astuciosa?

A desdita dos símios é completa. Não podem sequer subir noutra árvore mais acessível para dela saltarem ao tronco do objeto de suas investidas. Não podem porque a árvore manhosa gosta da solidão, e só floresce isolada de qualquer companhia.

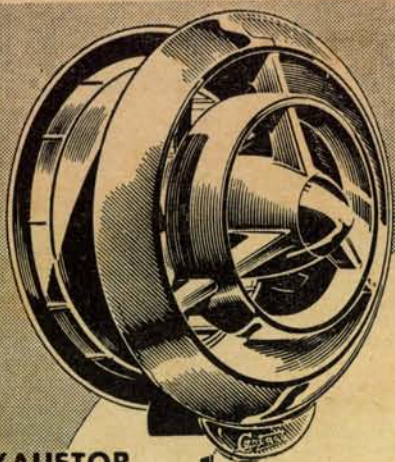
Os sábios, com as suas observações precisas, deram a esta árvore a denominação científica de «araucaria imbricata», e a classificaram na família das coníferas, da espécie dos pinheiros. Os ingleses, com o seu senso de humor aplicaram-lhe o apelido de «Monkey puzzle», o enigma dos macacos. O que, aliás, é uma excelente denominação. — GEORGE WEDOVE.

Doença de Gênio

A HISTÓRIA tem demonstrado que a maioria dos grandes pensadores tem sofrido a dispepsia. Calvino sofreu-a, juntamente com insônia e enxaquecas. Como remédio, fazia abstinência de alimentação e bebida, e tomava apenas uma pequena refeição de vinte e quatro em vinte e quatro horas.

Técnica Primitiva

OS raios solares formam o mais antigo sistema empregado para a conservação de alimentos. Foram utilizados pelos povos mais primitivos da terra a fim de conservarem frutas, peixes e carnes.



O EXAUSTOR

Contact

ajuda a conservar
sua casa limpa e
agradável

- Expele a fumaça, os vapores gordurosos e o cheiro das frituras.
- Mantém o ambiente fresco e agradável.

LANARI MINAS S.A. — Com. Ind.
Rua Tupinambás, 372 - Tel. 2-7010 - B. Hte.



Champion

A pulseira que
"faz" o relógio!

Você jamais viu pulseiras de relógio tão originais... tão elegantes... tão em moda! Escolha a sua pulseira entre as mais recentes criações CHAMPION para cavalheiros e senhoras. À venda nas boas relojarias



Champion

Fabricada nos EUA por
Jacoby-Bender, Inc., Nova York

Edição 54-2

ALTEROSA

PARA A FAMÍLIA DO BRASIL

Publicação quinzenal da
SOC. EDITORA ALTEROSA LTDA.

ADMINISTRAÇÃO

Av. Afonso Pena, 941 — 4º andar
— Ed. Sul América — Fones: Gerência:
2-4251; Redação: 2-0652 — Caixa
Postal 279 — End. Teleg. "ALTERO-
SA" — Belo Horizonte — Estado de
Minas Gerais — Brasil.

SUCURSAL NO RIO:

Diretor: Ulisses de Castro Filho
Rua da Matriz, 108 — Conj. 503 —
Fone: 26-1881.

REPRESENTANTE EM SÃO PAULO:
Newton Feitoza — Rua Boa Vista, 245
3º andar — Fone: 33-1432

ASSINATURAS:

2 anos (48 números) Cr\$ 350,00
1 ano (24 números) Cr\$ 180,00
1 semestre (12 números) ... Cr\$ 90,00
Estes preços são mantidos para todos
os países do continente americano,
Portugal e Espanha. Para os demais
países, vigoram os seguintes preços:
US\$ 7,00 para 2 anos, US\$ 4,00 para 1
ano e US\$ 3,00 para seis meses. As as-
sinaturas começam sempre com a pri-
meira edição de qualquer mês. Paga-
mento por meio de cheque, vale postal
ou carta registrada com valor declara-
do. As assinaturas do exterior po-
dem ser pagas em carta de crédito,
cheque ou vale postal internacional
cobrável em Belo Horizonte ou no Rio
de Janeiro.

VENDA AVULSA:

Em todo o Brasil Cr\$ 8,00
Portugal e Colônias Esc. 10,00
Número atrasado Cr\$ 10,00

Diretor — Miranda e Castro
Vice-diretora — N. M. Castro

ARTE: — Augusto Resende, Eduardo
de Paula, Euclides L. Santos, J. C.
Moura e Jerônimo Ribeiro.

SEÇÕES: — Cristiano Linhares, Gas-
par de Alencar, Gilberto de Alencar,
Leonor Telles, Maria Madalena, Neil
R. da Silva, Oscar Mendes e Vinícius
de Carvalho.

FOTOGRAFIAS: — Augusto Cardoso,
José Nicolau, Nivaldo Correia e Stú-
dio Constantino.

A redação não devolve originais, ain-
da que não sejam aproveitados, não
aceita fotografias sociais para publi-
cação e não mantém correspondên-
cia com autores de trabalhos que não
tenham sido solicitados.

Os conceitos emitidos em artigos as-
sinados não são de responsabilidade
da direção da revista.

CONTINUIDADE

GILBERTO DE ALENCAR

NÃO é nada, não é nada, atin-
ge, com esta, a um cento o
número de crônicas publica-
das na última página, aqui da re-
vista por este seu criado, muito
obrigado ou por este seu criado
Matias, como era de uso dizer-se
antigamente, embora não se fôs-
se Matias, mas João, Antônio ou
Joaquim. Hoje ninguém se diz cria-
do e muito menos obrigado, por-
que todos querem ser patrões e
não há quem julge dever obriga-
ção a quem quer que seja. Estas
eram afinal fórmulas de polidez,
e a polidez, como se sabe, se não
parece ter desaparecido de todo,
transformou-se muito e mostra
presentemente uma cara bastante



diversa daquela que foi a sua, quando se conversava em público, e as senhoras, de chapéu na mão. Verdade é que o chapéu, tam-
vai sendo abolido, o que já é outra história, que não possui a me-
relação com aquilo de que venho falando.

Venho falando é destas crônicas, que agora são cem, muito
contadas, ainda que talvez não se vá a tanto a soma dos leitores q
acaso tenham, coisa que no caso não importa, visto referir-me à q
dade e não à qualidade. E se esta é mofina, ou mesmo de todo im-
tável, já aquela não deixa de ter lá o seu merecimento. Centenári
centenário.

Refiro-me à quantidade, mas o certo é que, pensando direit
não será ela tão grande assim, principalmente se comparada ao qu
este escriba de profissão vem publicando, de cinquenta e um anos a es
parte, em jornais da província para ganhar a vida. Tê-la-ia ganho muit
melhor na plantação de batatas, consoante o célebre conselho que deram
a Aluizio Azevedo, no Maranhão, logo que saiu o seu primeiro livro
e ao qual ele não prestou ouvidos, preferindo a pena à enxada.

A mim não me deram, de comêço, semelhante conselho, por
estou em que também não o seguiria, o que demonstra não ser sempre
verdadeiro aquele negócio de que "o pepino se torce de pequenino".
Há pepinos que, para seu próprio mal, e às vezes para mal de terceiros
não torcem nunca. Mais certo, não obstante sem rima, é o provérbio
segundo o qual "o pau que nasce torto jamais se endireita".

Dos que escrevem sem cessar para as folhas públicas costuma fela
se que andam perdendo tempo e que mais útil lhes fôra escrever
nos, escrevendo livros, com o que substituiriam a quantidade pela qua-
dade. A observação seria justa se de livros se pudesse viver no Bra-
longe do grupo que no país tomou conta a viva força da coisa literári-
dela não consente que ninguém chegue perto.

Alguém perguntará a esta altura:

— E pode viver-se, então, de escrever em jornal?

Responderei, de mim, pela afirmativa, dependendo tudo do mo-
de vida a que se entregue o interessado.

O que não se pode é enriquecer, porque tal, se acontece a certo
donos de jornal, não é para o bico dos assalariados que fazem a folha
Mas isto, por igual, já é história diferente.

O escriba impossibilitado de ganhar o pão de cada dia publicand
livros, pôsto que apenas sofreíveis, procura ganhá-lo queimando os mi-
los diariamente nas mesas de redação ou mesmo em casa, no modest
escritório. Do saco, a embira.

Resulta, do acima exposto, que a famosa justiça social, de qu
tanto se gabam os seus autores e aproveitadores, ainda não protegeu o
amparou o operário intelectual, porque trabalho, trabalho mesmo, para
ela, é só o das mãos, calosas ou não. O do cérebro não conta ou é tido
como esforço sem valor.

Voltemos, entretanto, às crônicas desta última página. Não é nada
não é nada, chegaram agora a cem, com esta, o que lhes dá de certo
modo a importância da continuidade, fato digno talvez de nota neste
tempos em que tudo se inicia e quase nada prossegue, salvo determi-
nados erros e desvios, que continuam e continuarão. Dado este recad
que afinal ninguém encomendou, resta sair para outra centena, se
tanto ajudar a saúde precária e os janeiros numerosos.



PARA AS PERNAS: PARA PERNAS ÁSPERAS, IRRITADAS PELO FRIO INTENSO OU QUEIMADAS PELO SOL, MASSAGENS COM ANTISARDINA N. 3 RESERVA O PRIMITIVO FRESOR DA PELE.



PARA O COLO E PESCOÇO: PARA EVITAR A FLACIDEZ DOS TECIDOS DO PESCOÇO E EMBELEZAR A PELE DO COLO, UTILIZE ANTISARDINA N. 2 DURANTE O DIA. PROTEJA-SE COM ANTISARDINA N. 1.



PARA OS OMBROS: NA CORREÇÃO DAS IMPERFEIÇÕES DA PELE DOS OMBROS, FAÇA LEVE MASSAGEM COM ANTISARDINA N. 3, ATÉ SER O CREME TOTALMENTE ABSORVIDO.

**troque um minuto diário
por beleza e saúde!**

Apenas um minuto diário... e ANTISARDINA transforma seus encantos naturais em motivos de inveja e admiração!

ANTISARDINA é um creme de beleza cientificamente preparado com 3 fórmulas distintas. ANTISARDINA nutre as células, limpa e clareia a epiderme! É uma garantia de beleza e saúde da pele!



PARA AS MÃOS: ANTISARDINA N. 1, À NOITE OU AO SAIR, PROTEGE AS MÃOS EVITANDO QUE FIQUEM ÁSPERAS OU VERMELHAS. APLIQUE ANTISARDINA N. 3 PARA REMOVER MANCHAS E ASPEREZAS.



PARA O ROSTO: ANTISARDINA N. 1, EXCELENTE BASE PARA PÓ, PROTEGE A PELE SÃ CONTRA O APARECIMENTO DE IMPERFEIÇÕES. PARA ELIMINAR SARDAS, MANCHAS, ESPINHAS, ETC, APLIQUE ANTISARDINA N. 2.



PARA OS BRAÇOS: AS VERMELHIDÕES E ASPEREZAS, TÃO COMUNS E QUE ENFEIAM TANTO A PELE DOS BRAÇOS, COM ANTISARDINA N. 3 DESAPARECEM FÁCILMENTE.

Antisardina

O SEGRÊDO
DA BELEZA
FEMININA



VOCÊ PODERÁ SENTIR UMA LEVE REACÇÃO INICIAL ÀS PRIMEIRAS APLICAÇÕES DE ANTISARDINA NAS FÓRMULAS 2 E 3. ESSA REACÇÃO, NATURAL E BENÉFICA, DESAPARECERÁ COM O USO DIÁRIO DO MODERNO CREME REVITALIZADOR DAS CÉLULAS DA EPIDERMIE.

SIGA À RISCA AS INSTRUÇÕES DA BULA QUE ACOMPANHA CADA POTE DE ANTISARDINA

JÁ PENSOU
NO SEU
PRESENTE
DE NATAL?

Não é preciso pensar muito,
para tomar a decisão
mais acertada : ofereça
UM PRESENTE DE CLASSE *
— um presente que o fará lembrado
por muito tempo — aproveitando
as vantagens do excepcional plano
de assinaturas de Festas que ALTEROSA
idealizou para Você.

(Veja detalhes nesta edição).

ALTEROSA

* uma revista de classe,
para pessoas de gosto

